

## **O caso José Hermano Saraiva – o comunicador**

**GUILHERME AFONSO GOMES LOPES**

Projeto Audiovisual submetido como requisito parcial para obtenção de Grau de Mestrando em  
Jornalismo

Orientadores:

Professora Doutora Júlia Leitão Barros

Professor Ricardo Real Nogueira

ESCS Outubro, 2022



## Declaração de compromisso anti-plágio

Declaro ser autor deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original e inédito que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das suas partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 19 de outubro de 2022

O candidato,



## RESUMO

O presente projeto descreve a atividade desenvolvida pelo seu autor na produção de um projeto de guião de documentário, sobre a figura e o contributo de José Hermano Saraiva na comunicação em televisão, designadamente na Rádio e Televisão de Portugal (RTP).

O guião de documentário abordará o caso José Hermano Saraiva na perspetiva de uma interação classificada como imaginada, a qual não pode ser isolada do contexto onde acontece. Pretende-se construir um projeto de documentário sobre o caso José Hermano Saraiva.

Desse modo, o objetivo do trabalho será atingido pela combinação das seguintes vertentes: a primeira centra-se na explicação do conceito de interação e identificação de situações de interação nos episódios dos programas apresentados por José Hermano Saraiva; a segunda tem o seu foco no projeto de documentário.

**Palavras-chave:** Documentário, Jornalismo, Investigação, Comunicação, Interação, José Hermano Saraiva

**Página em branco**

## **ABSTRACT**

The present project describes the activity developed by its author in the production of a script for a documentary project about the figure and contribution of José Herman Saraiva in TV communication, mainly for Rádio e Televisão de Portugal (RTP).

This project will approach the case José Hermano Saraiva in the perspective of a interaction classified as imaginary, that in turn cannot be isolated from the context that it occurs. It is intended to construct a project about the case José Hermano Saraiva.

As such, the objective of this work will be accomplished by the combination of the following variables: the first centers on the explanation of the interaction concept and the identification of the situations where the interaction takes place on the programs presented by José Hermano Saraiva; the second will focus on the documentary project.

**Keywords:** Documentary, Journalism, Investigation, Communication, Interaction, José Hermano Saraiva

**Página em branco**

*“Tentem comigo construir um programa coletivo”*

*José Hermano Saraiva*

# ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS.....	ix
ÍNDICE DE QUADROS .....	x
CARTA DE INTENÇÕES.....	xi
<b>PARTE I – PESQUISA E MATERIAL DE ARQUIVO .....</b>	<b>2</b>
1.1. A interação .....	3
1.2. A interação com o telespetador nos programas.....	6
<b>PARTE II – O PROJETO DE DOCUMENTÁRIO .....</b>	<b>12</b>
2.1. Apresentação.....	13
2.2. Logline.....	15
2.3. Sinopse .....	15
2.4. Personagens .....	15
2.5. Locais .....	20
2.6. Estrutura .....	23
2.7. Tratamento .....	24
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>38</b>
Anexo 1. - Estudo sobre o Documentário .....	39
Anexo 2. - Os estudos de caso .....	42
Anexo 3.- A biografia de José Hermano Saraiva .....	44
Anexo 4. - Sinópses dos programas de José Hermano Saraiva.....	57
Anexo 5. - Traços, Aspetos, características comunicacionais de José Hermano Saraiva .....	59
Anexo 6. - Quadros de análise dos programas.....	66
Anexo 7. - Fichas de Leitura .....	110

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Cartoon “Hermano I, o Firme” ( <a href="https://issuu.com/acabra/docs/acabra96">https://issuu.com/acabra/docs/acabra96</a> ) .....	47
Figura 2 - Fotografia de cena. José Hermano Saraiva apresenta o programa "O Tempo e a Alma", no Estúdio A do Lumiar.....	53
Figura 3 - Fotograma de José Hermano Saraiva, no areal da ilha de Porto Santo, do episódio “Praia dos Milagres” de <i>Horizontes de Memória</i> .....	56
Figura 4 - Fotograma de José Hermano Saraiva, sentado ao pé de um busto de Luís Vaz de Camões, em Macau, do episódio “Macau” de <i>A Bruma da Memória</i> .....	62
Figura 5 – Fotograma de José Hermano Saraiva no Elevador de Santa Justa, em Lisboa, no episódio “Almoço com a História” de <i>Horizontes de Memória</i> .....	64
Figura 6 – Fotograma de José Hermano Saraiva no Museu Municipal de Loures, no episódio “Cultura Popular” de <i>Horizontes de Memória</i> .....	65

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Planeamento da gravação proposto para o documentário.....	28
Quadro 2 – Análise da interação com a audiência nos programas de José Hermano Saraiva.....	66
Quadro 3 – Análise das expressões nacionalistas nos programas de José Hermano Saraiva.....	91
Quadro 4 - Análise das frases/expressões que glorificam/dão protagonismo a figuras históricas nos programas de José Hermano Saraiva.....	97
Quadro 5 – Análise sobre as personagens históricas referidas nos programas de José Hermano Saraiva...	108
Quadro 6 - Tipos de Montagem proposto por Vicent Amiel (Seixas & Baptista, 2020) .....	121
Quadro 7 – Proposta de esquematização para a análise da identidade e motivações do realizador no documentário biográfico (Seixas & Baptista, 2020) .....	122

## **CARTA DE INTENÇÕES**

Quarenta anos a falar da História de Portugal na Televisão é um feito. Por si só é prova de longevidade. É invejável, motivo de interesse e de curiosidade. A procura das razões que pudessem dar a chave de leitura que permitisse compreender a longevidade fruto do sucesso ou o sucesso traduzido na longevidade, motivou-me para a construção deste projeto de documentário, que entendo de interesse académico e do público em geral. Acresce, ainda, a coincidência de passarem 10 anos da morte do apresentador José Hermano Saraiva e o facto de em 2021 o seu primeiro programa, “O Tempo e Alma”, ter feito 50 anos.

O projeto de documentário irá abordar a interação, que José Hermano Saraiva procurava estabelecer com os telespectadores. Na frase “Tentem comigo construir um programa coletivo”, o apresentador como que abre uma porta a uma relação de proximidade e de colaboração, uma procura de interação imaginada. Para além disso, realço a forma emotiva como comunicava com os telespectadores.

Como fonte documental, utilizei uma amostra do extenso legado televisivo do apresentador que se encontra nos Arquivos RTP, o qual permitiu perceber e identificar uma série de traços, aspetos e características do apresentador. A variedade de temas/assuntos que José Hermano Saraiva abordou nos seus programas, bem como, a sua maneira de ser e estar em frente às câmaras foi uma constante.

Darei voz a figuras com diferentes valências e pontos de vista, designadamente de historiadores, comunicadores, técnicos, gestores na área da comunicação e público sobre o “caso” José Hermano Saraiva. Os protagonistas escolhidos relacionam-se com este tema por: terem estudado e se especializado em áreas que Saraiva aborda nos seus programas; os seus programas serem concorrentes temáticos com os programas de Saraiva; terem sido responsáveis pelo controlo e aprovação para transmissão dos programas de Saraiva; terem sido elementos da produção dos programas; terem com ele uma relação de proximidade familiar; ou, simplesmente, por terem visto os programas de Saraiva.

Este trabalho pretende apresentar uma proposta de documentário expositivo. Através dos fragmentos retirados de episódios dos vários programas de Saraiva e das entrevistas, a presente proposta centra-se num ângulo, que serve de suporte ao projeto de documentário audiovisual. Quero mostrar o tipo de interação que o apresentador tinha com os telespectadores. Não sendo uma interação no verdadeiro sentido do termo, farei uma abordagem ao conceito.

Embora este projeto seja apelativo para uma audiência mais madura, pretende-se atingir outros segmentos etários. O público-alvo será constituído por gente adulta interessada numa reflexão sobre a televisão e sobre as figuras televisivas. O foco será em aspetos, traços características pessoais distintivas, designadamente a interação com o telespetador, que possam ter contribuído para a longevidade dos programas televisivos. Neste sentido, creio que será interessante a realização deste documentário sobre legado televisivo de José Hermano Saraiva e, no futuro, gostava de fazer outros documentários, sobre figuras com longas carreiras televisivas, como Júlio Isidro, Fernando Pessa, Fernando Mendes, Eládio Clímaco, entre outros.

De referir, ainda, que atualmente muitos dos programas exibidos não têm continuidade com novas temporadas. Enquanto que, no caso de José Hermano Saraiva, os seus programas foram exibidos durante muito tempo. Espero com este documentário contribuir para essa reflexão, para o revisitar e para a preservação de programas de televisão antigos e de sucesso. Entendo que é uma área ainda pouco explorada.

O arquivo da RTP está quase completo, no que diz respeito a José Hermano Saraiva. Mas, para quem ainda assim não conheça Saraiva, este documentário pode ser um “*jumping on-point*” perfeito para o compreender. Um ponto de partida para novos telespectadores, que não conheçam os programas, nem o apresentador.

Creio ser a pessoa certa para transformar esta ideia em documentário. Tenho a motivação, a capacidade e acredito ser o momento certo para concretizar este projeto. Fica a iniciativa na expectativa do apoio.



## **PARTE I – PESQUISA E MATERIAL DE ARQUIVO**

É importante em qualquer trabalho estabelecer uma base teórica que sustente a perspetiva a abordar. O mesmo se verificando no caso deste projeto de documentário de cariz jornalístico.

Tendo como objetivo compreender as razões que possam justificar o facto de os programas de José Hermano Saraiva terem permanecido em exibição, na televisão portuguesa durante muitos anos, e com base na análise dos episódios apresentados, vários fatores surgiram como hipótese de resposta. Entre os quais entendi destacar a interação com o telespetador.

Sendo a interação com o telespetador o cerne do trabalho, é fundamental explicitar o conceito de interação segundo vários autores abordando, posteriormente, a interação que José Hermano Saraiva cultivava nos seus programas com os “telespectadores”, tal como gostava de os apelidar.

## **1.1. A interação**

Quando se fala em terminologia, é necessário contextualizar. A evolução social, entendida como um fenómeno de mudança que só é perceptível a longo prazo, pois é o resultado cumulativo de um conjunto de mudanças sociais, contribui para o aparecimento de novos valores, modelos de comportamento ou conceitos.

Alguns conceitos, entendidos e até utilizados como sinónimos sofrem a sua evolução em função da mudança social. Quando se fala em público, audiência e telespetador, estes conceitos são muitas vezes utilizados como sinónimos. Na verdade, e a título de exemplo, Rocha (2006) o termo público é mais geral do que o termo audiência. Assim, procurei clarificar alguns conceitos importantes para este trabalho, recorrendo a alguns autores.

Para McQuail (2000), audiência inclui todos aqueles que são atraídos por um conteúdo específico. Acrescentando que a audiência pode existir como um “alvo” imaginado ou como um grupo de recetores intencionais.

Por seu lado, Sorlin (1994), baseando-se em Tönnies (1955), afirma que os media, muitas vezes, acabam por ser fatores de coesão social, “locomotivas” da vida social, criando uma proximidade simbólica com a audiência.

“Racionalidade, neste aspecto, consiste em usar os media como sinais, ou símbolos, e criar uma identidade de grupo à volta de um meio. Ao manter esta possibilidade para interação imediata, os jornais ou estações televisivas participam na criação de uma proximidade simbólica” (Sorlin, 1994:55).

Este autor aproveita ainda para lembrar que a experiência subjetiva de cada um, ao usar um determinado meio, é algo que não pode ser descrito com facilidade. No entanto, é importante compreender a relação que é estabelecida entre um comunicador e a sua audiência.

“A relação entre o emissor e o recetor é central em qualquer consideração do conceito de audiência dos media. Ao contrário do contacto cara-a-cara, as comunicações mediadas (e especialmente “mediadas pelas massas”) envolvem sempre uma distância espacial e social entre os participantes. (...)” (McQuail, 1997:109).

McQuail (1997) afirma que é importante ter em conta que os comunicadores nos media tendem a considerar-se com respeito pela audiência. Esta pode variar de uma relação muito positiva, em que procuram o contacto ativamente, para uma negativa ou uma atitude defensiva, face à influência ou necessidades da audiência.

Muitas vezes, os comunicadores, apresentadores, jornalistas ou outros intervenientes consideram a audiência como uma ameaça à sua performance. Ao mesmo tempo, a audiência também pode experienciar problemas na sua relação com os comunicadores, no entanto muito é acautelado pelas “definições não escritas” das situações, por informação, e pelas lições da experiência do dia-a-dia (McQuail, 1997:111).

“(…) No entanto, sabemos que as pessoas nas audiências, muitas vezes, têm uma atitude ativa perante um tipo particular de media, comunicadores ou mensagens. Eles podem estar altamente envolvidos e o nível de envolvimento emocional pode aproximar-se com o de relações humanas normais.” (*Ibidem*, 1997:111).

Além disto, McQuail também menciona que pode ocorrer uma “manipulação da participação da audiência”, descrevendo os esforços, por parte dos media, no controlo ativo da relação com a audiência (*Ibidem*, 1997:117).

“(…) Não é suficiente ‘colocar mercadorias para os clientes que passam, eles têm de ser atraídos ao bazar’ e em relações pessoais com as personalidades mediáticas e os eventos. Torna-se parte dos objetivos e capacidades do comunicador para atingir este efeito. Os objetivos principais são primeiro atrair a atenção e depois promover sentimentos de envolvimento pessoal da parte da audiência.” (*Ibidem*, 1997:117).

Igualmente importante são as classificações que McQuail faz sobre os diferentes modelos de relação entre o apresentador/comunicador com a audiência.

McQuail (2000) identifica três modelos alternativos da relação audiência-emissor: a audiência como alvo; a audiência como participantes; e a audiência como espectadores.

No primeiro caso, o autor explica que no momento em que a relação com a audiência é um alvo, o processo comunicacional é considerado principalmente como “o envio de sinais ou mensagens ao longo do tempo com o propósito de controlo ou influência” (McQuail, 2000:377).

Quando a relação entre a audiência e o emissor é entendida como participante, McQuail, citando o modelo ‘ritual’ ou ‘expressivo’ (Carey, 1975), define a comunicação em termos de partilha e participação, aumentando a semelhança entre o emissor e o receptor (McQuail, 2000:377). Neste caso, a comunicação não é primordialmente instrumental ou utilitária, mas sim normativa. A audiência é meramente participante.

Por último, a audiência é entendida como espectador. Neste caso, a fonte não pretende procurar a transmissão de crenças ou informação, mas “captar a atenção da audiência, independentemente do efeito comunicativo” (*Ibidem*, 2000:377). A atenção da audiência como espectador é envolvente, mas não dura muito tempo. O que implica que não exista uma “transmissão de significado”, partilha ou aprofundar dos laços entre o emissor e o recetor (Elliott, 1972).

Ainda relativamente à interação, Berlo (1991) refere que existe uma relação de interdependência na interação, onde cada agente depende do outro, influencia o outro, isto é, a ação de um provoca uma reação do outro ou dos outros. Segundo este autor, essa interdependência varia em grau, qualidade e de contexto para contexto. Assim, a interação consistiria no facto de o comportamento de cada individuo se tornar estímulo para o outro. A interação televisão-espectador não pode ser isolada do contexto social onde acontece (Arruda, 2015: 78).

Não menos importante é a forma como a interação se aplica na prática, como influencia o discurso do apresentador. Konkov e Solomkina (2021) afirmam, ao analisarem parte do programa de televisão *Besogon TV*, que quando o apresentador lê o texto, ele atualiza o seu aspeto pictórico, enfatizando as suas características semânticas. O espectador pode não perceber imediatamente, mas o apresentador, “através da sua entonação, explica a ação discursiva com fragmentos verbais, que são imediatamente seguidos por uma frase acompanhada de sons e imagens” (*Ibidem*, 2021).

Além das técnicas de discurso, tem também de existir uma harmonia com os gestos corporais. Santos et al. (2015) afirmam no seu estudo que um dos maiores desafios que apresentadores, pivots e repórteres enfrentam hoje em dia é recolher informação numa forma simples e agradável para o espectador, agrupando os respetivos textos, o mais perto possível da narração coloquial, com movimentos corporais em harmonia com os recursos de voz.

Também afirmam que o aperfeiçoamento com exercícios de articulação, cadência de discurso, tom e volume vocal, permite que o trabalho discursivo de repórteres seja mais natural, perto do coloquial e que aproxima o espectador (Santos et al., 2015: 389).

Com base nestes autores, procurou-se analisar a forma como José Hermano Saraiva comunicava, a linguagem verbal e gestual utilizada, facilitadora da compreensão dos temas dos episódios.

## **1.2. A interação com o telespetador nos programas**

Tendo como ponto de partida a análise e os autores referidos anteriormente, analisou-se a forma como José Hermano Saraiva comunicava nos seus programas com a audiência (os telespetadores). A sua linguagem verbal e gestual, aliada à forma simples do discurso captava a atenção e permitia a fácil compreensão dos temas dos episódios. Contudo, a forma como discursava resultava do muito trabalho empreendido, através de décadas de experiência em frente a uma câmara, mas não só. Saraiva teve outras plateias às quais se dirigiu enquanto político, professor e advogado.

A simplicidade dos programas, despojados, quase sem adereços (Saraiva, 1971) era compensada por um discurso vivo, ilustrativo, repleto de detalhes, que “apanhava” o telespetador (Castrim, 1971) e dava espaço à imaginação.

Para a longevidade dos seus programas contribuiu o seu sucesso junto dos telespetadores, consubstanciado em vários fatores, designadamente os traços, aspetos e as características comunicacionais de José Hermano Saraiva. Farei referência a estes aspetos com enfoque na interação com o telespetador.

José Hermano Saraiva foi autor de 15 programas televisivos, totalizando 976 episódios, entre 1971 e 2012. Com base nestes programas e dada a sua quantidade foi feita uma seleção do material de arquivo. Esta amostra foi constituída de uma forma meramente aleatória. Escolhi dois programas em cada década (exceção ao programa *A Alma e a Gente*, feito entre 2003 e 2011, que representa as décadas de 2000 e de 2010) e dois episódios em cada um deles.

Selecionei os seguintes episódios *O Tempo e a Alma* – “A Espada de Ferro” e os “Os Celtas e os Iberos”; *Gente de Paz* – “Diálogo” e “Quem Vai e Quem Vem”; *História das Cidades* – “Leiria” e “Lamego”, *Coisas do Mundo* – “A Educação” e “O Terrorismo”; *A Bruma da Memória* – “Tomar” e “Macau”; *Horizontes de Memória* – “Almoço com a História” e “Cultura Saloia”; *A Alma e a Gente* – “Uma Fundação, Dois Fundadores” e “A Mensagem de Pessoa”. A análise destes episódios pode ser consultada em detalhe no Anexo 6 deste trabalho.

Nos programas selecionados, é possível verificar aspetos como o apelo à consciência coletiva, ao sentimento de pertença, ao espírito nacionalista, o enaltecer de figuras e feitos históricos nacionais, a procura de interação com o telespetador, a exemplificação com recurso a objetos, o dramatismo empregue no discurso e a utilização repetida das mesmas expressões.

No episódio “Diálogo”, do programa *Gente de Paz*, podemos encontrar o apelo de Saraiva à consciência coletiva e ao sentimento de pertença está presente na afirmação:

"Todo o nosso passado, pertence a todos nós por igual. Todo o nosso presente estamos a vivê-lo, a comungá-lo por igual. E todo o nosso futuro, somos responsáveis perante ele por igual" (Saraiva, 1978).

No episódio “Quem Vai e Quem Vem”, do programa *Gente de Paz*, o apelo de Saraiva ao espírito nacionalista está presente na afirmação:

"O que a escola conseguir fazer do Homem Português, na capacidade de construir, de inventar, de planear de novo. Isso será o país que nós conseguiremos ser amanhã. O triste país dos colonos analfabetos ou dos bacharéis desempregados. Ou a nação autora de si mesma, responsável pelo seu destino. A nação que se constrói e que encontra sempre a rota nova. A solução diferente que lhe permite nas novas condições do mundo sobreviver." (Saraiva, 1979).

Nesta afirmação é possível observar aquilo que Anderson (2013) referia como a imortalidade das nações, em que o nacionalismo substitui o religioso “que converte o acaso em destino” (*Ibidem*, 2013: 39).

No episódio “Tomar”, do programa *A Bruma da Memória*, Saraiva enaltece a figura e os feitos históricos nacionais do Infante D. Henrique:

"O Infante D. Henrique, o grande papel histórico dele foi transformar a guerra do corso na exploração científica que levou ao descobrimento do Mundo (...) Por isso a cidade de Tomar tem muito orgulho na memória do Infante. Ergueu-lhe uma estátua. E há toda a razão para isso. Ele está ligado por muitos motivos à cidade. Foi ele quem fez construir este lindíssimo claustro em que nos encontramos. E mais! Devem-se-lhe o primeiro arranque industrial (...) Foi ele quem regularizou o curso do rio (...) Foi ele quem, pela primeira vez, imaginou a povoação racional. A Tomar de seu tempo não era a de labirintos medievais. Vista do alto, parece desenhada a prancheta (...) Com ruas retas. É um plano moderno!" (Saraiva, 1993).

Assim, o apelo à consciência coletiva, o enaltecer de figuras e feitos nacionais, com o emprego de emotividade e algum dramatismo no discurso, Saraiva motiva a reação, a interação

dos seus telespetadores. Logo, estes aspetos, identificados na análise da amostra de episódios, estão relacionados com a interação, o que, nesta perspetiva, justifica a breve abordagem supra realizada a alguns deles.

Para além dos aspetos referidos anteriormente, da análise da amostra de episódios dos programas realizados por José Hermano Saraiva, destaquei, como foco deste trabalho, a interação com o público, um dos aspetos que Saraiva sempre prezou.

No entanto, tal como referi quando abordei o conceito de interação, esta tem que ser entendida como construída com um grupo imaginado, os telespectadores do programa, do qual faz parte e com os quais Saraiva interage, recorrendo à ideia de reciprocidade.

É possível verificar a procura de interação com o telespetador nos seguintes episódios. Os excertos dos episódios apresentados seguem o critério da ordem cronológica de exibição dos programas.

“A Espada de Ferro”, o primeiro episódio de *O Tempo e a Alma* nos Arquivos RTP, Saraiva dedica grande parte do programa a situar o espetador no período temporal abordado, recorrendo a expressões como: “Aquele escudo de que eu falei no último programa”; “Uma réplica muito exata daqueles que vimos”; “Recordem-se de que no último programa (...)”. Com estas expressões, Saraiva interpela o espetador, apela à sua ação no sentido de o fazer recordar o que aconteceu no episódio anterior (Saraiva, 1971a).

“Celtas e Iberos”, José Hermano Saraiva, sentado numa secretária e rodeado de artefactos do Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa, afirma que “um dos autores do programa de hoje é o senhor que assina A. A. Carvalho, que me diz ser estudante e que, pelo envelope, presumo ser de Lisboa” (Saraiva, 1971b). No mesmo episódio, para falar um pouco sobre o povo Celta, Saraiva também utiliza uma réplica, em ferro, de uma espada Celta, enviada por um dos telespectadores. Um ponto comum que se iniciou nesta época, e que continuaria para os anos seguintes, é a regularidade com que José Hermano Saraiva utilizava expressões “tenho junto de mim”, “recordam-se de que no último programa” ou “temos aqui”, que mostram uma vez mais a componente de interação com o público (*Ibidem*, 1971b). Neste episódio Saraiva faz referência à correspondência que recebia dos telespetadores em reação aos seus programas, atribuindo-lhes assim a possibilidade de participar.

Quer neste episódio, quer no episódio “Diálogo” (1978) do programa *Gente de Paz*, José Hermano Saraiva atribuiu o sucesso à interação com o público:

“(…) Quando um programa [*O Tempo e a Alma*] consegue resultados deste género, eu posso dizer que esse programa realmente encontrou êxito. Pois bem, devo dizer que esse

êxito não se deve a mim. Não estou agora com falsas modéstias, estou a dizer inteiramente a verdade. *O Tempo e a Alma* foi realizado inteiramente na base das comunicações, das propostas, das sugestões que os telespectadores me comunicavam umas vezes falando comigo, outras vezes pelo correio. (...)" (Saraiva, 1978).

Mais uma vez, José Hermano Saraiva atribui o sucesso do programa a um trabalho conjunto, a uma parceria entre apresentador e telespetador.

O episódio (intitulado “Diálogo”), ficou a seguinte citação:

“(...) tentem realmente comigo construir um programa coletivo. Um programa que não seja o meu programa! Estas palavras "eu", "meu" são palavras muito antipáticas. Um programa que seja "nosso", que seja do meu interesse e do "teu", espectador que me ouves (...)" (*Ibidem*, 1978)

No mesmo episódio Saraiva refere a importância por ele dada ao contributo, “participação” dos telespectadores, reforçando a ideia de interação, a qual está expressa em palavras como “coletivo” e “nosso” ou de colaboração em palavras como “comigo”. Em todo caso a primazia seria colocada na relação espetador:

"(...) As coisas ditas aqui, toda a gente as fica a saber. É claro que eu também as ignoro e para isso conto convosco. Conto com as vossas cartas, com as vossas propostas, com as vossas críticas. Porque a crítica ajuda muito um programa (...)" (*Ibidem*, 1978).

Com este discurso, Saraiva apela à participação do espetador e a uma ideia de interação que contribuiu para o sucesso dos programas em resultado do trabalho conjunto de apresentador e espetador.

“Quem Vai e Quem Vem” (1979), programa *Gente de Paz*, Saraiva dirige-se a um público imaginário, apelando à sua memória:

"Eu no último programa, se os senhores telespectadores ainda se lembram (...)" (Saraiva, 1979).

No episódio “Leiria”, do programa *Histórias das Cidades*, relativamente à escolha da primeira cidade a apresentar, Saraiva pede ao telespetador que se coloque no seu lugar para compreender a sua escolha de Leiria. Segundo ele seria razoável entender que a primeira fosse aquela que nos “viu nascer”:

"Bom, nisto de 'Histórias de Cidades' alguma tinha de ser a primeira. E por onde é que eu devia começar. Eu peço ao sr. Telespetador que se ponha na minha posição (...)" (Saraiva, 1986).

No episódio “Almoço com a História” (1996), programa *Horizontes de Memória*, Saraiva diz:

“Gostava que fosse um programa coletivo. Um programa feito com a ajuda de todos. Cada um dos meus telespetadores diga, proponha, sugira assuntos, critique, emende (...)”

Ainda no mesmo episódio, Saraiva aproveita para responder a uma crítica endereçada pela audiência:

"Sobre emendas, queria dizer uma coisa. Quando fiz aquele programa em Tormes disse: 'Mas que diabo! Tormes. Onde vem isto de Tormes. Tormes, deve ser um francesismo'. Bom, imaginem vocês que eu já estive em Tormes (...) eu já li o Lazarillo de Tormes (...) eu li a Cidade e as Serras (...) Como é que foi possível eu chegar ali e dizer que não sabia o que era Tormes? Bom são estes lapsos que resultam do programa ser assim mesmo. Ser feito quando uma palavra me vem à boca sem cábulas, sem guiões (...) Isto é assim mesmo (...) Curioso que 40 e tantos telespetadores me escreveram a emendar essa asneira de Tormes (...) E eu fiquei muito contente" (Saraiva, 1996).

Também aqui a ideia do feedback dado pelos telespetadores através da correspondência enviada ao apresentador. De notar a indicação do número de telespetadores que, segundo Saraiva, lhe escreveram com o intuito de corrigir o seu erro e a satisfação que tal facto lhe causou. A referência às cartas é indicativa da resposta, da reação, da participação, ainda que à distância, que Saraiva procurava estabelecer com os telespetadores dos seus programas. A referência ao número de cartas recebidas pode ser entendida como uma referência ao quão significativa era a sua audiência a avaliar pela amostra de resposta que recebeu. O facto de ter afirmado o seu contentamento não é menos importante, pois pode ser entendido pelo destinatário, o seu público, como um convite à continuidade dessa ação.

No episódio “Cultura Saloia” (1999) Saraiva, ao introduzir o episódio, dirige-se aos telespetadores dizendo:

“Senhores telespetadores, o nosso programa de hoje é, de certo modo, diferente de todos os anteriores (...)” (Saraiva, 1999).

Neste episódio, mais uma vez refere-se ao programa como “nosso” procurando, desta forma, incluir os telespetadores, aguçando-lhes a curiosidade.

Por último, no episódio “Uma Fundação, Dois Fundadores”, do programa *A Alma e a Gente*, José Hermano Saraiva procura evidenciar a relação de proximidade com o seu público:

"O senhor telespetador já está a pensar (...) Estou no centro de Lisboa. Estou mesmo no coração de Lisboa (...) Aqui a 100 metros é a Praça de Espanha (...)” (Saraiva, 2003).

Ainda no mesmo episódio, Saraiva incentiva a reação dos telespetadores, apelando à sua capacidade de imaginação como forma de visualizar a antiguidade da Arménia. Balizando essa imaginação com o exemplo da Arca de Noé:

"[Descrevendo a Arménia como o "umbigo do mundo"] (...) Olhem, aquilo é tão importante. Tão importante que quando, como sabem, o nosso patriarca Noé (...) Quando as águas desceram, a Arca pousou em Arará. O monte Ararat é na Arménia (...) E diz a lenda que o primeiro rei da Arménia era filho do patriarca Noé (...) Imaginem como aquilo é antigo!" (Ibidem, 2003).

Assim, como acabei de apresentar, José Hermano Saraiva atribuiu o sucesso dos seus programas à interação com o público, a isso fazendo referência em vários excertos de episódios de diferentes programas. Tais como: “Celtas e Iberos”, do programa *o Tempo e a Alma* (Saraiva, 1971a); *Diálogo*, do programa *Gente de Paz* (Saraiva, 1978); episódio “Leiria”, do programa *Histórias das Cidades* (Saraiva, 1986); “Almoço com a História”, programa *Horizontes de Memória* (Saraiva, 1996).

Nestes episódios Saraiva afirmou que o sucesso dos programas se devia aos telespetadores, ao contributo de todos, às propostas, sugestões, críticas e correções enviadas. Para além disso, a ideia transmitida repetidamente de que o programa é “nosso”, procurando incluir todos num trabalho conjunto. As técnicas discursivas utilizadas, a emotividade colocada no discurso, o aguçar da curiosidade do telespetador para levar à sua participação, à interação, ainda que à distância fazem parte da envolvência que Saraiva procurava criar.

Para além da interação com o telespetador, a singularidade do discurso de José Hermano Saraiva inclui, como vimos, outros fatores, com análise detalhada nas tabelas incluídas nos anexos a este trabalho (Anexo 6).

Não menos importante é o seu historial. Para além de apresentador de programas de televisão, foi professor, historiador, advogado, deputado, ministro e diplomata. Algumas destas profissões têm em comum a vertente oratória, algo que Saraiva aprimorou ao longo do tempo.

## **PARTE II – O PROJETO DE DOCUMENTÁRIO**

## 2.1. Apresentação

O projeto final de Mestrado em Jornalismo aqui desenvolvido pretende ser uma proposta de guião do documentário sobre o caso José Hermano Saraiva. Para chegar a esta fase foi necessário recorrer a várias fontes, em que se destaca o documentário *José Hermano Saraiva* (RTP, 2011). Foram elaborados trabalhos preparatórios: de pesquisa em repositórios nacionais, bibliotecas e arquivos digitais; de investigação; de recolha e análise de informação; contactos com pessoas, mais adiante, identificadas como personagens do documentário; utilização de casos de estudo, como inspiração para a construção do documentário; reflexão e escrita, a qual, tratando-se de um projeto de documentário, estará em constante reformulação até ao seu momento final.

Considerando os tipos de documentário, elencados por Nichols (2001) e os pontos considerados essenciais na criação de bons documentários (Anexo 1), referidos por Jenkins (2022a), entendo que o modo expositivo se adequa ao documentário a realizar.

Os documentários expositivos são baseados em informações apresentadas de forma explicativa. Segundo Jenkins (2022b), o termo “exposição” significa “explicar” ou “descrever”, o que faz sentido porque os documentários geralmente têm por objetivo educar os espectadores sobre um determinado tópico ou questão. Um documentário expositivo tem como pontos chave: uma edição factual, normalmente direta e sem rodeios; tem um uso extenso da narração na terceira pessoa; e, normalmente, apresenta uma conclusão (*Ibidem*, 2022b).

No documentário expositivo a realizar pretende-se avançar e recuar na narrativa de cada tópico. O objetivo é fornecer ao espectador informações e contexto para o ajudar a compreender melhor o tópico.

Um documentário é um processo complexo, demorado, que requer tempo e preparação. A realização de um documentário tem custos, pelo que a sua concretização implica a obtenção de fundos que viabilizem a sua produção. Este trabalho não é mais que uma proposta do que pode ser feito e não existe sequer uma estimativa dos custos reais que pode implicar.

Até recentemente, muita da informação relativa à vida de José Hermano Saraiva ou aos programas que fez estiveram inacessíveis. Com a inauguração do *website* RTP Arquivos esta falha tem vindo a ser colmatada, através da disponibilização de um acervo digital que contém muita da programação feita pela Rádio e Televisão de Portugal (desde 1957) e ainda os programas radiofónicos da Emissora Nacional/Rádio e Difusão Portuguesa. Desta forma, permitindo às gerações vindouras o acesso ao espólio que o apresentador deixou na RTP.

Nesta proposta pretende-se problematizar o caso de uma figura que desenvolveu várias atividades no panorama nacional. Durante o período do Estado Novo destacou-se como político e ministro da Educação Nacional, mas foi também professor, historiador e advogado. Para este projeto importa, sobretudo, o seu papel como apresentador de programas de televisão na RTP, atividade que exerceu durante 40 anos. Foi presença constante na televisão desde finais da década de 50 até à sua morte, em 2012.

Ciente de que se trata de uma figura complexa e fortemente associada ao Estado Novo, para a sua longevidade enquanto apresentador na televisão pública contribuiu a forma hábil como recuperou a sua imagem no período pós-25 de Abril. Apesar do seu regresso à televisão em 1978 ter sido uma aposta de Vasco Graça Moura, enquanto diretor de Programas da RTP 1, conseguiu ao longo do tempo, nos seus programas, e de uma forma gradual, distanciar a sua imagem inicialmente associada ao antigo regime. Nos episódios do primeiro programa procurava suportar o seu discurso recorrendo a historiadores e arqueólogos. Mais tarde, passou a expor a sua opinião dando, inclusivamente detalhes da sua experiência pessoal de político, como no caso em que se referiu a um episódio enquanto ministro da educação (Saraiva, 2010), relacionado com a arca de Fernando Pessoa (Anexo 5). Enquanto que as alterações dentro da RTP permitiram que Saraiva voltasse, a longevidade dos seus programas tornou-se uma realidade, tal como a reabilitação pública da sua imagem. Para melhor enquadrar a personagem José Hermano Saraiva, apresento uma breve biografia nos anexos a este trabalho.

Neste documentário pretendo fazer uma abordagem diferente, baseada nos traços, aspetos e características encontrados na análise dos episódios, designadamente a interação que José Hermano Saraiva procurava estabelecer com o telespetador. Para atingir este objetivo, analisei uma amostra de episódios dos programas que Saraiva apresentou. Entre esses traços e características identificados, que detalho mais à frente nos anexos, destaca-se no seu discurso a utilização de expressões de caráter nacionalista, o enaltecer de figuras e feitos históricos nacionais, a exemplificação com recurso a objetos, o apelo à consciência coletiva, ao sentimento de pertença, a procura da interação com o telespetador, a utilização repetida das mesmas expressões ou vocábulos, a emoção e o dramatismo.

Considerando o conceito de interação abordado anteriormente, é necessário enquadrar o tipo de interação que José Hermano Saraiva estabelecia. Tratava-se da construção de um "grupo imaginado", os telespectadores dos seus programas, do qual faz parte e com os quais procurava interagir.

A interação que procurava estabelecer, a forma como o fazia, o deixar a porta aberta à participação do telespetador, o responder ao conteúdo das suas cartas, ao jeito de feedback, de

reação, é na minha opinião uma das principais características de José Hermano Saraiva, que ajuda a compreender o tipo de relação que estabelecia com a sua audiência e o sucesso que se traduziu na longevidade dos seus programas.

## **2.2. Logline**

Durante quarenta anos, José Hermano Saraiva apresentou programas culturais de cariz marcadamente histórico. Comunicador experiente, Saraiva procurou dar ao público o protagonismo nos seus programas. A humanidade, a emoção, o dramatismo, que colocava na apresentação, e a proximidade que tentava estabelecer com os seus telespetadores fez dele um apresentador diferente.

## **2.3. Sinopse**

O documentário “O caso José Hermano Saraiva: o comunicador e o seu legado televisivo” retrata a figura de José Hermano Saraiva, apresentador de programas na RTP desde inícios da década de 70 até aos anos de 2010. Uma retrospectiva sobre o apresentador e os seus programas, que pretende abordar a forma como Saraiva conseguiu captar a atenção do telespetador, atingindo uma longevidade invejável na televisão: mais de quarenta anos de programas regularmente emitidos. Para explicar este facto, o documentário explora a interação, mesmo que imaginária, entre o apresentador e os seus telespectadores.

Este projeto de documentário pretende ser um trabalho de educação e entretenimento. Pretende mostrar pessoas com diferentes perspetivas, apresentando um forte impulso narrativo e uma história que possa ser desvendada de forma atraente, levando a audiência a sentir como se estivesse numa viagem enquanto vê o documentário.

## **2.4. Personagens**

Este capítulo inclui uma breve resenha de algumas das pessoas que se pretende incluir no documentário. O seu testemunho é fundamental para a perspetivas de abordagem a José Hermano Saraiva e aos seus programas. Esta seleção inclui figuras da televisão portuguesa, historiadores, familiar e público.

Apesar de não pretender condicionar a participação dos entrevistados, as entrevistas incidem sobre o tema da interação que José Hermano Saraiva procurava estabelecer com os telespetadores dos seus programas, abrindo-se algum espaço à reflexão sobre o êxito e longevidade dos programas. No caso dos familiares é igualmente importante perceber a ideia que Saraiva transmitia em privado sobre a sua interação com os telespetadores.

Em primeiro lugar a figura principal.

**José Hermano Saraiva:** No que diz respeito à sua história de vida, nasceu em Santo Estevão, Leiria, a 3 de outubro de 1919, e foi professor, político, advogado, comentador e apresentador.

Após ter desempenhado vários cargos públicos, designadamente o de deputado e ministro da Educação Nacional, Saraiva deu os primeiros passos para se tornar um “homem da televisão”. O primeiro programa, *O Tempo e a Alma*, acabaria por ser um verdadeiro sucesso de audiências, servindo como “prova da preferência dos espectadores mais fiéis aos programas culturais” (Teves, 1998: 178).

Com o 25 de Abril, Saraiva afastou-se do olhar público até 1978. Durante este período escreveu diversas obras, sendo uma delas o livro “História Concisa de Portugal”, que se tornaria um *best-seller* (Saraiva, 2021). Em 1978, Saraiva regressaria definitivamente à RTP, com o programa *Gente de Paz*, que foi mais um sucesso de audiências. Com este, Saraiva permaneceria na RTP 1, RTP 2 e, mais tarde, na RTP Memória, durante 33 anos. Entre 1971 e 2012, ano da sua morte, foi autor de 15 programas, totalizando 976 episódios.

Saraiva foi uma personalidade complexa e dividiu opiniões. Num projeto de documentário como este, considero ser importante apresentar uma biografia mais detalhada (Anexo 3).

Relativamente aos entrevistados. Em primeiro lugar, a família:

**Rodrigo de Sá-Saraiva:** Filho de José Hermano Saraiva, nascido em 1957, professor universitário (Universidade de Lisboa) na Faculdade de Psicologia:

**José António Saraiva:** Sobrinho de José Hermano Saraiva, nascido em 1948, arquiteto e jornalista.

Pretende-se dar a conhecer a visão que Saraiva transmitia aos que lhe eram mais próximos, no caso os seus familiares, sobre a interação que procurava estabelecer com o seu público e se e como, em privado, lhe fazia referência. Pretendo perceber se, tal como manifestava nos seus programas o contentamento pelo feedback que recebia dos telespetadores, também, em privado, tal facto era digno de nota e observado pelos familiares.

Em segundo lugar, os elementos da produção dos programas que foram da autoria de José Hermano Saraiva:

**José António Crespo:** Produtor dos programas de José Hermano Saraiva desde os meados dos anos 90 até à sua morte, em 2012. Começou o seu envolvimento enquanto produtor em 1995, durante a segunda temporada de *Histórias que o Tempo Apagou* e supervisionou, além deste, a produção destes programas: *Lendas e Narrativas* (1995-1996); *Horizontes da Memória* (1996-2003); *Mitos Eternos* (2000); *A Alma e a Gente* (2003-2011); *História Essencial de Portugal* (2012).

**Diogo D’Almeida:** Produtor e Assistente de Produção nos programas de José Hermano Saraiva desde os meados dos anos 90 até à sua morte, em 2012. Esteve envolvido na produção dos seguintes programas: *Horizontes da Memória* (1996-2003); *Mitos Eternos* (2000); *A Alma e a Gente* (2003-2011); *História Essencial de Portugal* (2012).

**Nunes Forte:** Realizador nos programas que Saraiva fez com Crespo durante a produção com a Videofono (produtora dos programas de Saraiva a partir de meados dos anos 90). Nunes Forte foi realizador em programas como: *Horizontes da Memória* (1996-2003); *A Alma e a Gente* (2003-2011); *História Essencial de Portugal* (2012).

No caso destes três entrevistados, pretende-se perceber se a interação que José Hermano Saraiva procurava estabelecer com o telespetador era um objetivo colocado à priori pela produção dos programas ou resultava do improviso do próprio apresentador. Sem pretender condicionar as respostas dos entrevistados, dando espaço ao relato de situações por estes consideradas de interesse para clarificação de determinados aspetos, o foco será na interação, no tipo de interação que Saraiva estabelecia.

Em terceiro lugar, algumas figuras associadas à televisão consideradas pertinentes para a análise:

**Vasco Hogan Teves:** Profissional da televisão, tendo acompanhado a evolução da televisão em Portugal desde o início. Nasceu a 17 de dezembro de 1931, na vila de Sintra. Começou a sua atividade na rádio, onde se fez notar não só pela locução, mas também pela organização e metodologia de trabalho. Integrou os quadros da RTP em 1957, enquanto redator praticante, tornando-se ano e meio mais tarde chefe da secção de Cinema e Noticiários. Em 1959 passa a chefe da redação do Telejornal. Em 1969 assume a chefia da divisão de Programas de Informação e Atualidades. Em 1971 é nomeado diretor do Telejornal. Assumiu mais tarde funções noutras áreas da RTP.

Escreveu diversos livros sobre a história da RTP, sendo uma das suas obras citadas neste trabalho. Enquanto testemunho vivo da história da RTP, seria uma figura interessante para compreender o contributo de José Hermano Saraiva enquanto apresentador de programas que

tiveram uma longevidade invulgar para o seu tipo (cultural/histórico). Procurando-se perceber se a longevidade dos programas de Saraiva poderia estar associada às suas características, designadamente à interação com o seu público.

**Joaquim Letria:** Joaquim José Letria, nascido a 8 de novembro de 1943, jornalista português. Começou a sua carreira no *Diário de Lisboa* em 1961, tendo colaborado para as revistas *Flama*, os semanários *Tal & Qual* e *O Jornal*, para a *Associated Press*, para a emissora britânica *BBC* e para a *Rádio Clube Português*. Depois do 25 de Abril, integrou a RTP e trabalhou/colaborou em vários programas.

A sua escolha prende-se com duas ordens de razões: a primeira, pelo facto de Joaquim Letria ter entrevistado José Hermano Saraiva num dos seus programas; a segunda, porque o jornalista foi aluno de Saraiva enquanto lecionou no Liceu Passos Manuel (RTP, 2011). A perspetiva dupla de aluno e entrevistador permite uma compreensão mais abrangente de José Hermano Saraiva. Permite perceber se enquanto Professor Saraiva já evidenciava algumas das características observadas no apresentador, ou seja, como era a sua interação com os alunos.

**Joel Cleto:** Joel Alves Cerqueira Cleto, arqueólogo, historiador e divulgador da História e Património. Nasceu no Porto em 1965. Licenciado em História (1987) e Mestre em Arqueologia (1994) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Formador de Professores nas áreas de Arqueologia e História, acreditado pela Universidade do Minho (1997); Professor Coordenador Convidado na European Business School/ISAG onde obteve o título de Especialista (2015) e integra o centro de investigação. Frequentou cursos e estágios de pós-graduação no Laboratório de Antropologia da Universidade de Rennes (França) e no Museu Arqueológico de Barcelona (Catalunha).

Autor e apresentador, semanalmente, desde 2006, de programas sobre História e Património na estação televisiva "Porto Canal". A escolha desta figura é interessante na medida em que permite perceber a opinião de alguém que também apresenta um programa que se dedica ao património português e à História de Portugal, à semelhança dos programas que José Hermano Saraiva apresentou, além do que também é historiador. Pode apresentar uma visão sobre este tipo de programas, a importância da interação com a audiência, a interação realizada no passado e a que no momento atual é possível ser realizada pelo apresentador.

**Paula Moura Pinheiro:** Maria Paula Serra Camilo de Moura Pinheiro (Coimbra, 29 de novembro de 1964), jornalista, apresentadora de televisão, radialista e realizadora portuguesa. Licenciada em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa e pós-graduada em Direito Comunitário pelo Instituto Europeu da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Na imprensa, Paula Moura Pinheiro trabalhou como repórter, entrevistadora e cronista; na televisão e

na rádio como autora, editora e apresentadora de programas. Expresso, Marie Claire, Independente, Grande Reportagem, Público, Rádio Comercial e Rádio Paris Lisboa, SIC, RTP1 e RTP2 são alguns dos órgãos por onde passou. “Sexo Forte”, “O Pecado Mora Aqui”, “O Senhor que se Segue”, “Livres e Iguais”, “GLX” e “Câmara Clara” são alguns dos programas que dirigiu e apresentou. “Câmara Clara” foi distinguido com o prémio APOM.

A principal razão para a escolha de Paula Moura Pinheiro é o programa “Câmara Clara”, em que os episódios se focavam em localidades ou em personalidades que também apareceram em programas de José Hermano Saraiva, embora não fossem especificamente relacionados com temas históricos. Neste caso, sendo um programa de natureza cultural, a escolha desta figura, obedece à mesma linha de razões apresentada para a Joel Cleto.

**Jorge Leitão Ramos:** Jorge Henrique Leitão Ramos (Odivelas, 1952), crítico português e historiador de cinema. Apesar da sua especialização ser no cinema, tendo começado a escrever a partir de 1975, também passou a ser crítico de televisão a partir de 1980 (Expresso – 1980/1983, 1987/1989; Se7e – 1983/1986; TSF – 1993). Escreveu vários livros sobre cinema e apareceu como entrevistado em documentários sobre a História da RTP (por exemplo, *RTP- Retratos duma Televisão* – 2004).

A sua escolha prende-se com a extensa experiência na análise da sétima e da oitava arte. A sua experiência de várias décadas pode dar uma perspetiva sobre a forma como a crítica recebeu os programas de José Hermano Saraiva ao longo dos tempos, nomeadamente se fez referências à interação que o apresentador procurava fomentar com os seus telespetadores. Além disso, dando alguma abertura, o entrevistado, poderá apresentar um olhar crítico sobre a evolução da RTP no pós-25 de Abril, indispensável para a contextualização de como José Hermano Saraiva voltaria à televisão em 1978.

Em quarto lugar, alguns historiadores:

**José Mattoso:** José João da Conceição Gonçalves Mattoso (Leiria, Leiria, 22 de janeiro de 1933) historiador medievista e professor universitário português. Autor de uma extensa bibliografia, é especialista na História Medieval portuguesa, destacando-se as suas obras *Ricos-Homens, Infâncias e Cavaleiros, Fragmentos de Uma Composição Medieval, O reino dos mortos na Idade Média e Identificação de Um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal (1096-1325)* (vol. I - Oposição; vol. II - Composição), sucessivamente premiada com o Prémio de História Medieval Alfredo Pimenta e o Prémio Ensaio do P.E.N. Clube Português. Dirigiu também uma edição de oito volumes da História de Portugal (1993-1995). Recebeu o Prémio Pessoa, em 1987, o Prémio Internacional de Genealogia Bohüs Szögyeny, em 1991, o grau de Grande-Oficial da

Ordem Militar de Sant'Iago da Espada (GOSE), a 10 de Junho de 1992, e o Troféu Latino, em 2007.

**Fernando Rosas:** Fernando José Mendes Rosas (Lisboa, 18 de abril de 1946) historiador, professor e político português. Frequentou o Liceu Normal de Pedro Nunes e licenciou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Terminada a licenciatura, tornou-se jurista no Gabinete de Estudos e Planeamento dos Transportes Terrestres, em 1969. Em 1972, porém, depois de cumprir uma pena de prisão em virtude da sua atividade política, é impedido de regressar à função pública.

Em 1982 passou a dedicar-se ao jornalismo, coordenando a página de História do Diário de Notícias e participando na redação do seu suplemento cultural, até 1992. É, desde esse ano, colunista quinzenal do jornal Público. Em 1986 conclui o mestrado em História dos Séculos XIX e XX, pela Universidade Nova de Lisboa. É convidado para assistente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Doutorado em História Contemporânea, em 1990, ascendeu a professor catedrático da FCSH-UNL em 2003.

Presidiu ao Instituto de História Contemporânea (1990-2013), é consultor da Fundação Mário Soares e foi diretor da revista História. A sua investigação centra-se na história do Estado Novo, tendo mais de uma centena de textos publicados nesse domínio.

Com um profundo conhecimento da História Portuguesa Medieval e Contemporânea, respetivamente, a entrevista a estes dois historiadores, permite compreender a forma como José Hermano Saraiva abordava estes temas nos seus programas televisivos e se o apelo ao contributo da audiência, pela participação, imaginação e memória contribuiu para o sucesso destes programas junto do público.

Em quinto lugar elementos do público, de diferentes faixas etárias. Pretende-se perceber se a interação que José Hermano Saraiva procurava criar com os seus telespetadores, o seu público imaginário à época em que os programas foram transmitidos, se pode verificar novamente na atualidade, que comporta um contexto diferente.

## 2.5. Locais

Neste capítulo descrevo brevemente os locais selecionados e o seu contributo para o documentário. Os locais selecionados servem de suporte visual ao desenrolar do documentário. Serão apresentadas imagens do mesmo local em épocas diferentes. As razões que determinaram a escolha de um local em detrimento dos restantes estão relacionadas com os programas que Saraiva apresentou, com o destaque e importância dado ao local pelo apresentador ou pelo facto de

aparecerem nos programas selecionados para este trabalho. No entanto a escolha dos locais não está diretamente relacionada com a interação, foco de análise deste trabalho. As imagens serão usadas como suplementares (*b-roll*).

A primeira é a antiga casa de José Hermano Saraiva, localizada em Palmela, distrito de Setúbal. Uma casa com seis quartos que se insere num terreno de 14 mil metros quadrados, com vista para a baía de Setúbal e o Castelo de Palmela (Portugal Sotheby's, 2022). A sua construção remonta a 1937, mas a arquitetura foi influenciada por vários estilos ao longo do tempo, com especial destaque para a época renascentista. Foi casa de José Hermano Saraiva e da sua família durante vários anos, sendo decorada com artefactos históricos que o apresentador foi adquirindo ao longo dos anos. Por ser uma casa cuja memória está muito ligada à de José Hermano Saraiva, é importante para as imagens do documentário.

O Castelo de Leiria localizado na cidade de Leiria, capital do distrito. Um conjunto arquitetónico defensivo que relembra a origem medieval da cidade, quando em 1135 foi conquistada por D. Afonso Henriques (Center of Portugal, 2022). Nos reinados que se seguiram, a estrutura deste castelo seria constantemente alterada até ser alvo de um restauro no início do séc. XX. O castelo contém, como estruturas de interesse, a Igreja de Nossa Senhora da Pena, os antigos Paços Reais, a Torre de Menagem e sobretudo a bela vista sobre a paisagem envolvente. Esta escolha deve-se a duas razões: a primeira prende-se com o facto de José Hermano Saraiva ter nascido em Santo Estevão, Leiria, e este local o remeter para as suas memórias de infância; a segunda relaciona-se com o facto de este monumento aparecer num dos episódios dos programas de Saraiva, dedicado à cidade de Leiria (Saraiva, 1986). O próprio apresentador justifica a escolha desta cidade como a primeira a ser retratada no programa *Histórias das Cidades* pelo facto de ser o “berço” da sua pessoa.

A terceira localização é o Museu da Marinha, em Lisboa. Fundado pelo rei D. Luís em 1863, o Museu de Marinha viria, 100 anos depois, a ocupar parte das dependências do Mosteiro dos Jerónimos, ficando simbolicamente associado ao local que viu partir as armadas portuguesas para a descoberta dos caminhos dos grandes Oceanos (Visit Portugal, 2022). Com mais de 17 mil peças, entre as quais modelos perfeitos de embarcações, desde naus e caravelas aos "modernos" cruzadores, este Museu é um testemunho fascinante da história marítima e das atividades dos navegadores portugueses (*Ibidem*, 2022). Tal como o Castelo de Leiria, o Museu da Marinha foi utilizado como cenário nos programas de Saraiva. A escolha deste local deve-se ao facto de Saraiva nutrir uma especial admiração pelo período dos Descobrimentos.

A Fundação Calouste Gulbenkian, localizada na Avenida de Berna em Lisboa, foi escolhida por ter sido um espaço que foi usado num dos programas de Saraiva (Saraiva, 2003). A

Fundação Calouste Gulbenkian foi criada em 1956 por testamento de Calouste Sarkis Gulbenkian, filantropo de origem Arménia que viveu em Lisboa entre 1942 e 1955, ano em que faleceu (Fundação Calouste Gulbenkian, 2022). A função desta Fundação, que alberga um museu, um centro de arte moderna, uma orquestra, um coro, uma biblioteca de arte, um instituto de investigação científica e um jardim, é melhorar a qualidade de vida das pessoas, a qual se alcança através da arte, da beneficência, da ciência e da educação. A escolha deste local está relacionada com a importância que Saraiva dava à educação e à cultura, Foi ministro da Educação e num dos seus programas dá particular ênfase à missão cultural da Fundação, descrevendo-a como fundamental para o desenvolvimento cultural dos cidadãos.

O Museu RTP, localizado nas instalações da RTP, em Lisboa, seria outros dos locais selecionados para o documentário. Inaugurado a 9 de março de 2009, tem por objetivo dar a conhecer ao público parte do espólio museológico e documental da rádio e da televisão que a RTP possui (objetos, imagens, vídeos e documentos) (Faculdade de Medicina Lisboa, 2022). Sendo José Hermano Saraiva uma figura muito ligada à História da RTP, faz sentido utilizar este espaço como um dos cenários para explicar a história, mostrando o que está exposto sobre os programas de Saraiva.

Além do Museu RTP, é importante referir os Arquivos RTP, que também estão localizados nas instalações da RTP em Lisboa. O arquivo audiovisual da RTP constitui-se como um verdadeiro repositório da memória coletiva nacional, com um património cujas origens remontam ao início das emissões regulares da Rádio e da Televisão, respetivamente em 1936 e 1957 (RTP Arquivos, 2022). Além do site digital, os Arquivos RTP ainda existem em formato físico, numa sala com temperatura controlada. Pretende-se utilizar este espaço para que o documentário mostre a dimensão do legado televisivo de José Hermano Saraiva, representada pelas prateleiras de cassetes que contêm os programas do apresentador.

Selecionei também a Assembleia da República. Antigo convento Beneditino de São Bento da Saúde. Com a extinção e expulsão das ordens religiosas em 1833, o convento foi convertido em Palácio das Cortes (Parlamento), hoje designado por Assembleia da República (Lisboa, 2022). De fachada monumental e grandiosa escadaria, destaca-se o frontão esculpido que representa uma entronização da Pátria. Escolhi o Palácio de S. Bento por ter feito parte do passado político do apresentador, local onde realizou os seus discursos e, principalmente, por nele José Hermano Saraiva ter gravado programas.

Outra escolha foi a Torre do Tombo. Localizado na cidade de Lisboa o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) é um arquivo central do Estado que guarda documentos originais desde o séc. IX até à atualidade (Torre do Tombo, 2022). Tem como objetivos proteger e preservar

os arquivos e valorizar o património cultural, na sua vertente de património arquivístico e património fotográfico. É um espaço que foi utilizado por José Hermano Saraiva nos seus programas, ao qual por várias vezes fez referência, considerando a importância do espaço para o tipo de programa apresentado. Pelo que, não pode deixar de ser incluído no documentário.

Por último, e não menos importante, o Quartel do Carmo, situado em Lisboa. Fundado por D. Nuno Álvares Pereira e memória do Terramoto de Lisboa de 1755, é desde o início do século XX o Comando-geral da Guarda Nacional Republicana (GNR, 2022). A razão da escolha deste local prende-se com a sua ligação ao 25 de Abril, tendo sido palco do fim do regime autoritário que durou 48 anos em Portugal e o início da democracia. Intimamente relacionado com o fim do Estado Novo, também aqui José Hermano Saraiva gravou ou utilizou cenários e imagens para os seus programas. Sendo que Saraiva também transitou do antigo regime para a atual é interessante estabelecer esse paralelismo. Pelo que se entende útil a utilização das imagens deste monumento.

## 2.6. Estrutura

De forma a desenvolver a estrutura deste trabalho, recorri a Bernard (2011), em que se utiliza uma estrutura em três atos, de forma a contar a história e trajetória do documentário.

**Ato I:** Introduce-se José Hermano Saraiva, através de imagens de arquivo do apresentador a endereçar a audiência. Introduzem-se também alguns dos entrevistados para explicitar a ideia de que os programas de Saraiva eram uma construção coletiva, de quem os apresentava e de quem os via. Neste ato também é feita uma contextualização histórica de como José Hermano Saraiva chegou à televisão e dos programas por ele apresentados.

**Ato II:** É explorado o tema da interação com o telespectador. Os entrevistados dão a sua opinião/perspetiva sobre forma como Saraiva se relacionava com a audiência, os seus telespetadores, como gostava de lhes chamar, e como construía essa relação imaginária. São usadas imagens de arquivo que demonstram estes aspetos nos episódios dos vários programas e são revisitados visualmente alguns dos locais onde José Hermano Saraiva apresentou os programas.

**Ato III:** O fim da vida de José Hermano Saraiva é ilustrado, com os seus últimos programas. Apresenta-se a interação com o telespectador como um ato contínuo até ao último programa apresentado por Saraiva onde, já debilitado e com dificuldades em se deslocar às regiões de Portugal, continuou a fazer semanalmente os seus programas.

O fim do documentário ocorre nos corredores dos Arquivos RTP, com a imagem das cassetes dos programas de Saraiva nas prateleiras (RTP, 2022). Como ideia, a perpetuar, de que

os programas nunca desaparecerão e, igualmente, a interação que o telespectador. “A construção de um programa coletivo” é uma ideia do passado, do presente e do futuro.

## 2.7. Tratamento

**Duração:** 25 minutos

Com base em Bernard (2011), apresenta-se nesta secção, em prosa, o documentário idealizado. Um documento escrito que pretende ser um guia para a equipa de produção e uma síntese da história e do conceito deste documentário. O tratamento deste documentário vai ser dividido em seis sequências.

### **Sequência 1: "Bem-vindos"**

Um plano do arquivo de José Hermano Saraiva, no restaurante do Elevador de Santa Justa, em Lisboa, em que diz "Senhores telespectadores, bem-vindos (...)". Este plano será seguido por outro plano, de José Hermano Saraiva, na casa de Fernando Pessoa, em que diz “Senhores telespectadores, estamos em Lisboa (...)”. Outro plano segue-se, de José Hermano Saraiva, na Fundação Calouste Gulbenkian: “Senhores telespectadores (...)”. Em seguida, um plano de José Hermano Saraiva no museu de Loures: “(...) o nosso programa de hoje é, de certo modo, diferente dos anteriores (...)”. De seguida, outros planos de Saraiva: em Tomar, “(...) estamos na sala do capítulo do Convento de Cristo, em Tomar”; em Lamego, “(...) estamos em Lamego (...)”, na Ilha da Madeira, “(...) estamos na Ilha onde nasceu o grande turismo da Europa (...)”. Os planos de Saraiva acabam com o apresentador a dizer “(...) Estamos em Macau (...)” e “(...) Vou tentar hoje, precisamente, fazer uma experiência (...)”. Estes planos ligam-se ao tema do filme, a interação com a audiência, e passam ao som de música clássica (Concerto n. 02, “Verão”, do Antonio Vivaldi).

No fim do último plano, o ecrã fica a negro, revelando o título do documentário.

### **Título do Filme: O caso José Hermano Saraiva - o comunicador**

### **Sequência 2: "Construir um programa"**

*Voz-off* a introduzir José António Crespo, produtor dos últimos programas de José Hermano Saraiva. Finda a *Voz-off*, Crespo recorda os tempos em que produzia os programas e fala

sobre como era trabalhar com Saraiva: da proximidade e do respeito que por ele nutria e da relação que Saraiva mantinha com os telespetadores.

Crespo pega num DVD (ou cassete) que contém *outtakes* dos programas, procurando, desta forma, mostrar que ninguém melhor que Saraiva o explica. Ao mesmo tempo, no Museu RTP, um dos televisores começa a exibir imagens dos programas de Saraiva.

*Voz-off* enquadra partes de episódios apresentados, como: “Almoço com a História” do programa *Horizontes de Memória*, em que se vê Saraiva a interpelar a audiência, perguntando-lhe se já ouviram bem a palavra Bacalhau; partes do episódio “Lamego”, do programa *História das Cidades*, em que Saraiva interroga os telespetadores sobre as razões que levaram à perda de importância da cidade de Lamego.

Diogo d’Almeida, produtor e assistente de produção nos programas, explica outros aspetos do apresentador, como a sua tendência para o improviso, e a forma como auxiliava o apresentador quando era necessário.

Em outro excerto, Saraiva surge a dizer: “Sobre emendas, queria dizer uma coisa. Quando fiz aquele programa em Tormes disse: 'Mas que diabo! Tormes. Onde vem isto de Tormes. Tormes, deve ser um francesismo'. Bom, imaginem vocês que eu já estive em Tormes (...) eu já li o Lazarillo de Tormes (...) eu li a Cidade e as Serras (...) Como é que foi possível eu chegar ali e dizer que não sabia o que era Tormes? Bom são estes lapsos que resultam de o programa ser assim mesmo. Ser feito quando uma palavra me vem à boca sem cábulas, sem guiões (...) Isto é assim mesmo (...) Curioso que 40 e tantos telespectadores me escreveram a emendar essa asneira de Tormes (...) E eu fiquei muito contente”.

Rodrigo de Sá-Saraiva, filho de José Hermano Saraiva, e José António Saraiva, sobrinho do apresentador, falam sobre a forma como, no reduto familiar, o apresentador se referia à interação que mantinha com a audiência dos seus programas.

Outros intervenientes: Jorge Leitão Ramos (crítico de TV); Vasco Hogan Teves (ex-jornalista da RTP);

### **Sequência 3: "Os primeiros programas":**

*Voz-off* explica o contexto dos planos. Nesta sequência são utilizados vários planos: dos locais associados à transição para a Democracia (Quartel do Carmo e Assembleia da República); do período de 1968 a 1974 em Portugal (discursos do presidente do Conselho Marcello Caetano e do presidente da República de Portugal, Américo Thomaz); dos protestos estudantis de Coimbra (1969); de Ramiro Valadão, que foi o presidente do Conselho de Administração da RTP entre 1968 e 1974 e foi escolhido por Marcello Caetano; da Programação da RTP, como o *Zip-Zip*

(1969), *Conversas em Família* (1969-1974), *Se Bem Me Lembro* (1970-1975), *Telejornal*; de episódios dos programas de Saraiva; e da Guerra Colonial (1961-1974).

Jorge Leitão Ramos (crítico de TV) e Fernando Rosas (Historiador) fazem uma contextualização dos principais acontecimentos neste período em cada uma das respetivas áreas. Com o contexto histórico a influenciar os restantes domínios da vida portuguesa, é importante perceber a forma como a crítica recebeu os programas de José Hermano Saraiva. Se foram feitas referências à interação que o apresentador procurava fomentar com os seus telespetadores. *Voz-off* narra um trecho da crítica de Mário Castrim, no *Diário de Lisboa*, ao programa *O Tempo e a Alma*, que é apresentada no plano seguinte.

Intervenientes: Jorge Leitão Ramos (crítico de TV), Fernando Rosas (Historiador), Vasco Hogan Teves (ex-jornalista da RTP), Joaquim Letria (jornalista da RTP), José Mattoso (Historiador).

#### **Sequência 4: "Construir um programa coletivo":**

Nesta sequência apresenta-se José Hermano Saraiva, num excerto do programa *Gente de Paz*, a dizer: "Tentem, realmente comigo, construir um programa coletivo (...)". Este excerto é o mote para abordar o aspeto da interação com a audiência imaginada, que foi fomentada nos programas dos anos seguintes.

*Voz-off* apresenta excertos de outros programas, revelando os aspetos de improviso no discurso do apresentador e da emotividade que exibia no seu discurso. Um exemplo que pode ser utilizado é do episódio sobre Lamego, no programa *História das Cidades*, onde Saraiva esmaga um bocado de gelo na fonte dos claustros da Catedral de Lamego.

Esta sequência também será utilizada para que outros entrevistados falem sobre como os programas de Saraiva se distinguiam dos programas dos seus contemporâneos, na perspetiva da reciprocidade imaginada com o telespetador, bem como, a forma como a maior espontaneidade do apresentador em frente às câmaras alterou a interação com os telespetadores.

Intervenientes: Jorge Leitão Ramos (crítico de TV); Vasco Hogan Teves (ex-jornalista da RTP); Joaquim Letria (ex-jornalista da RTP); Paula Moura Pinheiro (apresentadora); José António Crespo (produtor); Joel Cleto (apresentador); Rodrigo de Sá-Saraiva (filho do apresentador); José António Saraiva (sobrinho do apresentador).

#### **Sequência 5: "Que seja do meu interesse e do teu, espectador que me ouves!"**

*Voz-off* enuncia o regresso da ação ao presente, explicando a presença do público. Pretende-se dar a perspetiva do público relativamente aos programas.

Tirando inspiração da série de documentários “Behind the sofa”, incluída nas coleções *Doctor Who: The Collection*, esta sequência tem elementos do público, de diferentes faixas etárias, a reagir aos programas de Saraiva numa sala, sentados num sofá (Doctor Who, 2022).

Serão compiladas as imagens das reações e das críticas manifestadas pelas pessoas ao visualizarem os programas de Saraiva. Pretende-se perceber a interação de José Hermano Saraiva com os espetadores em relação aos episódios selecionados, mas num contexto diferente, atual.

### **Sequência 6: "Um programa que seja nosso":**

Esta sequência final aborda os últimos programas realizados por José Hermano Saraiva, tendo como objetivo observar a interação com o telespectador e como esta se foi alterando com a evolução do apresentador, resultante da maior experiência, e dos próprios programas. *Voz-off* descreve o que acontece nestes planos.

A *Voz-off* também aborda a ideia de relevância e de longevidade que os programas de José Hermano Saraiva mantêm ainda hoje, possível através do digital e das repetições.

Esta secção também pretende mostrar a dimensão do legado televisivo de José Hermano Saraiva, através de uma imagem das prateleiras onde é possível vislumbrar uma série de cassetes, contendo os programas do apresentador, guardadas fisicamente nos Arquivos RTP. Esta será a última imagem que se vê, pondo fim ao documentário.

### **Estratégia**

Grande parte do documentário será constituído por imagens de arquivo, usando *voz-off* para narrar a ação.

Muitos dos excertos dos programas de Saraiva a utilizar terão em conta o período temporal a que pertencem ou que está a ser explorado. Estes excertos vão ser remasterizados em Alta Definição (HD).

Outra filmagem adicional (*b-roll*) também vai ser necessária, incluindo locais históricos onde José Hermano Saraiva esteve, trabalhou, gravou, socializou, passou, etc. Exemplos destes locais são: o Castelo de Leiria; a Casa de Palmela (que construiu); a Fundação Calouste Gulbenkian; o Convento do Carmo; a Assembleia da República; o Museu RTP; entre outros. Todas estas imagens vão ser gravadas em vídeo de Ultra-Alta Definição (4K).

Pessoas a entrevistar:

Um dos filhos de José Hermano Saraiva, Rodrigo de Sá Saraiva, vai falar sobre a forma como, em privado, o pai se referia à reação dos telespetadores aos programas e à interação que o

pai procurava estabelecer com o seu público. Ainda no âmbito familiar, e na mesma linha de abordagem se inclui o testemunho do sobrinho do apresentador, José António Saraiva.

Também vão ser entrevistados vários historiadores e especialistas na área da televisão, que para além de algum contexto histórico e contributo para o enquadramento dos eventos apresentados, abordam a questão central que é a da interação imaginária com o telespectador. As figuras selecionadas até ao momento são: Vasco Hogan Teves; Joaquim Letria; Joel Cleto; Paula Moura Pinheiro; Jorge Leitão Ramos; José Mattoso; Fernando Rosas.

Figuras que estiveram associadas à produção dos seus programas, onde se incluem produtores, assistentes de produção, realizadores, etc. Selecionamos, até ao momento, os seguintes entrevistados: José António Crespo; Diogo d'Almeida; Nunes Forte.

Por fim, o público para apresentar as reações e críticas aos programas de Saraiva, procurando, pelas suas reações, perceber se a interação também se verifica.

### **Acesso**

Para a concretização do projeto de documentário é necessário ter em consideração alguns aspetos importantes relacionados com as fontes. A maioria do reportório de José Hermano Saraiva está disponível nos arquivos digitais. Foram realizados contactos com pessoas a envolver neste projeto. Algumas das quais já manifestaram o seu interesse e disponibilidade em dar o seu contributo.

### **Mapa de Tarefas**

Sendo um trabalho que requer um extenso período de pré-produção. Requer o agendamento das entrevistas, a reserva dos espaços para a gravação e o acesso ao material de arquivo da RTP e da defuncta Videofono. Por isso, estabeleceu-se um mapa de tarefas a cumprir entre os dias de 5 de janeiro e 10 de março de 2023.

<b>Dias</b>	<b>Momentos a captar</b>
<b>Dia 1</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Imagens do Museu RTP (Sequência 4);</li><li>• Imagens dos Arquivos RTP (Sequência 6);</li></ul>
<b>Dia 2</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Entrevista a Paula Moura Pinheiro (Sequência 4);</li><li>• Entrevista a Diogo d'Almeida (Sequência 2 e 4);</li></ul>
<b>Dia 3</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Imagens do Quartel do Carmo (Sequência 3 e 4);</li><li>• Imagens da Torre do Tombo (Sequência 4);</li></ul>

<b>Dia 4</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista a Rodrigo de Sá-Saraiva (Sequência 2 e 4)</li> </ul>
<b>Dia 5</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista a José António Saraiva (Sequência 2 e 4)</li> </ul>
<b>Dia 6</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Imagens da Fundação Calouste Gulbenkian (Sequência 5);</li> <li>• Imagens do Museu da Marinha (Sequência 5)</li> </ul>
<b>Dia 7</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista a Fernando Rosas (Sequência 3)</li> </ul>
<b>Dia 8</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista a Jorge Leitão Ramos (Sequências 2, 3 e 4)</li> </ul>
<b>Dia 9</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Imagens de pessoas na Assembleia da República (Sequência 3)</li> </ul>
<b>Dia 10</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Imagens da Casa de José Hermano Saraiva, em Palmela (Sequência 3)</li> </ul>
<b>Dia 11</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista a José António Crespo (Sequência 2 e 4);</li> </ul>
<b>Dia 12</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista a Vasco Hogan Teves (Sequência 3 e 4)</li> </ul>
<b>Dia 13</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista a Joel Cleto (Sequência 4);</li> </ul>
<b>Dia 14</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista a José Mattoso (Sequência 3)</li> </ul>
<b>Dia 15</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Imagens do Castelo de Leiria (Sequência 5)</li> </ul>

Quadro 1 – Planeamento da gravação proposto para o documentário

### **Finalmente,**

Este projeto de documentário pretende dar a conhecer uma das facetas menos destacadas do apresentador que, no entanto, é fundamental nos dias de hoje: a interação com os telespetadores.

Comunicadores de sucesso sempre procuraram a proximidade ao público alvo das suas ações e, hoje em dia, existem vários processos que facilitam a interação. A dinâmica dos programas é diferente e a relação de proximidade ao público também.

Facto é que um certo tipo de interação, que se pode definir como interação como um público imaginário, se verifica nos vários episódios dos seus programas. Facto é que os espetadores reagem, enviando cartas com sugestões, opiniões e até correções ao apresentador. Facto é que os programas apresentados por Saraiva tiveram uma longevidade significativa.

Com este documentário espero contribuir para uma reflexão sobre o apresentador, para o visitar e para a preservação de programas de televisão antigos e de sucesso, como foram os de José Hermano Saraiva.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Anderson, B. (2013). Raízes culturais. In Anderson, B. (Ed.), *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo* (pp.35-70). Companhia das Letras;
- Arruda, J. P. L. M. (2015). *A Televisão em Ação: O processo comunicacional mediado como elemento estruturante de mundos coletivos* [Doctoral dissertation, Universidade de Coimbra. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/26998>
- Arte Portugal (2021, Dezembro 20). VIDEOFONO - IMAGEM, SOM E EDIÇÃO LDA. Arte Portugal. <https://arteportugal.com/empresa-videofono-imagem-som-e-edicao-em-lisboa-8682>;
- Barreto, A. & Mónica, M.F. (1999). Saraiva, José Hermano. In Barreto, A. & Mónica, M.F. (Coords.), *Dicionário de História de Portugal* (p.403). Figueirinhas;
- Berlo, D. K. (1991). *O processo de comunicação: introdução à teoria e à prática*. Martins Fontes
- Bernard, S.C. (2011). *Documentary Storytelling: Creative Nonfiction on Screen*. Focal Press;
- Botelho, J. (2009, abril 17). A crise de 69: Crise! Qual crise?. *Jornal Universitário de Coimbra – A CABRA*. <https://issuu.com/acabra/docs/acabra96>;
- Brandes, M. P. (2004) *Stylistics of text: German Language. A Theoretical course*. Infra M Publications;
- Cádima, F.R. (2019). Da invisibilidade de Salazar à presencialidade de Caetano. Sobre os media, a televisão e a ditadura em Portugal. Research Gate. [https://www.researchgate.net/publication/336826181\\_Da\\_invisibilidade\\_de\\_Salazar\\_a\\_presencialidade\\_de\\_Caetano\\_Sobre\\_os\\_media\\_a\\_televisao\\_e\\_a\\_ditadura\\_em\\_Portugal](https://www.researchgate.net/publication/336826181_Da_invisibilidade_de_Salazar_a_presencialidade_de_Caetano_Sobre_os_media_a_televisao_e_a_ditadura_em_Portugal);
- Cardão, M. (2019). A grande aventura. Televisão, nacionalismo e as comemorações dos Descobrimentos portugueses. *Práticas da História*, 8, 17-47. <https://praticasdahistoria.pt/article/download/22396/16489/86937>;
- Carey, J. (1975). A cultural approach to communication. In Carey, J. (1988). *Communication as Culture* (pp. 1-22). Unwin Hyman;
- Castrim, M. (1971, outubro 20). O Tempo e a Alma: Alma Nova no Tempo Televisivo. *Diário de Lisboa*. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06812.162.25785#!7>;
- Center of Portugal (2022, outubro 3). Castelo de Leiria. *Center of Portugal*. <https://www.centerofportugal.com/pt/poi/castelo-de-leiria>;
- Diário de Notícias (2012, junho 7). Cavaco condecora José Hermano Saraiva e Telma Monteiro. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/politica/cavaco-condecora-jose-hermano-saraiva-e-telma-monteiro-2596899.html>;

- Doctor Who (2020, janeiro 14). The Home Assistants of Death?! - The Collection: Season 14 Announcement Trailer [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/1dNkRhfofOA>;
- Domingos, A. A. (2008). Storytelling: fenômeno da era da liquidez. *Signum: Estudos da Linguagem*, 11(1), 93-109. <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2008v11n1p93>;
- Elliott, P. (1972). *The Making of a Television Series - a Case Study in the Production of Culture*. Constable;
- Faculdade de Medicina Lisboa (2022, outubro 4). Exposição virtual museu da RTP. Faculdade de Medicina Lisboa. <https://www.medicina.ulisboa.pt/exposicao-virtual-museu-da-rtp>;
- Fundação Calouste Gulbenkian (2022, outubro 4). Apresentação. Fundação Calouste Gulbenkian. <https://gulbenkian.pt/fundacao/apresentacao/>;
- Figueiras, R. (2016). Anatomia do comentário: corrupção, noticiários e destinatários. *Media & Jornalismo*, 14(26), 111-132. [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_26\\_7](https://doi.org/10.14195/2183-5462_26_7);
- GNR (2022, outubro 4). História do Quartel do Carmo. Arquivo Histórico da Guarda Nacional Republicana. <http://arquivomuseugnr.pt/entrada.aspx?Pagina=Convento%20do%20Carmo-&IDP=0>;
- Jenkins, P. (2022, janeiro 29). What Makes a Good Documentary (Fully Explained). *Brilliantio*. <https://brilliantio.com/what-makes-a-good-documentary/>;
- Jenkins, P. (2022, março 31). What Is an Expository Documentary. *Brilliantio*. <https://brilliantio.com/what-is-an-expository-documentary/>;
- Konkov, V.I., & Solomkina, T.A. (2021). Communication specificity of citation in the media environment in terms of the opposition speech form – speech action. *Vestnik Moskovskogo Universiteta*, 5(5), 100-115. <https://doi.org/10.30547/vestnik.journ.5.2021.100115>;
- Lisboa (2022, outubro 7). Informações e serviços - Palácio de São Bento. Lisboa. <https://informacoeseservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/palacio-de-sao-bento>;
- Lopes, João (1995). *Teleditadura. Diário de um espectador*. Quetzal;
- Madrinha, M. (2019, outubro 3). Centenário. José Hermano Saraiva homenageado na Sociedade de Geografia. *Jornal N*. [https://ionline.sapo.pt/artigo/673050/centenario-jose-hermano-saraiva-homenageado-na-sociedade-de-geografia?seccao=Portugal\\_i](https://ionline.sapo.pt/artigo/673050/centenario-jose-hermano-saraiva-homenageado-na-sociedade-de-geografia?seccao=Portugal_i);
- Matos, S.C. (2008). *Consciência histórica e nacionalismo (Portugal - Séculos XIX e XX)*. Livros Horizonte. [https://www.academia.edu/42847942/Consci%C3%Aancia\\_hist%C3%B3rica\\_e\\_nacionalismo\\_s%C3%A9culos\\_XIX\\_e\\_XX\\_Portugal\\_s%C3%A9culos\\_XIX\\_e\\_XX](https://www.academia.edu/42847942/Consci%C3%Aancia_hist%C3%B3rica_e_nacionalismo_s%C3%A9culos_XIX_e_XX_Portugal_s%C3%A9culos_XIX_e_XX);
- Martinazzo, C. J., Martins, T. M., & Silva, S. P. (2008). A religação dos saberes a partir da Série Cosmos, de Carl Sagan. *Contexto & Educação*, 104, 151-171;

- McQuail, D. (1997). Communicator-Audience Relations. In McQuail, D. (Ed.), *Audience analysis* (pp. 109-125). Sage Publications;
- McQuail, D. (2000). Audiences. In McQuail, D. (Ed.), *McQuail's Mass Communication Theory* (4th ed., pp. 357-411). Sage Publications:
- Melo, M. G. A (2021). Luz, câmara, alfabetização científica! Possibilidades epistemológicas no antagonismo ciência-pseudociência da série Cosmos de Carl Sagan. *Amazónia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas*, 17(38), 173-188.  
<http://dx.doi.org/10.18542/amazrecm.v17i38.9737>;
- Moreira, O. (1971, outubro 18). José Hermano Saraiva no Programa “O Tempo e a Alma”. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jose-hermano-saraiva-no-programa-o-tempo-e-a-alma/>;
- Moreira, O. (1971, outubro 18). José Hermano Saraiva no Estúdio A do Lumiar. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jose-hermano-saraiva-no-estudio-a-do-lumiar/>;
- Natário, A. & Cruz, V. (2012, julho 20). Morreu José Hermano Saraiva. *Expresso*. <https://expresso.pt/sociedade/morreu-jose-hermano-saraiva=f741053>;
- Nechaeva, O. A. (1974) *Functional Semantic Types of Speech (Description, Narration, Reasoning)*. Buryatskoe;
- Nichols, B. (2001). How do Documentaries Differ from Other Types of Film?. In Nichols, B., *Introduction to Documentary* (p. 20-41). Indiana University Press;
- Nichols, B. (2001). What Types of Documentary are There?. In Nichols, B., *Introduction to Documentary* (p. 99-137). Indiana University Press;
- Nóvoa, A. (2001). *O Espaço Público da Educação: Imagens, Narrativas e Dilemas*. Repositório da Universidade de Lisboa.  
[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4797/1/9723109565\\_1\\_30.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4797/1/9723109565_1_30.pdf)
- Obercom (2002). *Anuário Comunicação (2001-2002)*. Obercom;
- O Guia (2022, outubro 4). Parque Eduardo VII Informação. O Guia. <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-parque-eduardo-vii-16409>;
- Parlamento (s.d.). JOSÉ HERMANO SARAIVA. In Parlamento. Retirado em 24 de Novembro, 2021, de [https://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/OsProcuradoresdaCamaraCorporativa/html/pdf/s/s-araiva\\_jose\\_hermano.pdf](https://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/OsProcuradoresdaCamaraCorporativa/html/pdf/s/s-araiva_jose_hermano.pdf);
- Renov, M. (1993). Towards a Poetics of Documentary. In Renov, M. (Ed.), *Theorizing Documentary* (p. 13-36). Routledge;

Rezola, M.I. (2014). A RTP no PREC (1974-1975): «Sem recuos nem tibiezas em ordem à limpeza radical». In Rezola, M.I. & Gomes, P.M. (Coord.). *A Revolução nos Media* (pp. 17-51). Tinta da China.

[https://www.academia.edu/36504195/A\\_RTP\\_no\\_PREC\\_1974\\_1975\\_Sem\\_recuos\\_nem\\_tibiezas\\_em\\_ordem\\_%C3%A0\\_limpeza\\_radical\\_in\\_A\\_Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_nos\\_M%C3%A9di\\_a\\_Coord\\_Maria\\_In%C3%A1cia\\_Rezola\\_e\\_Pedro\\_Marques\\_Gomes\\_Lisboa\\_Tinta\\_da\\_China\\_2014\\_pp\\_17\\_51](https://www.academia.edu/36504195/A_RTP_no_PREC_1974_1975_Sem_recuos_nem_tibiezas_em_ordem_%C3%A0_limpeza_radical_in_A_Revolu%C3%A7%C3%A3o_nos_M%C3%A9di_a_Coord_Maria_In%C3%A1cia_Rezola_e_Pedro_Marques_Gomes_Lisboa_Tinta_da_China_2014_pp_17_51);

Rocha, M.R. (2006, setembro 4). Público ‘vs.’ audiência. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/publico-vs-audiencia/18309>;

Rosenthal, A., & Eckhardt, N. (2016). From Idea to First Draft. In Rosenthal, A., & Eckhardt, N., *Writing, Directing, and Producing Documentary Films and Digital Videos* (pp. 7-115). Alan Rosenthal;

RTP (1969, fevereiro 10). Conversas em Família [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/conversa-em-familia/>;

RTP (1969, maio 25). Gravação do primeiro programa “Zip-Zip” [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/gravacao-do-primeiro-programa-zip-zip/>;

RTP (1976, outubro 19). D. Dinis [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/d-dinis/>;

RTP (1978, fevereiro 23). José Hermano Saraiva apresenta a “História Concisa de Portugal”. [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jose-hermano-saraiva-apresenta-a-historia-concisa-de-portugal/>;

RTP (1980, novembro 23). Luis de Sttau Monteiro Conversa com José Hermano Saraiva [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/luis-de-sttau-monteiro-conversa-com-jose-hermano-saraiva/>;

RTP (1986, maio 2). Entrevista a José Hermano Saraiva [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-jose-hermano-saraiva-3/>;

RTP (1987, junho 27). Joaquim Letria entrevista José Hermano Saraiva [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/joaquim-letria-entrevista-jose-hermano-saraiva/>;

RTP (1990, dezembro 16). Entrevista a José Hermano Saraiva [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-de-estudio-a-jose-hermano-saraiva/>;

RTP (1992, junho 20). O Marcelismo [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-marcelismo/>;

- RTP (2004, março 27). Da Revolução à Normalização [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/da-revolucao-a-normalizacao/>;
- RTP (2009, maio 22). A longevidade e o sucesso em Televisão – Parte I [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-longevidade-e-o-sucesso-em-televisao-parte-i/>;
- RTP (2010, janeiro 16). Maria de Lourdes Pintasilgo [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/maria-de-lourdes-pintasilgo-2/>;
- RTP (2011, junho 10). Retratos - Uma Série Documental: José Hermano Saraiva [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jose-hermano-saraiva/>;
- RTP (2012, agosto 20). Entrevista a José Hermano Saraiva [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-jose-hermano-saraiva/>;
- RTP (2021, dezembro 20). José Hermano Saraiva. RTP Arquivos. [https://arquivos.rtp.pt/?advanced=1&s=Jos%C3%A9+Hermano+Saraiva](https://arquivos.rtp.pt/?advanced=1&s=Jos%C3%A9+Hermano+Saraiva;);
- RTP (2022, janeiro 2). Gente de Paz. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/programas/gente-de-paz/page/1/#filters>;
- RTP (2022, janeiro 2). Horizontes de Memória. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/programas/horizontes-da-memoria-temporada-i/>;
- RTP (2022, janeiro 2). O Tempo e a Alma. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/programas/o-tempo-e-a-alma/>;
- RTP (2022, fevereiro 12). Voz do Cidadão. RTP Play. [https://www.rtp.pt/play/p9772/e598506/voz-do-cidadao](https://www.rtp.pt/play/p9772/e598506/voz-do-cidadao;);
- RTP (2022, outubro 4). Página Inicial. RTP Museu Virtual. <https://museu.rtp.pt/>;
- RTP (2022, outubro 4). Sobre o Arquivo. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/sobre-o-arquivo/>;
- Santos, R. (2010). *Do Jornalismo aos Media: Estudos sobre a realidade portuguesa*. Universidade Católica Editora;
- Santos, T. D., Pedrosa, V., & Behlau, M. (2015). Comparação dos atendimentos fonoaudiológicos virtual e presencial em profissionais do telejornalismo. *Revista CEFAC*, 17 (2), 385-395. <https://eds.p.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=1&sid=49678b50-06aa-4c2d-88c2-32cc89288224%40redis&bdata=Jmxhbmc9cHQtcHQmc2l0ZT1lZHMtbGl2ZSZzY29wZT1zaXRl#AN=103702365&db=edo>;
- Sapo. (2007). José Hermano Saraiva é homenageado nos Globos [Vídeo]. Sapo. <https://www.sapo.pt/video/BFa1fddtlMOqPCRRRsuG>;

- Saraiva, J.C. (2019, dezembro 1). Fundação Gulbenkian homenageia José Hermano Saraiva. *Sol*.  
<https://sol.sapo.pt/artigo/678757/fundacao-gulbenkian-homenageia-jose-hermano-saraiva>;
- Saraiva, J.H. (1971, novembro 9). A Espada de Ferro [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-espada-de-ferro/>;
- Saraiva, J.H. (1971, novembro 30). Celtas e Iberos [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/celtas-e-iberos/>;
- Saraiva, J.H. (1978, outubro 19). Diálogo [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/dialogo/>;
- Saraiva, J.H. (1979, abril 22). O Império da Especiaria [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-imperio-da-especiaria/>;
- Saraiva, J.H. (1979, junho 17). O Cálice de Falstaff [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-calice-de-falstaff/>;
- Saraiva, J.H. (1979, junho 24). Quem Vai e Quem Vem [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/quem-vai-e-quem-vem/>;
- Saraiva, J.H. (1979, agosto 1). Minha Terra [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/minha-terra/>;
- Saraiva, J.H. (1986, outubro 26). Leiria. [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/leiria-3/>;
- Saraiva, J.H. (1988, fevereiro 15). Lamego. [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/lamego/>;
- Saraiva, J.H. (1993, outubro 8). Tomar [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/tomar/>;
- Saraiva, J.H. (1993, dezembro 17). Macau [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/macau/>;
- Saraiva, J.H. (1996, outubro 5). Almoço com a História [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/almoco-com-a-historia/>;
- Saraiva, J.H. (1996, dezembro 14). A Praia dos Milagres [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-praia-dos-milagres/>;
- Saraiva, J.H. (1997, julho 6). Nas Margens do Tua [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/nas-margens-do-tua/>;
- Saraiva, J.H. (1999, março 21). Surpresas em Montalegre [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/surpresas-em-montalegre/>;

- Saraiva, J.H. (1999, março 28). Cultura Saloia [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cultura-saloia/>;
- Saraiva, J.H. (2003). Uma Fundação, Dois Fundadores. [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/uma-fundacao-dois-fundadores/>;
- Saraiva, J.H. (2010). A Mensagem de Pessoa [Vídeo]. RTP Arquivos.  
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-mensagem-de-pessoa/>;
- Saraiva, J.H. (2021). *História Concisa de Portugal* (26<sup>a</sup> ed.). Contraponto Editores;
- Seixas, A. & Baptista, A. (2020). O documentário biográfico e a sequencialização dos testemunhos. Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto.  
<https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/16200>;
- Solar Sands (2021, novembro 13). Doomed to Obscurity [Video]. Youtube.  
<https://youtu.be/w3glEk50cgM>;
- Sorlin, P. (1994). How audiences form. In Sorlin, P. (Ed.), *Mass Media* (pp. 44-58). Routledge.
- Portugal Sotheby's (2022, outubro 03). Herdade Palmela, Palmela. Portugal Sotheby's.  
[https://www.sothebysrealtyp.com/imoveis/herdade-palmela-palmela\\_pt\\_47172](https://www.sothebysrealtyp.com/imoveis/herdade-palmela-palmela_pt_47172);
- Teves, V.H. (1998). *História da televisão em Portugal: 1955-1979*. TV Guia Editora;
- Tönnies, F. (1955). *Community and society*. Routledge & Paul.
- Torre do Tombo. (2022, outubro 7). Missões e objetivos. Torre do Tombo.  
<https://antt.dglab.gov.pt/inicio/identificacao-institucional/missao-e-objetivos/>;
- Torres, E.C. (1998). *Ler televisão*. Celta;
- Traquina, N. (1997) *Big Show Media*. Lisboa: Notícias Editorial.

## **ANEXOS**

## Anexo 1. - Estudo sobre o Documentário

Um documentário é um processo complexo, demorado e que requer tempo e preparação. Um documentário, tal como um filme, está num constante processo de reestruturação até estar pronto. Importa fazer uma breve contextualização sobre documentários, enunciando a literatura que sustenta as escolhas realizadas.

Quando se pretende fazer um documentário é sempre importante, como ponto de partida, a contextualização teórica. Bernard (2011) afirma que o primeiro passo é pensar na forma como se pretende abordar o tema do documentário sem esquecer que essa abordagem é evolutiva, ou seja, altera-se com o aprofundar do conhecimento sobre o mesmo. “A abordagem do documentário vai evoluir à medida que o teu conhecimento do material cresce e tu tens uma melhor compreensão do que é prático” (Bernard, 2011:119).

Rosenthal e Eckhardt (2016) afirmam que para fazer “bons documentários”, tem que existir um forte impulso narrativo e uma história que possa ser recontada na forma mais atraente ou dramaticamente possível. “Quando se tem uma história que captura a imaginação, o filme muitas vezes passa de interessante para inesquecível” (Rosenthal & Eckhardt, 2016:9).

Para Jenkins (2022a), o que torna um documentário um bom documentário é a capacidade “de fazer rir, chorar ou pensar” (Jenkins, 2022a). Para o autor, bons documentários podem mudar perspetivas pessoais acerca de um sujeito particular, seja através de uma lente histórica, política ou cultural:

“Bons documentários fazem com que uma pessoa sinta que aprendeu algo novo acerca do mundo e de si próprio. Um grande documentário raspa algo profundo nas pessoas, por vezes revelando verdades que estão escondidas” (*Ibidem*, 2022).

Para explicar, o autor cita 22 pontos que considera essenciais na criação de bons documentários. O primeiro ponto é a experiência da audiência, em que Jenkins explica que a audiência “quer sentir como se estivesse a ser levada numa viagem enquanto vê o filme” (*Ibidem*, 2022). A seguir, cita o ponto da educação e entretenimento, referindo que o trabalho de um realizador de documentário deve ser a “captura da verdade de um momento” (*Ibidem*, 2022), quer seja de um momento cultural ou histórico.

Dois pontos que queremos dar particular ênfase é aquilo a que Jenkins explica como experiências subjetivas e contar uma história importante.

Relativamente à subjetividade, o autor diz o seguinte:

“Um bom documentário mostra pessoas com diferentes perspetivas do que estão habituadas a ver nos media. ‘Abre’ a mente e o coração das pessoas para as dificuldades de outras pessoas no mundo. Faz com que as pessoas se interroguem a forma como as coisas estão e a forma como elas devem ser (*Ibidem*, 2022).

Quanto à questão de contar uma história importante, Jenkins explica que:

“Encontrar a história certa é um dos maiores desafios que um realizador de documentários vai enfrentar. Pode levar meses ou até anos para ele conseguir assentar numa história que tenha a combinação certa de significado, acesso e permanência – no sentido que vai levar meses ou até anos para encontrar um orçamento assegurado, filme e edição” (*Ibidem*, 2022).

Nichols (2001) escreve que o documentário se distingue de outros tipos de filme. “O filme e vídeo documental estimula a o desejo de conhecer na sua audiência. Transmite uma lógica informativa, uma retórica persuasiva, ou uma poética em movimento que promete informação e conhecimento, introspeção e compreensão” (Nichols, 2001:40).

Já Renov (1993), identifica quatro tendências fundamentais do documentário. O presente projeto enquadra-se na terceira tendência apontada pelo autor, que incide sobre o ato de analisar ou interrogar. “Análise, neste contexto, pode ser considerada como o reflexo cerebral da modalidade de recordar/revelar/preservar; é revelação interrogada” (*Ibidem*, 1993: 31). Acrescenta que este ímpeto documental transforma as questões não-reconhecidas, que jazem debaixo de todas as formas não-ficcionadas, em matéria com potencial.

Não interessará explorar nem a tendência para preservar, revelar ou recordar (*Ibidem*, 1993:25) nem a persuasão ou promoção (*Ibidem*, 1993:29).

Também se acolhe do mesmo autor a necessidade de expressão. “A expressão é a função estética que tem sido consistentemente subvalorizada dentro do domínio da não-ficção; é, no entanto, amplamente representada na história do documentário.” (*Ibidem*, 1993:32).

Nichols (2001) explica que cada documentário tem uma voz distinta. “Tal como cada voz que fala, cada voz cinemática tem um estilo ou ‘grão’ inteiramente seu, que funciona como uma assinatura ou impressão digital” (Nichols, 2001:99).

Explica, ainda, que esta distinção atesta à individualidade do realizador ou do diretor ou, por vezes, do poder determinante de um patrocinador ou organização. O autor identifica, no caso

do filme ou vídeo documental, seis subgéneros: poético; expositivo; participativo; observacional; reflexivo; e performativo.

Apresentados os elementos essenciais de um documentário, importa explorar os diferentes tipos de documentário.

No subgénero poético, o autor sacrifica as convenções de continuidade na edição e o sentido de localização no espaço e no tempo, que provém dessa falta de continuidade, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais. “O modo poético é particularmente apto a abrir a possibilidade de formas de conhecimento alternativas à forma direta de partilha de informação, a acusação de um ponto de vista em específico ou apresentar proposições razoáveis sobre problemas que necessitam de solução” (*Ibidem*, 2001:103).

No expositivo, Nichols explica que este modo “monta fragmentos do mundo histórico num enquadramento mais retórico ou argumentativo do que o enquadramento poético ou estético. O modo expositivo endereça o espectador diretamente, com títulos ou vozes que propõem uma perspetiva, avançam um argumento ou recontam a história.” (*Ibidem*, 2001:105).

O modo observacional, ao contrário do poético ou expositivo, pretende responder a uma pergunta: e se o realizador conseguisse simplesmente observar o que acontece em frente da câmara sem exercer intervenção? “O modo observacional posa uma série de considerações éticas que envolvem o ato de observar outros fazerem as suas tarefas diárias” (*Ibidem*, 2001:111).

O caso participativo inspira-se nas ciências sociais. O realizador vai para o “campo”: vivendo com outros e fala sobre ou representa o que eles experienciaram. “Quando vemos documentários participativos nós esperamos visualizar o mundo histórico como representado por alguém que ativamente interage com ele, em vez de observar discretamente, reconfigurar poeticamente ou argumentativamente monta o mundo” (*Ibidem*, 2001:116).

No subgénero reflexivo, em vez de seguirmos o realizador no envolvimento dele com outros atores sociais, “agora seguimos o envolvimento do realizador connosco, falando não só do mundo histórico, mas sobre os problemas e erros de representá-lo” (*Ibidem*, 2001:125). Para Nichols, ao definir o subgénero reflexivo, um documentário só pode ser tão bom enquanto o seu conteúdo for interessante.

O modo performativo, tal como o modo poético, lança perguntas sobre o que é conhecimento. Para Nichols, um documentário performativo apoia a ideia que o conhecimento é descrito de uma forma melhor se for concreto e incorporado, baseado nas especificidades de experiência pessoal, na tradição de poesia, literatura e retórica. E, desta forma, “avança na procura de demonstrar como o conhecimento corporificado entra no nosso entendimento de um processo mais geral do trabalho em sociedade”. (*Ibidem*, 2001:131).

## Anexo 2. - Os estudos de caso

Foi realizada uma breve análise sobre alguns documentários considerados interessantes para o desenvolvimento deste trabalho. São documentários portugueses, focados em figuras públicas, ou temas relacionados com a RTP, ou com José Hermano Saraiva. Estes documentários servem de base para a construção da proposta de documentário.

Os documentários são: *Maria de Lourdes Pintasilgo* (2010), produzido por Rita Borges e Frederico Wiborg, com realização de Graça Castanheira para a RTP2; “Da Revolução à Normalização” (2004), o quinto episódio da série documental *RTP – Retratos duma Televisão* e que foi produzido para a RTP1; e “José Hermano Saraiva” (2011), da série *Retratos – Uma Série Documental* de Paulo Silva Costa e Rui Capitão e que foi produzido para a RTP Memória.

*Maria de Lourdes Pintasilgo* (2010) foca-se na figura de Maria de Lourdes Pintasilgo, engenheira química de formação e a primeira mulher a ocupar o cargo de primeiro-ministro no V Governo Constitucional (1979). Um documentário que pretende contar um percurso de vida ilustrado pelos testemunhos e depoimentos de personalidades públicas que com ela privaram e que utiliza imagens do Arquivo RTP.

O documentário começa por mostrar ao telespectador aquilo que é mais conhecido no percurso de Pintasilgo, o tempo de primeiro-ministro, e, à medida que se desenvolve, parte para o menos conhecido, como a ligação com o Graal e o lado mais íntimo, familiar e pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo. A banda sonora do documentário é música clássica, nomeadamente peças de Chopin tocadas no piano pela pianista Maria João Pires.

Este documentário recorre a muito arquivo, nomeadamente: arquivo da RTP (vídeo), arquivo da fundação “Cuidar o Futuro” (documentos de Pintasilgo na UNESCO, ONU, Graal e até áudios da campanha presidencial de Pintasilgo). Estes servem para que Pintasilgo se explique pelas suas próprias palavras e mostram o seu perfil conhecido e desconhecido.

Intercaladas com estas imagens, estão os testemunhos que, tal como a estrutura do documentário, partem de figuras públicas conhecidas, como o jornalista Adelino Gomes, o antigo presidente da República Ramalho Eanes ou o ensaísta Eduardo Lourenço, para figuras públicas menos conhecidas e mais intimamente ligadas a Pintasilgo, como Maria João Seixas, Fátima Grácio (presidente da Fundação “Cuidar o Futuro”) ou Marijke de Koning.

É um documentário que, usando as definições de Nichols (2001), se pode inserir no modo observacional e poético. Observacional porque o realizador/narrador não intervêm no que acontece em frente à câmara e confia todo o seu encadeamento às personalidades e às imagens de arquivo.

Poético, porque não existe um sentido espacial ou de tempo, uma vez que a narrativa não decorre de uma forma linear e vai saltando por diferentes pontos da vida de Maria de Lourdes Pintasilgo.

“Da Revolução à Normalização” (2004) é o quinto episódio da série documental *RTP – Retratos de uma Televisão*. Fala do período vivido dentro da RTP entre março de 1975 e o Festival de Canção de 1980. Como tal, utiliza testemunhos de figuras públicas ligadas diretamente e indiretamente à RTP e recorre a imagens do Arquivo da RTP para descrever a evolução dos acontecimentos.

Alguns dos momentos mais interessantes deste documentário são os excertos da “Reportagem dos Ralis” (12 de março de 1975), o papel pedagógico da RTP nas primeiras eleições legislativas e nas primeiras eleições presidenciais, o “verão quente” de 1975, a modernização da RTP durante os anos de 1978 e 1979 e o início das emissões regulares a cor (1980).

Para melhor compreender os acontecimentos que as imagens de arquivo mostram, o documentário também se sustenta numa série de depoimentos de figuras públicas como: Ramalho Eanes (antigo presidente da República e antigo presidente da RTP entre 1974 e 1975); Adelino Gomes (jornalista da RTP entre 1975 e 1976); Álvaro Guerra (diretor de informação da RTP entre 1974 e 1976); Vasco Hogan Teves (jornalista da RTP entre 1957 e 1974); Joaquim Letria (jornalista e apresentador na RTP); Jorge Leitão Ramos (crítico de TV); Francisco Pinto Balsemão (Grupo Impresa), e João Soares Louro (presidente da RTP entre 1978 e 1980).

Usando as definições de Nichols (2001), este documentário pode inserir-se no modo expositivo, uma vez que reconstrói um momento histórico através de várias vozes, propondo a perspetiva de como a RTP se adaptou no pós-25 de abril. Citando um dos entrevistados, Miguel Roque (presidente do conselho de administração da RTP entre 1995 e 1998), “a televisão era, como se costumava dizer, o barómetro da vida política” (RTP, 2004).

“José Hermano Saraiva” (2011), documentário que pertence à série *Retratos* tem como objetivo contar a vida de José Hermano Saraiva, usando para isso depoimentos do próprio, de figuras próximas (familiares, amigos, políticos), imagens do arquivo da RTP e do arquivo pessoal de José Hermano Saraiva.

O documentário biográfico conta com pormenor aspetos da vida do apresentador, desde a sua infância em Leiria, nos anos 20 do século XX, até ao ano de 2011, com Saraiva sentado numa poltrona na sua casa de Palmela.

O documentário dá bastante ênfase à vida pessoal do apresentador e à sua carreira pública (como advogado, professor e político). O sucesso televisivo é também abordado, focando-se mais nos programas *Horizontes de Memória* e *A Alma e a Gente*. A razão para esta escolha deve-se ao facto que um dos entrevistados é José António Crespo, que foi o produtor destes programas.

Usando mais uma vez as definições de Nichols (2001), este documentário difere dos anteriores por se aproximar de um caso de documentário participativo. O realizador, em si, não interage no documentário, mas existe um narrador da história, desconhecido, que conta os acontecimentos da vida de José Hermano Saraiva, intercalados com os depoimentos e imagens de arquivo. Também se pode dizer que Saraiva é, em si próprio, também um narrador, que intervém em momentos da narrativa para esclarecer determinados factos.

## **Anexo 3.- A biografia de José Hermano Saraiva**

José Hermano Saraiva foi uma figura que muitos acompanharam na televisão durante mais de quarenta anos. Figura que foi transversal a diferentes gerações, que na esfera pública exerceu várias funções, e que para muitos, na televisão apresentou a História de Portugal de uma forma diferente.

É uma figura que causou polémica, nomeadamente ao nível político e historiográfico, mas que não deixou de ter sucesso televisivo. Mesmo com um forte comprometimento político com o Estado Novo, José Hermano Saraiva conseguiu afirmar-se no pós-25 de Abril, reabilitando a sua imagem pública.

### **Anexo 3.1. - A trajetória**

O percurso de vida, os contextos históricos, sociais, políticos e familiares, entre outros aspetos, constituem fatores que influenciam necessariamente a personalidade dos indivíduos, determinando as suas decisões e posicionamento perante os acontecimentos.

No que diz respeito à história de vida, José Hermano Saraiva nasceu em Santo Estevão, Leiria, a 3 de outubro de 1919, foi professor, político, advogado, comentador e apresentador. Era o quarto de seis irmãos e filho de José Leonardo Venâncio Saraiva, que começou a vida como marçano (empregado de balcão) e chegou a reitor de liceu.

Na altura em que Saraiva entrou na escolaridade básica, Portugal tinha mergulhado num novo regime político, num mundo dividido entre bolchevismos e fascismos (RTP, 2011). Saraiva fez parte da primeira geração que integrou a Mocidade Portuguesa.

Posteriormente licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa (1946), depois de ter cursado em Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras (1941) da mesma Universidade (Barreto & Mónica, 1999).

Relativamente ao pensamento de José Hermano Saraiva, cuja corrente histórica remonta aos finais do século XIX, é importante esclarecer. Em termos sociológicos, no século XIX, os homens empenhados na divulgação da história nacional eram sobretudo das classes médias, maioritariamente funcionários públicos e jornalistas com formação académica muito diversa (poucos eram os que estavam ligados à Universidade), grande parte era originária de Lisboa, mas muitos também provenientes da província (Matos, 2008:8).

De referir que o potencial público leitor era bem mais reduzido, embora a taxa de analfabetismo tenha descido lentamente ao longo do século XX. Além deste fator, é importante referir a relevância de autores como Oliveira Martins ou Teófilo Braga, cujas obras alcançavam mais consagração do que as obras dos historiadores atuais (Matos, 2008:8). Ao mesmo tempo, foi o século XIX que trouxe para primeiro plano tópicos como nação, raça, carácter nacional, génio nacional, glória, progresso e decadência (*Ibidem*, 2008:9).

Matos, mais uma vez, explica que “as invasões francesas, logo seguidas da ocupação britânica que se prolonga até 1820, os exílios dos liberais em Londres e o processo da independência do Brasil (só formalmente consumado em 1822) constituem o contexto em que começou a delinear-se uma narrativa liberal e laica do passado, centrada no conceito de nação, pela voz de homens como João Bernardo da Rocha Loureiro ou José Liberato Freire de Carvalho.” (Matos, 2008:10).

O positivismo histórico, dentro deste contexto que delineámos, dominará o ambiente historiográfico universitário até aos anos 60 do século XX, embora a resistência crítica a esta prática espontânea (não assumida como teoria), remontasse ainda aos finais de Oitocentos (Matos, 2008:11). Foi dentro deste contexto académico que José Hermano Saraiva se iria formar.

Depois da vida estudantil académica, lecionou em diferentes liceus de Lisboa, como o Passos Manuel e Gil Vicente. Foi também professor efetivo do Liceu da Horta (1955) e tornou-se Reitor do Liceu D. João de Castro (1965) (Parlamento, s.d.).

Mais tarde, enveredou pela vida política, tendo exercido diversos cargos durante o Estado Novo. Foi diretor da Campanha Nacional de Educação de Adultos, vereador da cultura na Câmara Municipal de Lisboa (1957-1961) e vogal na Comissão Executiva do IV Congresso da União Nacional (1956), chegando, mais tarde, à Assembleia Nacional durante a VII Legislatura do Estado Novo, enquanto deputado por Castelo Branco. Também exerceu o cargo de procurador da Câmara Corporativa<sup>1</sup>. Enquanto deputado, é possível identificar algumas das suas características oratórias.

---

<sup>1</sup> A Câmara Corporativa não tinha iniciativa legislativa, mas apenas funções consultivas. Emitia pareceres obrigatórios, mas sem carácter vinculativo. Era composta por procuradores, representantes de autarquias

Como por exemplo, José Hermano Saraiva proferiu um discurso na Assembleia Nacional que consagra o Infante D. Henrique como “fonte e símbolo maior das epopeias nacionais”, usando uma interpretação voluntarista e heroica da História (Matos, 2008:152).

Foi também durante o tempo de deputado que Saraiva teve o seu primeiro contacto com a Rádio e Televisão de Portugal. Em abril de 1959, integrou o primeiro Conselho de Programas, um órgão colegial que foi considerado, por Barradas da Silva (Diretor-Geral da RTP em 1962), “indispensável, pois não lhe parecia possível que uma só pessoa independentemente das suas qualificações, escolhesse e fizesse executar um programa de TV, dada a diversidade de assuntos a tratar” (Teves, 1998:127). Voltaria a integrar o Conselho de Programas, após uma remodelação, em 1962. Além de fazer parte deste órgão, Saraiva faria as suas primeiras aparições televisivas enquanto deputado, entre 1959 até 1969 (RTP, 2021a).

Depois do tempo como deputado, José Hermano Saraiva foi chamado por Salazar para integrar, durante a IX e a X Legislatura, o Governo, assumindo a pasta de ministro da Educação Nacional (Parlamento, s.d). Durante este período, Saraiva implementou algumas reformas no sistema educacional português, abriu concursos públicos para a contratação de mais professores de ensino primário, estabeleceu um plano nacional de leitura, criou saídas profissionais através dos institutos politécnicos, entre outras (RTP, 2011). De acordo com Justino Mendes de Almeida, Secretário de Estado da Administração Escolar (1968-1969), Saraiva fez por combater o analfabetismo e “conseguiu resultados” (*Ibidem*, 2011). No entanto, o ministro que o substituiu, José Veiga Simão, acabou por ter um papel determinante na transformação do ensino em Portugal, suplantando, pela sua ação reformista, tudo o que tinha sido feito anteriormente.

É importante notar que com afastamento de Salazar do Governo (1968), José Hermano Saraiva foi um dos ministros que permaneceu no Governo de Marcello Caetano (1968-1974). Para além das mudanças no regime, José Hermano Saraiva também viveu um período crítico durante o exercício da pasta da Educação. Saraiva enfrentou “um período estudantil em Coimbra agitado [1969]” e a questão dos exames (RTP, 2012). Saraiva foi alvo da sátira dos alunos (ver Figura 1).



Figura 1

À altura, durante a visita do Presidente Américo Thomaz à Universidade de Coimbra (em que Saraiva estava presente), o líder da Associação Académica de Coimbra, o futuro deputado e ministro socialista Alberto Martins, pede para falar em público ao Presidente sobre a situação universitária, sendo prontamente rejeitado o seu pedido. Saraiva refere que o incidente não foi relatado com exatidão, referindo que Américo Thomaz disse apenas que primeiro falava o Ministro das Obras Públicas. A falta de uma negação deu a entender aos estudantes que existiria permissão para falar depois, o que não se verificou quando o presidente declara que a sessão tinha terminado, gerando-se um “murmúrio de desacordo, mas nada assim de grave” (*Ibidem*, 2012).

Depois deste incidente, as manifestações estudantis tomaram novas proporções, com a polícia a invadir as instalações da Universidade de Coimbra e a dissolução da Associação Académica por Marcello Caetano.

José Hermano Saraiva, em entrevista a Fátima Campos Ferreira, afirmou que com a ameaça de entrada na Universidade de Coimbra do Batalhão de Intervenção, uma força especial da PSP, decidiu convencer Caetano a não enviar tal força de imediato, propondo antes um discurso televisivo porque “com um discurso vou conseguir mais do que com a Polícia” (RTP, 2012).

No ano seguinte, Saraiva foi demitido, sendo substituído no cargo por José Veiga Simão. Enquanto ministro da Educação Nacional, Veiga Simão acabaria por ser considerado como o “momento fundador” da grande reforma da Educação em Portugal (Nóvoa, 2001:5), tendo encetado reformas assentes numa cultura tecnocrática e fortemente assentadas nas teses de capital humano e do planeamento educacional. A política educacional do III Governo do Estado Novo acabaria por se afastar da tradição salazarista e, conseqüentemente, de José Hermano Saraiva.

Na opinião de outros autores, que analisaram este período, as decisões que Saraiva tomou são questionáveis. Barreto e Mónica (1999) referem que ele não conseguiu ou não quis opor-se, o que levou à solidariedade dos estudantes das outras faculdades para com os estudantes que tinham sido espancados e presos e à quase paralisação do Ensino Superior. A sua saída do Governo, de acordo com ambos autores, pareceu dissipar esse clima.

## **Anexo 3.2. - O trabalho na televisão**

Algum tempo depois da saída do Governo, Saraiva foi convidado para um jantar com vários ministros do regime, entre eles César Moreira Baptista (Diretor do Secretariado Nacional de Informação e futuro Ministro do Interior) (RTP, 2012). De acordo com o próprio, Saraiva discutiu com Baptista a grelha de programas culturais que a RTP tinha à altura, sob a presidência de Ramiro Valadão. Saraiva manifestou que a predominância de “futebol” e “fado” era dececionante (*Ibidem*, 2012).

Quando assumiu o cargo em 1969, Valadão fez várias mudanças na programação da RTP. Entre elas, de grande nota, a inauguração do 2º canal de emissão (RTP 2), o nascimento do programa “Zip-Zip” de Raúl Solnado, a transmissão da chegada do primeiro homem à Lua, os primeiros cursos profissionais no Centro de Formação da RTP e a saída progressiva do Centro de Produção da RTP dos estúdios da Tóbis Portuguesa, no Lumiar (Teves, 1998: 156-157).

Outro fator a ter em conta foi a instrumentalização da televisão por parte do Estado Novo, mais evidente durante o período marcelista (Cádima, 2018:10). Com Caetano, a televisão passa a poder ser considerada um “instrumento” do regime com uma ação política e propagandística. Para atingir esse propósito, a que Cádima (2018) descreve como “o desígnio do novo sistema instrumental-propagandístico” foi o, à altura, recém-nomeado presidente da RTP, Ramiro Valadão. O expoente máximo desta instrumentalização seria o programa *Conversas de Família* (1969-1974), que o próprio Chefe do Conselho de Ministros apresenta.

Para Caetano, qualquer tentativa de interpelar diretamente ao povo era um risco, levando a que o regime acabasse por se fechar cada vez mais em si mesmo (Cádima, 2018: 10).

É neste contexto que se acontece a chegada de José Hermano Saraiva ao pequeno ecrã.

Nas palavras de Saraiva, César Moreira Baptista decidiu convidá-lo a criar um programa cultural. Apesar de Baptista o alertar que programas desse género não costumavam ter muita audiência, Saraiva aceitou o desafio, propondo a gravação de seis episódios (RTP, 2012). O primeiro programa, *O Tempo e a Alma*, acabaria por ser um verdadeiro sucesso de audiências,

servindo como “prova da preferência dos espectadores mais fiéis aos programas culturais” (Teves, 1998: 178).

Além do sucesso em termos de audiência, o novo programa de José Hermano Saraiva também foi um sucesso na crítica da altura. No seu segmento diário “Canal da Crítica”, do *Diário de Lisboa*, o crítico Mário Castrim elogia a forma como Saraiva interage com a audiência, classificando a presença televisiva do apresentador como “pouco comum” quando comparada com a de outros apresentadores conhecidos.

Na crítica a um dos episódios, Castrim explica, na sua opinião, a forma como José Hermano Saraiva captura a atenção da audiência:

“A atenção do público é suscitada habitualmente através de elementos concretos: o cesto da palha de centeio em diagonal, cosida, o chifre lavrado pelo pastor alentejano. As interpretações podem ser discutíveis (...) A verdade é que, a partir daqui o auditório está ‘apanhado’ e pronto para a sementeira. Então José Hermano Saraiva lança o seu projeto: construir na televisão a história do povo português com a ajuda do povo português” (Castrim, 1971).

O sucesso do programa *O Tempo e a Alma* não garantiu a sua renovação para 1972 (RTP Arquivos, 2021). Durante a produção do programa, Saraiva foi também chamado para o cargo de Embaixador em Brasília (1971-1974). Ocupou o cargo até ao dia 25 de Abril de 1974, altura em que pede a exoneração e regressa a Portugal.

Após ter regressado a Portugal, com a intenção de voltar à vida académica, Saraiva foi apontado como um dos alvos “indesejáveis” do pós-25 de Abril (RTP, 2011). Para muitos quadrantes da sociedade, José Hermano Saraiva estava altamente conotado com o regime fascista. Para sua segurança, e na sequência do facto de ter sido saneado do Liceu Gil Vicente em 1975, exila-se na Nazaré até que a situação se acalmasse (*Ibidem*, 2011).

Para compreendermos a forma como José Hermano Saraiva voltaria a ser autor de um programa na RTP no pós-25 de Abril, importa perceber o desenrolar de acontecimentos que o trouxeram de volta à RTP e falar brevemente das grandes mudanças que estavam a ocorrer. A 28 de agosto de 1974, o à altura major Ramalho Eanes assumia a função de diretor de Programação da RTP, após ter sido extinta a Comissão Diretiva de Programas (Teves, 1998: 213). No âmbito da “reestruturação da RTP”, Ramalho Eanes “foi dos que mais se impressionou com a urgente necessidade de renovação da área informativa da RTP” (*Ibidem*, 1998: 214). Para Eanes, era essencial garantir que a programação da RTP informasse, recreasse e promovesse culturalmente e socio politicamente o povo português em termos de eficiência, verdade e isenção.

Teves afirma que a ação de Eanes enquanto diretor de Programação na RTP, quer como presidente do Conselho de Administração, “pautou-se por uma lúcida análise dos problemas em solo democrático que fez questão de ser o seu e sempre tentou levar à prática no quotidiano” (*Ibidem*, 1998:215). Além do enfoque na programação, o mandato de Eanes caracterizou-se pelo reduzido número de saneamentos (contrariando a tendência dos primeiros meses da RTP no pós-25 de abril): um total de quatro suspensões e uma prisão (Rezola, 2014:40).

No entanto, Ramalho Eanes acabaria por sair da RTP a 11 de março de 1975, o que também desencadearia a demissão do responsável de informação, o jornalista Álvaro Guerra (Teves, 1998: 217). A sucessão só aconteceria a 31 de março, com a nomeação de Valentino Tavares Galhardo (Rezola, 2014:41).

As mudanças internas na RTP, de forma a mudar a imagem de “televisão do regime”, construída por Valadão e Caetano, para a imagem que assumiu posteriormente no final dos anos 70, estavam a decorrer mais rápido do que se imaginava, o que permitiu que novas figuras e até figuras conotadas com o Estado Novo pudessem voltar aos quadros da emissora pública. É também importante referir que, entre o 25 de Abril de 1974 e o regresso de José Hermano Saraiva à televisão, existiram onze presidentes do Conselho de Administração da RTP.

Durante este período, José Hermano Saraiva publicaria o livro que se tornaria um dos maiores sucessos editoriais na área da divulgação histórica, *História Concisa de Portugal* (1978). Com 26 edições publicadas e cerca 180 mil exemplares vendidos, *História Concisa de Portugal* foi editada pela primeira vez em 1978 e é uma obra traduzida em espanhol, italiano, alemão, búlgaro e chinês. Nas palavras de Saraiva, o livro é ao mesmo tempo ambicioso e modesto<sup>2</sup>.

Como sugeriu o próprio, que apresentou a *História Concisa de Portugal* no programa televisivo *A Ideia e a Imagem* na RTP 1, da autoria do escritor Álvaro Manuel Machado, a obra não era de investigação, mas sim uma síntese, de “leitura simples”, acrescentando em seguida que poucos portugueses tinham “tempo e dinheiro para comprar livros”<sup>3</sup>(RTP, 1978). No que diz respeito à preponderância da cultura escrita e impressa, José Hermano Saraiva referiu igualmente neste programa que a cultura era um privilégio de poucos no século XVI, mas que devia ser um

---

<sup>2</sup> José Hermano Saraiva escreve que *História Concisa de Portugal* é um livro ambicioso porque “não me persuado de que essa simplicidade indispensável possa ser conseguida pelo caminho da uni linearidade. Os pequenos compêndios resolvem a questão reduzindo a narrativa histórica às linhas mais espetaculares da evolução política” (Saraiva, 2021: 15). Ao mesmo tempo, explica que o seu livro é modesto porque “não pretende mais do que remediar uma falta sentida por muita gente e corresponder a uma necessidade simples e geral” (Saraiva, 2021; 15).

<sup>3</sup> O programa “A Ideia e a Imagem” foi emitido pela RTP entre 1976 e 1978 e abordava temas de literatura, incluindo perfis de diversos autores, e de algumas edições literárias recentes. O programa em que José Hermano Saraiva apresenta a *História Concisa de Portugal* foi emitido a 23 de março de 1978 (episódio consultado no dia 1 de agosto de 2022).

direito de todos no século XX. Salientou ainda que a cultura não se adquiria somente através do livro, havia meios de comunicação modernos que também a podiam transmitir (Cardão, 2019:16). Esta afirmação fazia antever o que aconteceria a seguir.

José Hermano Saraiva regressaria definitivamente ao pequeno ecrã a 19 de outubro de 1978, com o título *Gente de Paz*<sup>4</sup> (Saraiva, 1978). Este regresso deveu-se ao projeto televisivo que Vasco Graça Moura (diretor de Programas da RTP 1 em 1978) estava a construir para a RTP 1, durante a presidência de João Soares Louro (RTP, 2004). Em 2011, Moura afirmou que o regresso do historiador à televisão foi uma das melhores decisões que tomou enquanto diretor na RTP:

“(...) O professor José Hermano Saraiva impunha-se pela qualidade da sua comunicação, do seu saber, da sua versatilidade enquanto figura da televisão, a falar do nosso património, da nossa cultura, da nossa identidade e interpelava muita gente exatamente por esse aspeto importantíssimo, que tem a ver com o mais íntimo de nós. Penso que, ao fim de pouco tempo, já estava completamente aceite por toda a gente e penso que não me enganei ao propor a contratação dele (que, de resto, foi logo aceite pela administração), porque foi feita dentro de uma intenção de reforçar a componente cultural dos programas da RTP. Creio que foi o único ponto, que ao longo de trinta e tal anos, se manteve até hoje com um interesse cada vez maior por parte do público e creio que isso foi uma aposta ganha (...)” (RTP, 2011).

Com o sucesso deste programa, Saraiva permaneceria na RTP 1, RTP 2 e, mais tarde, na RTP Memória, durante 33 anos. É importante analisar os conteúdos históricos, localizando a sua abordagem na historiografia portuguesa, com recurso a especialistas das diferentes épocas históricas. Importa perceber o que distinguia José Hermano Saraiva como comunicador, bem como, se a passagem das gravações para fora de estúdios alterou a sua forma de comunicar. A apresentação destes programas permitiu a Saraiva apresentar uma nova imagem, dissociando-se da anterior, ligada ao Estado Novo e à figura de Salazar.

---

<sup>4</sup> Em termos de audiência, o programa chegaria a estar em segundo lugar na categoria “Melhor programa de divulgação cultural”, superado apenas pelo “Musica e o Silêncio” de Vitorino d’Almeida (Teves, 1998:271).

### **Anexo 3.3. - A produção dos programas**

Os programas construídos à volta de uma figura como José Hermano Saraiva necessitavam igualmente de uma produção e de técnicas de filmagens apropriadas. Hoje em dia, é fácil dar como garantidas algumas das comodidades que as cadeias de televisão possuem na construção dos seus programas. Contudo, essa não era a realidade da televisão portuguesa há cinquenta anos.

Muitos dos programas da RTP 1, por volta de 1971 e onde se inclui o primeiro programa de Saraiva, eram feitos em estúdios, com duas ou três câmaras, um microfone, um cenário simples e a galeria, que fazia a edição do programa em direto (algo muito semelhante ao boletim noticioso ou telejornal, no qual quaisquer erros durante o processo ficariam no produto final) (Moreira, 1971a).

Além deste fator, muita da produção ainda era feita nos estúdios da *Tóbis Portuguesa*, no Lumiar, que estavam a ser utilizados por meio de aluguer desde 1957. A precariedade das instalações do, à altura, Centro de Produção de Lisboa fazia-se sentir cada vez mais naquele período, forçando a RTP a tomar a decisão de recorrer a salas de espetáculos para tentar ocultar o problema, pelo menos até 1972 (Teves, 1998:177). Por exemplo, o programa de Raúl Solnado, o *Zip-Zip*, foi gravado no teatro Villaret (*Ibidem*, 1998: 159).

Além deste constrangimento, existia a questão da formação dos quadros da empresa e da transmissão dos programas.

A 25 de dezembro de 1968, entra em funcionamento, com efeito, o primeiro emissor de UHF (*Ultra High Frequency*, ou Frequência Ultra Alta) instalado em Lisboa (Monsanto). Este seria o primeiro de diversos emissores semelhantes que, nos anos seguintes, viriam a ser montados noutros pontos do país e que estariam preparados para fazer a emissão de programas a cores (*Ibidem*, 1998: 151-152) Apesar do entusiasmo, especialmente por parte dos engenheiros da RTP, só nos finais dos anos 70 é que a televisão a cores se tornaria uma realidade em Portugal.

Para enfrentar estes novos cenários tecnológicos que se perfilavam, a RTP decidiu criar o seu próprio Centro de Formação, inaugurando em 1970 o Serviço de Formação Profissional (mais tarde, Centro de Formação, ou, simplesmente CF) (*Ibidem*, 1998: 168-169).

Estes fatores permitem-nos entender o contexto em que se realizava a produção da RTP e os constrangimentos que ainda se sentiam no início da década de 70. O primeiro programa de José Hermano Saraiva, *O Tempo e a Alma*, foi realizado com estas limitações.



Figura 2

Além de ser um programa construído com base nas “sugestões que os telespectadores me comunicavam” (Saraiva, 1978), a produção era feita originalmente no Estúdio A, do Lumiar.

Os programas gravados em Estúdio apresentados por Saraiva não diferem muito dos programas dos seus contemporâneos. Saraiva apresentava-se sentado numa poltrona, em frente a um cenário de peças geométricas. Não usava microfone de lapela, usando antes um microfone suspenso, por cima da sua cabeça. Por fim, era utilizada uma ou duas câmaras, dependendo do tema do episódio (Moreira, 1971a).

Infelizmente, já não temos provas, em vídeo, dos programas gravados em estúdio. Dos supostos seis episódios d’*O Tempo e a Alma*, apenas cinco existem nos arquivos digitais da RTP (RTP, 2022c). As razões para tal falta podem residir em diversos fatores, tais como: ainda não terem sido disponibilizados no arquivo digital ou terem sido destruídos, pouco depois da sua transmissão, devido à necessidade da reutilização do *videotape*. Daí que a informação recolhida provém de fotografias.

Dos programas disponíveis (“A Espada de Ferro”, “A Lusitânia e os Lusitanos”, “Intervalo para um Colóquio”, “Celtas e Iberos” e “O Príncipe dos Portugueses”), as técnicas variaram ligeiramente. São programas normalmente gravados em museus ou monumentos, mas mantêm o mesmo sistema de uma ou duas câmaras, de forma a trocar os planos.

Sete anos depois, foi com o programa *Gente de Paz* que grandes transformações se verificaram. Os primeiros doze episódios foram feitos a preto e branco e os últimos quatro episódios foram gravados a cor. Pela primeira vez, foram feitas gravações fora do estúdio e em diferentes localidades (por exemplo, “O Cálice de Falstaff”, gravado no Arquipélago da Madeira, e “Minha Terra”, gravado na Ilha Terceira dos Açores). De destacar ainda a gravação de um dos programas em direto, experiência que não se repetiu em programas subsequentes.

Em conjunto com estas novas técnicas, existe uma mudança na produção dos programas durante os dezasseis episódios. Os primeiros nove (até “Um Ano Feliz”), foram produzidos por Emídio Uva, que tinha sido produtor dos programas de Saraiva desde *O Tempo e a Alma* (RTP, 2022a). Os restantes oito (começando com “A Última Imagem de Camões” e acabando com “O Açor e as Estrelas”), foram produzidos por Carlos Rodrigues.

Nos anos 80, os programas de José Hermano Saraiva tiveram diferentes meios, equipas e propósitos. A partir deste momento todos os programas seriam feitos em cor.

Tal como o nome do programa sugere, *História das Cidades* (1986-1988), cada um dos seus episódios tinha o seu foco principal numa cidade. Por exemplo, o episódio “Leiria” foi gravado em Leiria, em diferentes locais da cidade: Castelo de Leiria, Igreja de S. Pedro, incluindo ainda o Mosteiro de Alcobaça e uma visita a uma fábrica de plástico na Marinha Grande (Saraiva, 1986).

O inverso da tendência crescente dos programas de José Hermano Saraiva serem gravados em localidades foi o programa *Coisas do Mundo* (1988), que foi inteiramente gravado em estúdio. Este programa partia de uma premissa simples: José Hermano Saraiva e o telespectador observavam um bloco de imagens, pertinentes para um determinado tema (por exemplo, terrorismo ou educação); depois da visualização das imagens, o tempo restante do episódio é focado em José Hermano Saraiva, que desenvolve o tema, falando sobre as imagens visualizadas. De certo modo, pode-se comparar este programa ao *O Tempo e a Alma* e à primeira temporada de *Gente de Paz*. Estes programas focavam-se inteiramente no discurso do apresentador.

Além dos programas em si, a equipa de produção estava em constante mudança. Entre 1986 e 1996, Saraiva teria diferentes produtores e realizadores para os seus programas. Neste trabalho, para efeitos de análise, coloca-se o foco somente nos programas selecionados, a saber: *História das Cidades*, realizado e produzido por António Escudeiro (realizador de cinema e diretor de fotografia); *Coisas do Mundo*, produzido por Ana Martins Varela (produtora, diretora de produção e produtora-realizadora de televisão); e *A Bruma da Memória*, produzido por Fernando Santos.

As grandes mudanças, nos programas de Saraiva, ocorreram com a chegada dos anos 90. A primeira emissão da SIC, a 6 de outubro de 1992, após um longo período de monopólio por parte da RTP e de discussão sobre a necessidade de haver ou não televisão privada (Santos, 2010:91), foi o mote da mudança.

Quando o novo programa de José Hermano Saraiva, *Horizontes de Memória*, estreia o seu primeiro episódio “Almoço com a História” (Saraiva, 1996), já a SIC tinha atingido a liderança do mercado, em escassos três anos após o seu arranque, com 41,4% de *share* (Obercom, 2002).

Este sucesso da SIC ficou a dever-se à existência de uma grelha diversificada em informação, reportagem, documentário, programas infantis e juvenis, séries, comédias, cinema e entretenimento (Lopes, 1995). Além disto, a decisão de orientar a programação para públicos mais estratificados por parte dos responsáveis da estação, em especial Emídio Rangel, fez grande mossa numa RTP apática (Torres, 1998:75). Para Traquina (1997), o setor público de televisão, confrontado com esta nova realidade comercial, acabou por deixar cair programas educativos e culturais, passando a introduzir mais programas de entretenimento, como filmes, séries e concursos.

Estas foram algumas das causas que podem ter levado a que os programas de José Hermano Saraiva deixassem de ser emitidos na RTP 1 e passassem a ser emitidos na RTP 2, mais tarde passando para a RTP Memória (RTP, 2022b).

Abordado o contexto externo, há que falar do contexto interno à produção.

Importante para o sucesso e continuação dos programas de José Hermano Saraiva na viragem do século foi a chegada de José António Crespo e da sua empresa de audiovisual, a *Videofono* (Arte Portugal, 2021). Conhecida pela produção de filmes, séries e programas de televisão, esta empresa realizou, em parceria com a RTP, muitos dos programas de Saraiva nos anos seguintes.

Tal como nos programas *Gente de Paz*, *História das Cidades* e *A Bruma da Memória*, passou a existir uma predominância de gravações fora de estúdio. Foram percorridos milhares de quilómetros pelas terras de Portugal e, também, feitas “algumas das gravações mais trabalhosas que, mesmo para os mais geniais da televisão, se fazem por tentativa e erro” (RTP, 2011).

As novas técnicas de imagem e som e a ambição que uma nova equipa trouxe ao formato dos programas complementam-se sem retirar o foco central, que continua a ser o discurso de José Hermano Saraiva. Muitas destas técnicas podem ser observadas em alguns episódios das primeiras três temporadas.



Figura 3

Da simplicidade dos planos e artefactos passou-se à utilização planos mais dinâmicos em contexto real. No episódio “Nas Margens do Tua”, Saraiva (com quase 80 anos) escalou até ao topo de um edifício, via escadote, para que se gravasse um plano geral de Mirandela, e se contasse a história da vila, bem como, a proteção concedida por D. Dinis (Saraiva, 1997).

Um outro exemplo de como as técnicas de filmagem e a forma como os programas evoluíram pode ser observada no episódio sobre a Ilha de Porto Santo, intitulado “A Praia dos Milagres”. O episódio começa com um plano aproximado das mãos de Saraiva, carregadas de areia, no qual o historiador pergunta, ao espectador, o porquê de o areal da ilha ser diferente (Saraiva, 1996).

Esta pergunta é utilizada como um pretexto para falar sobre a história: da colonização da ilha; de Bartolomeu Perestrelo; das ligações deste à figura de Cristóvão Colombo; e da lenda do profeta Fernão Nunes, contada por Saraiva na Igreja matriz de Porto Santo. Todo este discurso é conjugado, ao mesmo tempo, com imagens aéreas da ilha, criando um episódio que aguça a curiosidade do espectador.

O sucesso de *Horizontes de Memória*, tal como a sua identidade, propiciou a longevidade do programa. Ao contrário dos três programas que o precederam (*A Bruma da Memória* – 1993; *Histórias que o Tempo Apagou* – 1994; e *Lendas e Narrativas* – 1995), que conjuntamente perfizeram 103 episódios, *Horizontes de Memória* chegou ao fim da sua produção com 315 episódios entre 1996 e 2003. Um sucesso que continuaria para o projeto seguinte, *A Alma e a Gente* (2003-2011) (RTP, 2021).

O programa *A Alma e a Gente* continuou a ser produzido por José António Crespo, agora auxiliado por Diogo d’Almeida Costa (produtor em alguns dos episódios). No entanto, é notável a diferença entre os primeiros episódios e os últimos. Ao nível visual, os primeiros programas (temporadas I a VII) foram gravados em 4:3 PAL, com som mono, e os últimos (temporada VIII

e IX) foram gravados a 16:9 PAL, som stereo. Os programas continuavam a ser gravados em localidades, com preferência para monumentos ou museus. Além de serem filmados os interiores dos monumentos ou museus presentes nos episódios, também são usados documentos e fotografias de época como imagens para descrever diferentes protagonistas, quer sejam Calouste Gulbenkian (Saraiva, 2003), ou Fernando Pessoa (Saraiva, 2010).

## **Anexo 4. - Sinópses dos programas de José Hermano Saraiva**

José Hermano Saraiva foi autor de 15 programas televisivos, totalizando 976 episódios. Entre 1971 e 2012, foi presença regular nas antenas televisivas. Nesta curta secção, apresenta-se um resumo de cada um dos programas que foram da autoria de José Hermano Saraiva, que se encontram disponibilizados digitalmente nos Arquivos RTP. A análise dos programas foi fundamental para a identificação dos traços e características que se destacam no discurso de José Hermano Saraiva.

*O Tempo e a Alma* foi o primeiro programa de José Hermano Saraiva, emitido na RTP 1 entre 1971 e 1972. Um programa que constituiu “uma luz na programação da altura” (RTP, 2022). Emitido em horário nobre, dava ao público a possibilidade de conhecer mais sobre a história do seu país, curiosidades de personagens de vulto e descobrir partes da sua própria cultura, ainda desconhecidas. Foram feitos 6 episódios deste programa, mas, como mencionado anteriormente, só cinco episódios existem, neste momento, no website RTP Arquivos para consulta.

*Gente de Paz* marcou o regresso de José Hermano Saraiva à televisão, e foi emitido entre 1978 e 1979. Parece tratar-se de uma continuação do primeiro programa, sendo que aborda temas semelhantes. Esta é uma série dedicada às figuras e acontecimentos que marcaram a história e cultura de Portugal, com particular ênfase nos séculos XVI e XVII. Foram feitos 16 episódios, em duas temporadas, os quais se encontram na sua totalidade no website RTP Arquivos. Esta série também foi a primeira protagonizada por Saraiva que foi gravada a cores (apenas os últimos 4 episódios) e a primeira a ser filmada em localidades espalhadas pelo país, marcando a transição para os programas realizados fora do estúdio.

*História das Cidades*, emitida entre 1986 e 1988, consolidou a gravação fora de estúdio de *Gente de Paz*, com cada episódio focado na cultura, história e tradição de uma cidade de Portugal Continental, Açores e Madeira. Um programa com autoria de José Hermano Saraiva e apoio da ENATUR – Pousadas de Portugal. Foram realizados 18 episódios.

*Coisas do Mundo*, com 12 episódios emitidos no ano de 1988, pode ser considerado um programa um pouco diferente quando comparado com o restante que José Hermano Saraiva fez na

televisão. Tratam-se de episódios que abordam uma série de temáticas gerais, como o terrorismo, a educação ou a migração. Mas também abordam personalidades ou acontecimentos do ano de 1988, como Cavaco Silva ou os confrontos no País Basco. Depois dos dois programas anteriores, que foram gravados em várias localidades, com este programa José Hermano Saraiva regressou ao estúdio, desempenhando um papel de comentador.

A *Grande Aventura* (1989) foi um programa que José Hermano Saraiva dedicou inteiramente aos Descobrimentos, inserido nas comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos Portugueses. Uma série documental que totalizou 15 episódios, no ano de 1989. O programa foca-se não só nas grandes figuras, mas nos locais importantes dos Descobrimentos. A série foi filmada fora de estúdio, em locais como Ceuta, Cabo Verde, Arquipélago dos Açores e Madeira, e contou com a colaboração de Veiga Simão, Luís Albuquerque e Filipe Mendes Quino.

A *Bruma da Memória* (1993), *Histórias que o Tempo Apagou* (1994-1995) e *Lendas e Narrativas* (1995-1996) são enumerados em conjunto, pois partilham aspetos que seriam aperfeiçoados em *Horizontes de Memória*. A *Bruma da Memória*, que contemplou 13 episódios, dedica-se ao passado de algumas localidades portuguesas, incluindo um episódio dedicado a Macau. *Histórias que o Tempo Apagou* tem o seu foco principal em grandes figuras da História Portuguesa, na visita dos locais mais associados a estas figuras e teve 45 episódios. *Lendas e Narrativas* é um programa que se foca no património histórico português como uma forma de contar a História de Portugal, tendo totalizado 45 episódios. Outro aspeto que estes programas têm em comum é o facto de terem sido os primeiros programas de Saraiva feitos para a RTP 2.

*Horizontes de Memória* (1996-2003) combina os temas e ideias destes três programas e constrói uma nova série. Totalizou 315 episódios durante 6 anos e tocou em vários aspetos dos programas que Saraiva fez antes, não deixando de ser, na sua essência, um programa focado na História de Portugal. De acordo com a página da RTP Arquivos, *Horizontes de Memória* é uma das séries televisivas mais emblemáticas de sempre e “representa o melhor daquilo que deve ser um serviço público de televisão” (RTP, 2022b).

*Lisboa Sobre Carris* (1997) tem uma premissa simples: dar a conhecer a cidade de Lisboa através do serviço de transportes da Carris (elétrico, autocarros, etc.). Produzida por ocasião das comemorações dos 125 anos da Carris, esta minissérie de 6 episódios conta a história da Carris e também a sua importância para a cidade de Lisboa.

*Mitos Eternos* (2000) foi uma minissérie de 9 episódios dedicados à mitologia grega. Foi produzida pela mesma equipa que *Horizontes de Memória*, a audiovisual Videofono, e foi gravada na Grécia.

*A Alma e a Gente* (2003-2011) foi o programa que substituiu *Horizontes de Memória*. Focase nas personalidades e acontecimentos relevantes da História de Portugal, da mesma forma que o programa que o antecedeu. Foi produzido pela Videofono e emitido na RTP2. Teve 9 temporadas, totalizando 455 episódios.

*A História Essencial de Portugal* (2011) foi o último programa que Saraiva apresentou. Foi emitido no canal RTP Memória e apresentou a História de Portugal desde as suas origens até à atualidade. José Hermano Saraiva não aparece em pessoa nos locais onde o programa é filmado. O programa recorre a sua voz-off para narrar o que está a ser mostrado no ecrã e a imagens de arquivo do apresentador de programas antigos. Foram feitos e emitidos 12 episódios.

Nos vários episódios é possível encontrar a utilização de expressões de carácter nacionalista, o enaltecimento de figuras e feitos históricos nacionais, a exemplificação com recurso a objetos, o apelo à consciência coletiva, ao sentimento de pertença, a procura da interação com o telespetador, a utilização repetida das mesmas expressões ou vocábulos, a emoção e o dramatismo. A procura da interação com o telespetador foi uma constante nos seus programas e constitui o foco deste projeto.

Para esta análise foram selecionados os seguintes episódios: *O Tempo e a Alma* – “A Espada de Ferro” e os “Os Celtas e os Iberos”; *Gente de Paz* – “Diálogo” e “Quem Vai e Quem Vem”; *História das Cidades* – “Leiria” e “Lamego”, *Coisas do Mundo* – “A Educação” e “O Terrorismo”; *A Bruma da Memória* – “Tomar” e “Macau”; *Horizontes de Memória* – “Almoço com a História” e “Cultura Saloia”; *A Alma e a Gente* – “Uma Fundação, Dois Fundadores” e “A Mensagem de Pessoa”. A análise destes episódios pode ser consultada nos anexos deste trabalho.

## **Anexo 5. - Traços, Aspetos, características comunicacionais de José Hermano Saraiva**

Luís Andrade, realizador de televisão que assistiu na produção d’*O Tempo e a Alma*, falou um pouco de como era a experiência na gravação dos primeiros programas:

“(…) Ainda falava um bocadinho como se fosse para catedráticos. (...) Tanto eu, como o Emídio Uva, que era o produtor, aconselhamo-lo a falar como se fosse "para a quarta classe". Os catedráticos veem que está a falar assim para que todos o percebam e atinge o “público” que é aquele fundamental, que é o menos culto. Desde o primeiro programa que o sucesso público foi enorme. (...) o próprio Mário Castrim faz uma crítica extraordinária ao programa e ele ganha, no final do ano, o prémio de imprensa do melhor programa anual (...)” (RTP, 2011).

Além destas características, Saraiva recorre a várias técnicas discursivas. Como no caso do episódio “O Império da Especiaria”, de *Gente de Paz*, em que Saraiva faz inúmeras repetições, pausas e entoações. Estas são, por sua vez, acompanhadas por gestos (Saraiva, 1979).

No caso dos programas dos anos 70, José Hermano Saraiva, a tendência de elevar os feitos de figuras históricas, ou dar mais protagonismo a estas figuras, não está tão presente. Quer seja pelo tema do episódio ou por escolha própria, os programas de 1971 a 1979 são marcados por dar protagonismo ao povo português. Saraiva usa expressões como “gente indomável”, “povo em ação” ou “nação fecunda e construtiva”.

No entanto, José Hermano Saraiva começou a usar, com maior ênfase em *Gente de Paz*, o seu papel enquanto apresentador para fazer “discursos galvanizantes”, uma tendência que se tornaria mais evidente nos anos seguintes. Quando fala sobre as condições de vida na Ilha da Madeira, o apresentador disse:

“(…) O que a escola conseguir fazer do Homem Português, na capacidade de construir, de inventar, de planear de novo. Isso será o país que nós conseguiremos ser amanhã. O triste país dos colonos analfabetos ou dos bacharéis desempregados. Ou a nação autora de si mesma, responsável pelo seu destino. (…)” (Saraiva, 1979c)

Nas palavras de Cardão (2019), José Hermano Saraiva reconheceu, desde cedo, a importância da televisão enquanto novo mediador da vida cultural, servindo-se da sua capacidade de comunicar para veicular uma história que não prescindia de uma retórica nacionalista. E, tal como referimos num capítulo anterior, a ligação de José Hermano Saraiva à RTP antecede em muito o seu primeiro programa, *O Tempo e a Alma*, e o seu tempo enquanto ministro da Educação Nacional (Teves, 1998:127).

Em 1986, José Hermano Saraiva apresenta-se com um novo programa: *História das Cidades*. Com este programa, José Hermano Saraiva torna mais evidente o protagonismo das grandes figuras históricas. Num episódio sobre Leiria, Saraiva dá protagonismo a figuras como D. Pedro I, com a expressão “cujá realeza e legitimidade ninguém discute”, e o Infante D. Henrique, “o famoso infante das navegações” (Saraiva, 1986). No caso deste último, consegue-se observar a preferência que José Hermano Saraiva tem pela era dos Descobrimentos: período que considera áureo; tema que teve grande protagonismo nos seus programas; e, no caso do Infante D. Henrique, uma das figuras históricas de José Hermano Saraiva mais gostava de referenciar.

A partir dos anos 80, José Hermano Saraiva deixa de referenciar espectadores em específico, mas não deixa de adereçar o espectador diretamente. Por exemplo, no início do episódio dedicado a Leiria, Saraiva diz “(…) e aqui tem onde vamos começar, por Leiria. A minha Leiria

(...)” (Saraiva, 1986). Outro exemplo pode ser visto no episódio, do mesmo programa, dedicado a Lamego:

“(...) Estamos em Lamego. E vamos à procura das razões que, no dealbar do Liberalismo Português, colocavam a cidade de Lamego no coração do juiz do povo da cidade de Lisboa (...)” (Saraiva, 1988a).

No entanto, alguns dos episódios de “História de Cidades”, tal como no caso de “Gente de Paz”, terminam com uma mensagem que Saraiva pretende deixar à audiência, cuja linguagem e significado intensificaria nos anos seguintes. No caso do programa de Leiria, numa fábrica de plástico da Marinha Grande, deixa uma homenagem aos trabalhadores que estavam a trabalhar ao pé dele enquanto ele gravava o programa. E, no caso de Lamego, rodeado de jovens, José Hermano Saraiva afirma isto:

“(...) Lamego é uma cidade à procura do futuro (...) O futuro (...) a grande batalha do futuro, joga-se na escola” (Saraiva, 1988a).

Com o passar dos anos, as formas de interação com o público evoluíram para incluir novas variáveis e técnicas. Em 1993, José Hermano Saraiva apresenta “A Bruma da Memória”. Com este programa, é possível visualizar a forma como José Hermano Saraiva apresentava a História simplificando os acontecimentos. No entanto, a forma como se expressava consegue captar a atenção do telespectador.

No caso de um episódio sobre Tomar, José Hermano Saraiva tenta explicar ao telespectador o significado e origem das quinas na bandeira nacional, fazendo uma ligação com os templários:

"Reparem. Isto é uma Quina. Tem-se discutido muito. Até hoje ninguém acertou sobre qual seja o verdadeiro sentido das cinco quinas das armas portuguesas (...) Ora bem, a verdade é esta! As quinas, tais como se usaram nos primeiros reinados, são rigorosamente isto. O espaço definido entre os quatro braços da Cruz dos Templários (...) Isto é emocionante. Até é emocionante para mim. Porque se isto é verdadeiro, pode-se dizer que as armas de Portugal nasceram entre os braços dos Templários" (Saraiva, 1993a).

Depois de dizer isto, Saraiva afirma vagamente que “muita coisa tem sido dita em relação aos ‘castelos’” na bandeira portuguesa, ao qual aproveita para dar a sua interpretação. No entanto, neste momento, o apresentador aproveita para lembrar ao telespectador, apontando diretamente para a câmara, o objetivo dos seus programas:

“Diz-se tanta coisa que eu, já agora, também vou dizer a minha. Não é uma certeza. O objetivo deste programa não é uma catequese. É uma ginástica. Cada um, que pense por si.” (Saraiva, 1993a)

Contudo, mais tarde no mesmo episódio e estando junto à janela Manuelina do Convento de Tomar, José Hermano Saraiva oferece a sua interpretação da figura representada na janela. Que, mais uma vez, dá protagonismo a uma outra figura histórica e, de certo modo, oferece-a como a verdadeira interpretação do significado deste monumento:

"(...) Quem quer que é, tinha sobre si duas enormes responsabilidades (...) todo o conjunto do edifício que acaba sobre o pojado da Coroa Real (...) a unidade da nação (...) Quem, no século XVI, podia protagonizar esse duplo papel, de ser a força do nó e ser a base sólida do edifício da Pátria, era el-Rei. O rei D. Manuel (...) El-Rei D. Manuel manda-se representar aqui, nas janelas do Convento de Cristo, de que ele era mestre, suportando sobre os ombros toda a carga do edifício português. (...)” (Saraiva, 1993a)

Outro ponto que deve ser apontado é a emotividade com que José Hermano Saraiva falava, ou citava, sobre Camões e a sua obra. Num programa dedicado e filmado em Macau, Saraiva, à semelhança do que fez no episódio “Celtas e Iberos” do programa “O Tempo e a Alma” (Saraiva, 1971b), senta-se perto de uma estátua do poeta e recita a Canção VII (*Ibidem*, 1993b). Contudo, neste caso, recita o poema com um dramatismo nos seus movimentos e nas suas palavras.



Figura 4

Quando, em meados dos anos 90, José Hermano Saraiva reapareceu com o novo programa *Horizontes de Memória* (1996-2003), as técnicas empregadas nos primeiros programas tinham sido refinadas.

José Mário Crespo, o produtor deste programa e do programa que o sucedeu (*A Alma e a Gente*), atribuiu o sucesso destes programas ao entusiasmo e sagacidade do professor:

“(...) O prof. José Hermano Saraiva está permanentemente em trabalho, está sempre a trabalhar. Quer esteja na cama ou onde for, a cabeça daquele cientista, investigador,

escritor, ensaísta, palestrante, tudo aquilo que quiser. A cabeça dele está em permanente atividade. (...)” (RTP, 2011)

Só com o progressivo adoecimento, perto dos meados dos anos 2000, é que Saraiva passou a recorrer a notas escritas. Durante este período, tal como nos primeiros programas, fazia quase tudo através da memória, não deixando de se basear em trabalho de pesquisa prévia. Além disto, também preferia improvisar, de forma a parecer mais autêntico (*Ibidem*, 2011).

Apresentava grande espontaneidade em muitas das gravações. Tal como usou uma espada de bronze para falar dos Celtas duas décadas antes, utiliza uma alheira de Mirandela, à hora do jantar, para falar sobre a comunidade judaica (Saraiva, 1997). Outro exemplo da sua tenacidade pode ser encontrado em imagens cortadas do episódio "Surpresas em Montalegre", em que Saraiva, aos oitenta anos de idade, enfrenta o gado barrosão, chegando a virar as costas ao bovino de chifres afiados face aos imperativos da câmara (Saraiva, 1999a).

Igualmente importante, e poucas vezes mencionado, o método de pesquisa do historiador não se resumia somente aos livros. Em cada terra em que esteve, José Hermano Saraiva demonstrou sempre “uma sagacidade de um jornalista veterano, recolhendo *in loco* aqueles detalhes que não vêm nos livros e que só os naturais da terra conhecem para colorir o seu discurso” (RTP, 2011).

A naturalidade e espontaneidade que José Hermano Saraiva transparecia também poderia ser alvo de crítica, na medida em que ao retirar as suas próprias ilações sobre os acontecimentos poderia não estar a coberto de uma opinião consensual ou sequer maioritária. Falando sobre a vida e obra de Abraão Zacuto, e da sua importância para os Descobrimentos, Saraiva afirma que um dos seus livros “teve consequências decisivas na História da Civilização” (Saraiva, 1996). No mesmo episódio, Saraiva, referindo-se à celebração dos 500 anos da publicação das tabelas de Zacuto e do facto do autor ter sido perseguido pela inquisição, também aproveita para endereçar a audiência naquilo que, na sua opinião, é o verdadeiro significado deste centenário:

"Bom, mas não levem a mal que lhes diga que o grande centenário que passa não é um centenário de tipógrafos (...) É um centenário profundamente dramático! (...) Esta data é, portanto, de certo modo para nós, o 'Centenário da Estupidez' (...) Porque não nos serviu de lição (...) No século XVI continuamos a expulsar os cérebros que não se quiseram batizar (...) E ainda agora, ainda agora, vale mais a ideologia do que a cabeça (...) Infelizmente, a lição de Zacuto, parece que não ensinou nada a ninguém." (Saraiva, 1996).



Figura 5

Com *Horizontes de Memória*, José Hermano Saraiva voltou a mencionar colaboradores ou pessoas a que pretendia dar destaque nos seus episódios, tal como tinha feito nos anos 70. Um exemplo pode ser encontrado no episódio “Cultura Saloia” (Saraiva, 1999b). Além de dar uma visita guiada ao Museu da Cultura de Loures, no qual “exorta” o telespectador a visitá-lo (*Ibidem*, 1999b), José Hermano Saraiva também dá destaque à Aldeia-Museu José Franco, tendo ao seu lado o próprio ceramista. Nesta ocasião, Saraiva adereça não só o telespectador como também o Estado, pretendendo alertar para a situação de José Franco:

"(...) Este museu único no país, e talvez único no Mundo, que representa a vida inteira de um grande artista. Não sei que futuro isto vai ter (...) Agora, como lhes digo, não tem nenhum apoio oficial (...) Todavia, isto recebe milhares e milhares de visitantes por ano (...) Seria uma grande injustiça se ele não atingisse esses resultados (...) Ele quer estar ao abrigo da lei do mecenato (...) Isto não merece ser considerado mecenato? O meu telespectador conhece muitos mecenas tão generosos como o José Franco?" (*Ibidem*, 1999).



Figura 6

Em *A Alma e a Gente*, Saraiva continuaria na mesma forma de discurso. No entanto, a condição física e discursiva de Saraiva mudou bastante nesta série. Compare-se um episódio de 2003 como “Uma Fundação, Dois Fundadores” (Saraiva, 2003), em que Saraiva aparece confiante e em longos discursos auxiliados por notas, com um episódio de 2010 como “A Mensagem de Pessoa” (Saraiva, 2010), em que Saraiva já está visivelmente debilitado, tendo que usar notas permanentemente.

O protagonismo das figuras históricas está sempre presente, mas nota-se que estes episódios têm sempre uma âncora temática, muitas vezes uma figura, que depois permite a Saraiva falar de outros temas ou falar da sua experiência junto destas figuras. Por exemplo, no episódio “Uma Fundação, Dois Fundadores”, Saraiva dedica bastante tempo a falar sobre Calouste Gulbenkian, mas também dá grande protagonismo a José de Azeredo Perdigão, o 1º presidente da Fundação Calouste Gulbenkian:

“(...)Eu conheci-o bem. Era um homem frio, exigente. Muito estudioso, rigoroso em tudo o que fazia (...) absolutamente impecável (...) [nos tribunais] tinha uma alcunha (...) 'o divino mestre'. O que isto representa, não só de caricatura, mas também de prestígio. Eu nunca vi peças jurídicas tão bem feitas como as que eram assinadas pelo Dr. Azeredo Perdigão. É este homem, ao seu talento, à sua competência, ao seu desinteresse que se deve que tenha sido fundada, em Portugal, a Fundação que veio a receber todos os tesouros recolhidos em vida por Calouste Gulbenkian.” (Saraiva, 2003).

É importante notar que foi a partir dos anos 90 que José Hermano Saraiva passou a abordar a História do século XX, uma área para a qual não possuía tanto conhecimento. No entanto, conseguia falar desse período histórico através das suas experiências pessoais. Como por exemplo no episódio “A Mensagem de Pessoa”, em que fala da sua ligação com a arca de Fernando Pessoa:

"(...) Aquela arca relaciona-me, pessoalmente, com o processo Fernando Pessoa. Em finais do ano de '69, novembro ou dezembro, fui procurado no Ministério da Educação, que ainda era no Campo de Santana, pelo meu irmão António que se fazia acompanhar da professora, e escritora, Teresa Rita Lopes (...) porque estavam preocupados porque sabia-se que a arca de Pessoa (...) queriam vendê-la para os Estados Unidos. Ora, isso seria um prejuízo enorme para as letras portuguesas. Bom eu realmente mandei imediatamente fazer o arrolamento da arca, que não saiu de Portugal (...) Ficou cá, infelizmente o Estado não a comprou. Eu também saí, nessa altura do Governo. Mas foi, enfim, a intervenção que eu tive no processo Pessoa (...)" (Saraiva, 2010).

Mesmo com a passagem dos anos e a mudança do nome dos programas, a capacidade de transmitir cultura de uma forma simples nunca deixou de ser a âncora dos seus programas (RTP, 2011). Com *Horizontes de Memória* e *A Alma e a Gente*, programa que utilizou o mesmo formato, mas focou-se mais nas grandes figuras da História Portuguesa, Saraiva faria 770 episódios no decurso dos 14 anos seguintes.

## Anexo 6. - Quadros de análise dos programas

### Anexo 6.1.

<b>Programa/episódio</b>	<b>Interação com o telespetador</b>
A Espada de Ferro (9/11/1971)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Aquele escudo de que eu falei no último programa" - 2:30;</li> <li>• "Uma réplica muita exata daqueles que vimos" - 2:40;</li> <li>• "Recordam-se de que no último programa" - 5:20;</li> <li>• "Temos aqui" - 6:46;</li> </ul>
Celtas e Iberos (30/11/1971)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Ele não concorda com uma afirmação que eu fiz no primeiro programa" - 1:22;</li> <li>• "Vou tentar hoje, precisamente, fazer uma experiência" - 1:46;</li> <li>• "Celebrar um milenário que foi esquecido" - 2:12;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Não tenham medo que até não é um texto muito complicado, até é uma leitura que eu considero apaixonante" - 3:06;</li> <li>• Explica o significado de uma palavra latim para "cartagineses" - 5:10;</li> <li>• "É uma síntese semelhante aquela que eu me recordo de ter lido no meu pequeno compêndio de instrução primária" - 6:12;</li> <li>• Menciona o facto do livro de Estrabão ter 2000 anos - 8:40;</li> <li>• "Lembro que ninguém se deve ter deixado de lembrar (...)" - 9:18;</li> <li>• "Temos aqui mesmo neste museu uma peça, que está aqui exposta há muitíssimos anos, e, de certo modo, se pode comparar com a Dama de Elche" - 11:36;</li> <li>• "um dos nossos amáveis telespectadores" - 13:30;</li> <li>• "tenho junto de mim (...) uma pedra" - 15:00;</li> <li>• Levanta-se e, com uma caneta, aponta no mapa a expansão dos Celtas - 16:00;</li> <li>• "E reparem que nenhum de nós (...)" - 18:11;</li> <li>• Apresenta a cópia de uma espada céltica feita por um dos colaboradores - 19:47;</li> <li>• Apresenta números da produção de Ferro e Cobre na Europa, em 1968 - 21:26;</li> <li>• "Agora comparem as duas imagens" - 23:20;</li> <li>• "Outro nosso espectador- o sr. António Vitorino de Matos, de Ourique" - 24:25;</li> </ul>
<p style="text-align: center;">Diálogo (19/10/1978)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "É uma forma de me anunciar, de entrar em contacto convosco" – 00:00:50;</li> <li>• "todos sabem" – 00:00:59;</li> <li>• "A intimidade da casa de cada um é sagrada" – 00:01:45;</li> <li>• "Quando digo 'Gente de Paz', estou a bater a vossa porta (...) o aparelho da televisão" – 00:01:53;</li> <li>• "(...) um texto conhecido por muitos dos meus telespectadores" – 00:02:53;</li> </ul>

- "Bom, eu penso que se todos morrermos a cantar, ninguém revive com isso. Não é da nossa morte que ninguém pode aproveitar. É da nossa vida!" – 00:03:38;
- "De resto, todos estes conceitos são abstratos" – 00:03:55;
- "São a essas pessoas que suam a semana inteira e que tem à noite uns momentos para escutar um programa de televisão, são elas que estão no meu espírito. E é realmente a elas que se dirige o programa 'Gente de Paz'" – 00:04:10;
- "O tema do programa é o que a 'Gente de Paz' entender que deve ser" – 00:04:30;
- "Eu pretendia que "Gente de Paz" fosse um programa inteiramente aberto às comunicações, às sugestões, às propostas dos telespectadores." – 00:04:31;
- "Não pretendo impingir as minhas lições a ninguém"- 00:06:15;
- "Peço às pessoas que escrevam, escrevam-me dizendo o que é que querem ouvir em 'Gente de Paz'" – 00:07:10;
- "Eu penso que há terras, onde vivemos, com imensas coisas por descobrir e às vezes não são coisas a descobrir. Às vezes são valores a proteger" – 00:07:33;
- "Eu conheço casos de manifestações de talento coletivo do povo português, organizações de jovens ou de trabalhadores com soluções profundamente originais para problemas. Tudo isso penso que vale a pena ser trazido ao conhecimento do telespectador, porque realmente o ecrã é uma grande janela"- 00:07:58;
- "As coisas ditas aqui, toda a gente as fica a saber. É claro que eu também as ignoro e para isso conto convosco. Conto com as vossas cartas, com as vossas propostas, com as vossas críticas. Porque a crítica ajuda muito um programa" – 00:08:26;
- "Alguns dos meus telespectadores ainda se recordam de um programa que eu fiz aqui há cinco ou seis anos que se chamava 'O Tempo e a Alma'. Este programa, não é imodesto dizê-lo, penso que é uma realidade. Este programa calou no espírito dos telespectadores. Sei-o porque ainda hoje, por vezes, na rua, pessoas encontram-me e falam nele. E sobretudo, este programa permitiu fazer verdadeiras conquistas,

	<p>trazer conhecimentos desconhecidos, tesouros perdidos. (...) Quando um programa consegue resultados deste género, eu posso dizer que esse programa realmente encontrou êxito. Pois bem, devo dizer que esse êxito não se deve a mim. Não estou agora com falsas modéstias, estou a dizer inteiramente a verdade. O Tempo e a Alma foi realizado inteiramente na base das comunicações, das propostas, das sugestões que os telespectadores me comunicavam umas vezes falando comigo, outras vezes pelo correio. (...)” – 00:09:18;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “(...) estou a pedir-lhes, a pedir-lhes, que tentem realmente comigo construir um programa coletivo. Um programa que não seja o meu programa! Estas palavras "eu", "meu" são palavras muito antipáticas. Um programa que seja "nosso", que seja do meu interesse e do "teu", espectador que me ouves. (...)” – 00:12:53;</li> <li>• “Penso que as pessoas que assistiram ao "O Tempo e a Alma" recordam-se que terminou exatamente na altura da Batalha de Alcácer-Quibir. Eu quando acabei o programa calculava que um dia recomençaria” – 00:14:50;</li> <li>• “estão alerta, a ver” – 00:18:44;</li> </ul>
<p>Quem Vai e Quem Vem (24/06/1979)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Eu no último programa, se os senhores telespectadores ainda se lembram” – 00:00:28;</li> <li>• “As questões de agora vêm todas de longe” - 00:58;</li> <li>• “Tenho exatamente aqui, muito perto de mim, um dos documentos dos mais antigos períodos da história da ilha” – 00:01:36;</li> <li>• “junto de mim” – 00:01:50;</li> <li>• “Não há ninguém em Portugal que não conheça os Painéis e estou convencido que, dos meus telespectadores, a grande maioria viu hoje este políptico pela primeira vez. Porque de facto a história da Madeira, a história dos Açores, a história da vida dos Portugueses pelo mundo, como dizia o Camões, uma vida em pedaços repartida tem sido completamente esquecida por nós” – 00:02:30;</li> <li>• “Nesta casa, onde hoje estamos a fazer o programa, há também um magnífico testemunho” – 00:03:10;</li> <li>• “E do turismo que hoje vamos falar. Do turismo e da sua sombra” – 00:04:20;</li> </ul>

- "Estamos na Ilha onde nasceu o grande turismo da Europa" – 00:06:04;
- "Eu devo-lhes dizer" – 00:06:23 (aponta para a câmara);
- "Uma imagem que todos os meus telespectadores conhecem, que mais não seja dos postais" – 00:06:37;
- "Não é costume em Portugal as pessoas divertirem-se com o suor dos trabalhadores" – 00:07:20;
- "Não sabia a origem deste carro (...) encontrei-a ontem na biblioteca pública" – 00:07:40;
- "No ano passado passaram aqui, na Madeira, cerca de 230 mil turistas. O número de noites é de dois milhões. O número de 230 mil pode não impressionar muito os meus telespectadores, mas quando souberem que a população desta ilha [em 1979] é de cerca de 300 mil habitantes (...) Foram quase tantos os turistas que vieram de fora como os habitantes da ilha" – 00:10:50;
- "O turismo é hoje fundamentalmente a atividade mais produtiva, há mais de 7.000 madeirenses empregados nos hotéis. Mas, as atividades tributárias do turismo são imensas" - 00:11:30;
- "Os madeirenses não me levem a mal, mas [os bordados] estão por um preço que só os turistas os podem comprar" – 00:11:58;
- "O que é estranho porque esta é uma terra pobre. Não tem minas, não tem ouro, não tem petróleo, não tem prata. A ilha é uma rocha basáltica. É a lava do vulcão que as forças cósmicas trouxeram acima". Disse tudo isto com um certo dramatismo e de forma pausada – 00:14:10;
- "Eu tenho pena de não poder fazer um programa sobre as levadas" – 00:14:48;
- "Eu devo-lhes dizer que a região vinícola não é grande" – 00:16:17;
- Mostra imagens do Imperador Austro-Húngaro, Jorge VI, Bernard Shaw e Sarah Bernhard na Ilha da Madeira – 00:18:50;
- "o nosso famoso Churchill" – 00:20:00;

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "não sei se [Churchill] como pintor seria tão bom como político. Tenho as minhas dúvidas" – 00:20:10;</li> <li>• "Penso que, hoje, o problema número 1 seja o problema da formação escolar de madeirense" - 00:22:48;</li> <li>• "No interior da ilha, o analfabetismo ainda é um flagelo. Alguns imigrantes levam as primeiras letras e julgo que muitos nem sequer as levam" – 00:24:10;</li> <li>• "Meus amigos eu estou a dizer-vos isto" – 00:24:35;</li> </ul>
<p>Leiria (26/10/1986)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Bom, nisto de 'Histórias de Cidades' alguma tinha de ser a primeira. E por onde é que eu devia começar. Eu peço ao sr. Telespectador que se ponha na minha posição" - 00:00:53;</li> <li>• "Bom, mas qual é a cidade mais antiga em Portugal" - 00:01:38;</li> <li>• "Eu decidi agir em estrita coerência comigo próprio. Escolhi a minha primeira cidade" - 00:01:43;</li> <li>• "Foi aquela, que quando abrimos os olhos deslumbrados para o mundo, vimos pela primeira vez", com um tom dramático e com gestos - 00:02:00;</li> <li>• "E aqui tem por onde vamos começar, por Leiria. A minha Leiria" - 00:02:20;</li> <li>• "[Referindo-se ao casario e a geografia da cidade] O sr. Telespectador já viu isso imediatamente" - 00:02:41;</li> <li>• Explica as origens de Leiria enquanto cidade; "Um palácio que se discute muito. Que quem o construiu foi o Rei D. Dinis e a Rainha Santa, foi mais tarde D. João I. Esse é um ponto discutido" - 00:03:55;</li> <li>• "De qualquer modo, encontramos-nos neste momento aqui, naquilo que é costume chamar o paço da Rainha Santa" - 00:04:11;</li> <li>• "A verdade é que nós não podemos afirmar com segurança que a Rainha Santa tenha vivido naquele paço. Agora uma coisa é absolutamente certa. E que a Rainha Santa Isabel e o marido, que como sabem era o Rei D. Dinis, estão extremamente ligados à história deste castelo. Eu estou justamente junto da porta da torre de menagem que o rei [D. Dinis] mandou construir e, sobre isso, não pode haver dúvida nenhuma - 00:04:30;</li> </ul>

- "Que tem uma estranha e misteriosa assinatura que se encontra junto de mim" - 00:05:10;
- "E isto coloca-nos perante um dos mais fascinantes enigmas que este castelo nos conta. Penso que o terceiro emblema são as armas do infante rebelde, D. Afonso. E tenho razões para o pensar. A data que esta inscrição menciona é um determinado dia de maio, do ano de 1324. No ano de 1323, pai e filho, D. Dinis e D. Afonso, lutavam numa guerra que ensanguentava o país e a mãe, a rainha Santa Isabel, forçou-os a assinar a paz. Foi exatamente aqui, no sítio onde eu agora estou. Que o rei D. Dinis, perante um altar de S. Julião, jurou fazer as pazes com o filho. Esta lápide, se não me engano, que coloca o brasão da mãe, entre as armas do pai e do filho é o mais comovente monumento que em Portugal se conserva a Santa Isabel, rainha da Paz" - 00:06:00-00:07:32;
- "Mas a história nem sempre obedece à vontade dos homens" - 00:11:21; "E em tudo isto, julgo que há um simbolismo" - 00:12:30; "Aquela coroa era um espinho e um remorso" - 00:14:40; "Nós encontramos-nos aqui"- 00:15:10; "E outra coisa que se pode compreender" - 16:25; [Falando da importância da vila no tempo da Rainha Santa] "A prova tenho a eu, junto de mim. Esta é a Igreja de S. Pedro" - 17:40; "Foi aqui, no ano de 1254 (...) a primeira reunião das Cortes (...) com membros do terceiro estado (...) o primeiro Parlamento Português" - 00:17:56; "Em resumo podemos dizer que em 1254, Leiria era já uma vila notável" - 00:18:54; "Uma cidade eclesiástica como, tal como sabem, o Eça de Queiroz se queixava" - 00:20:30;
- "A travessa da tipografia é um lugar histórico por duas razões" - 00:20:38;
- "Foi entre 1940 e 1960 que se dão [em Leiria] as alterações decisivas" - 00:22:28;
- "Tenho aqui, justamente diante de mim, um molde de madeira" - 00:24:20;
- "No seu conjunto, esta atividade [o fabrico de plástico] fez da minha pequena Leiria uma grande cidade" - 00:26:00;

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Foi aqui que a tradição nasceu. E eu quis vir aqui porque fiz questão de que estas minhas palavras fossem de homenagem para os trabalhadores que estão aqui a trabalhar ao pé de mim" - 00:26:21</li> </ul>
<p>Lamego (15/02/1988)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Menciona o episódio das "Cortes de Lamego" - 00:00:00 a 00:02:07;</li> <li>• "Estamos em Lamego. E vamos à procura das razões que, no dealbar do Liberalismo Português, colocavam a cidade de Lamego no coração do juiz do povo da cidade de Lisboa" - 00:02:26;</li> <li>• "Estou a falar-lhes no velho claustro da Catedral de Lamego. Não pensem que isto é cenário. Isto é mesmo verdade", ao mesmo tempo pega num pouco de gelo e esmaga-o contra a fonte - 00:03:05; "Essa história das Cortes de Lamego é realmente muito curiosa" - 00:03:30;</li> <li>• "Santa Maria de Almacave é a mais antiga igreja de Lamego" - 00:04:20;</li> <li>• "Inventou-se ali aquele cenário para dizer que ali aconteceram umas Cortes" - 00:04:44;</li> <li>• "Estas cortes que não existiam foram o argumento que, durante séculos, se apoiou a argumentação portuguesa" - 00:05:50;</li> <li>• "Estamos nos arredores de Lamego" - 00:07:00;</li> <li>• "Suponho que é a mais antiga igreja cristã existente em Portugal" - 00:07:10;</li> <li>• "Reparem, reparem" - 00:07:30;</li> <li>• "A Lamego mais antiga não devia ser muito diferente deste lugar que temos diante de nós" - 00:08:15;</li> <li>• "(Referindo-se ao estado das Antas) Onde tudo ainda RESPIRA atmosfera milenária. Um dos lugares mais fascinantes que eu conheço em Portugal" - 00:09:30;</li> <li>• "Lamego (...) é uma REGIÃO MONUMENTAL e pitoresca como, eu até atrevo-me a dizê-lo, como nenhuma outra em Portugal" - 00:09:48;</li> <li>• "Mas são apenas algumas poucas imagens das que, por toda a parte, esta terra de Ribadouro nos proporciona" - 00:11:34;</li> </ul>

- Mostra a caçada ao javali. Menciona que a segunda face do túmulo foi inacabado - 00:12:43;
- "Vim aqui porque [Conde D. Pedro] merece ser recordado" - 00:14:40;
- "Esta tapeçaria que se vê atrás de mim" - 00:16:10;
- "A tapeçaria que está atrás de mim é exatamente a mesma que adornou uma das salas em que decorreu, no século XVI, o Concílio de Trento - 00:17:40;
- "E como é que a tapeçaria veio parar aqui. Isso é que é curioso. É que foram compradas" - 00:18:48;
- "Eu confesso que para mim é comovente vir encontrar aqui, em Ribadouro, numa intimidade da catedral de Lamego, esta reminiscência da epopeia madeirense" - 00:21:26;
- "Mas aqui há um problema (...) É este. Desde o século XVI que estas colinas dão vinho, que estas adegas dão vinho e que estes homens trabalham. E, todavia, a partir dos inícios do século XIX, a região entra num lento declínio. Porquê? Não foi o vinho que faltou. Não foi. Mas essa é uma outra questão. A história do crepúsculo que desceu sobre Lamego." - 00:24:21;
- Volta ao assunto do crepúsculo sobre Lamego em 00:26:20, explicando os 200 anos que demoraram a construir o Santuário. "(...) Revela o início de uma decadência (...) uma decadência que tinha a sua razão de ser" - 00:26:28;
- Explica o processo de declínio de Lamego, argumentando o período das Guerras Civis do século XIX, que Lamego alinou-se a D. Miguel - 00:26:44;
- "(...) Muitos solares foram fechados, muitas famílias fugiram daqui muitos proprietários viveram ESCONDIDOS do FUROR DAS TURBAS nos sumiços e em esconderijos, nas adegas e nos celeiros", com muito dramatismo - 00:27:20;
- Venda dos conventos em hasta publica - 00:28:23;
- Explica que o maior golpe veio com a chegada do Comboio, que nunca chegou a Lamego - 00:28:45.

A Educação  
(29/02/1988)

- "'Coisas do Mundo'. Mas acho que este programa também se podia chamar 'Ver [OLHA PARA CIMA] e Pensar'" - 00:00:50;
- "Qual foi o problema que estas imagens puseram diante de nós? Eu acho que foi fundamentalmente o problema da Escola (...) O problema das relações entre o trabalho e a Escola" - 00:04:45;
- Explica a história da evolução humana, usando bastantes gestos, e das escolas; "A democracia e o sistema eleitoral, o sistema de serem os próprios governados a escolher os seus governantes obrigou a votar. E aí, todos os governos compreenderam que era necessário dar ao votante uma compreensão do Mundo" - 00:08:00;
- "Hoje estamos numa civilização tecnológica, muito complexa. As tarefas que um homem tem que realizar exigem uma longa aprendizagem e a escola tornou-se realmente um problema crucial" - 00:08:35;
- "É na escola que se fazem as grandes encruzilhadas do destino", fazendo um sinal da cruz com as mãos - 00:08:41;
- "Está a escola preparada para isso? Não está? Eu não sei", enquanto se endireita na cadeira - 00:08:54;
- "Hoje, no nosso mundo, os jovens pertencem a dois grupos. E isto que eu vou dizer é grave, mas apesar de tudo digo. Os nossos jovens dividem-se numa parte que estuda, e por isso não trabalha, e a outra parte que trabalha, e por isso não estuda", simplifica o problema - 00:09:20;
- "E agora pensem não no que viram, mas nisto que eu disse. Numa sociedade justa, o desporto é tanto para os que trabalham como para os que estudam. Mas isto é uma questão que eu não pus. E numa sociedade justa, haverá o direito de dividir a juventude em duas metades, a que não PODE ESTUDAR PORQUE TRABALHA [Aumenta a voz] e a que não trabalha porque tem de estudar?" - 00:10:00;
- Menciona a ideia de educação permanente - 00:12:50;
- "Cada um de vocês pense como entender" - 00:14:00;
- "Ou vamos ficar para trás irremediavelmente marginalizados, assim como uma espécie de campónio aparvoado que fica à beira do caminho a ver passar o comboio" - 00:14:20;

<p>O Terrorismo (21/03/1988)</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• "Eu acho que o bloco não era tanto sobre terrorismo, mas sobre violência em geral. Porque apareciam muitas coisas que não eram realmente terrorismo" - 00:03:50;</li><li>• "Aquela cena da prisão dos dois criminosos. Eu lembro-me de ter visto isso no noticiário. Eram dois BANDIDOS que tinham praticado o rapto e a morte de duas crianças. Ora, BANDIDOS NÃO SÃO TERRORISTAS" - 00:04:00;</li><li>• "Mas nas últimas décadas, o terrorismo realmente agravou-se. Agravou-se muito e isso porque se juntou um certo número de condições. Em primeiro lugar, razões técnicas" - 00:05:56;</li><li>• "Viram uma daquelas imagens, das mais curiosas, era um locutor, que estava a ler ao microfone (...) uma notícia, com um terrorista que lhe apontava uma pistola" - 00:06:08;</li><li>• "O único objetivo é conseguir que se fale num assunto" - 00:06:42;</li><li>• Lembra o caso dos atletas raptados e mortos nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972, mas chamou a atenção do mundo para o problema da Palestina - 00:06:55;</li><li>• Menciona os países que albergam comunidades terroristas, como a Líbia, a Síria; "Nem todos os terrorismos se podem misturar uns com os outros" - 00:09:00;</li><li>• "As formas de luta variam. Eu tenho-as visto variar nestes anos" - 00:10:50;</li><li>• "Eu lembro-me" - 00:10:57;</li><li>• "Outra coisa que está a passar de moda. Isto que vimos ali: o rapto, o desvio do avião. Porquê? Porque o avião tem que descer para se abastecer e, ao fim de muitas horas, o grupo está fatigado e têm-se visto que nenhum rapto de avião conduziu a um êxito". Não só é uma frase que envelheceu mal, como está incorreta - 00:11:10;</li><li>• "Mas isso é o menos. Porque o mais importante é a luta que se tenta travar no plano do direito. Que é conseguir uma condenação universal do terrorismo qualquer que seja o seu tipo" - 00:12:38;</li></ul>
--------------------------------------	---

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "[Apontando para a Câmara] Eu gostava de acabar esta pequena conversa com um tema que parece que não tem nada que ver com isto, mas tem [Menciona a figura de Nasreddin] - 00:13:39;</li> <li>• "Eu tenho aqui uma pequena escultura que o representa" - 00:13:57;</li> <li>• Conta a história da montanha, em que Nasreddin tentava desviar o curso do rio com uma colher e que diz: "De facto, sozinho ele não pode. Mas se todos vocês ajudassem" [O episódio termina] - 00:15:00;</li> </ul>
<p style="text-align: center;">Tomar (08/10/1993)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Estamos na sala do capítulo do Convento de Cristo, em Tomar" - 00:00:40;</li> <li>• "Este esplendoroso Convento de Cristo, com o seu maravilhoso portal manuelino" - 00:01:12;</li> <li>• "Ninguém pode falar de Tomar, sem falar dos judeus" - 00:01:58;</li> <li>• "[Imagem do Infante D. Henrique] Ou até mesmo dentro da cidade. A mata dos sete montes, cheia de recordações históricas. Tudo isso é importante. Urgente. Mas, não é de nada disso que eu hoje vos vou falar. É de outras coisas muito menos visíveis, mas igualmente importantes" - 00:02:58;</li> <li>• "Na porta mais antiga do castelo, está uma pedra [foco dramático na Pedra]. Uma pedra com o sinal dos Templários" - 00:03:35;</li> <li>• "É mais ou menos igual à que eu tenho junto de mim [Toca na Pedra]" - 00:03:48;</li> <li>• "Há aqui pedras [Interrompe e começa outro ponto]. Eu acho emocionante a pedra do lavrado" - 00:04:20;</li> <li>• "Eu vou falar-lhes da Cruz dos Templários" - 00:04:52;</li> <li>• "Isto é extremamente importante [aponta e olha diretamente para a câmara] (...) Porque mais tarde esta cruz, que era vermelha, seria a cruz das Descobertas" - 00:05:28;</li> <li>• "Mas o que me interessa agora é outra coisa. É o espaço que fica entre os braços da cruz" - 00:05:37;</li> <li>• [Após analisar os braços da cruz] "Reparem. Isto é uma Quina. Tem-se discutido muito. Até hoje ninguém acertou sobre qual seja o verdadeiro sentido das cinco quinas das armas portuguesas" - 00:05:50;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Ora bem, a verdade é esta! As quinas, tais como se usaram nos primeiros reinados, são rigorosamente isto. O espaço definido entre os quatro braços da Cruz dos Templários" - 00:06:11;</li> <li>• [Mão no peito] "Isto é emocionante. Até é emocionante para mim. Porque se isto é verdadeiro, pode-se dizer que as armas de Portugal nasceram entre os braços dos Templários" - 00:06:3;</li> <li>• "Passou-se exatamente isto [JHS pega no desenho das quinas e desloca-se para um pilar com sete castelos numa cartolina vermelha. JHS cola, com força, as quinas na Cartolina e debruça-se no pilar] As pessoas discutem muito. O que é que aconteceu? Porque é que aparecem os castelos?" - 00:07:10;</li> <li>• [Explicando as diferentes teorias dos castelos]" Diz-se tanta coisa que eu, já agora, também vou dizer a minha. Não é uma certeza [tranquiliza a audiência]. O objetivo deste programa não é uma catequese. É uma ginástica. Cada um, que pense por si [dedo indicador em riste]" - 00:07:40;</li> <li>• "É claro vão-me dizer. Ele agora aqui, neste programa, resolveu de uma vez o problema das armas nacionais, que é um enigma que há tanto tempo nos preocupa. Não, eu não resolvi nada" - 00:09:24;</li> <li>• "A explicação que nos dão é esta" [Não referencia quem] - 00:09:55;</li> <li>• "Em todo o caso, isto alguma coisa quer dizer. Mas essa é a parte que eu não sei. Digam vocês o que é!" - 00:10:48;</li> <li>• "Foi ele [Infante D. Henrique] quem fez construir este lindíssimo claustro em que nos encontramos" - 00:14:11;</li> <li>• "Todo o peso da janela, como o imenso edifício, repousa sobre os ombros de um homem. Quem é? Quem é o gigante que aguenta com esta carga imensa" - 00:15:38;</li> <li>• "Em Tomar, a história não acabou com o rei D. Manuel. (...) Mas tudo isso é para vocês descobrirem. Para a semana, eu propunha que fossemos a uma outra povoação fortificada. Vamos a Óbidos!" - 00:19:26;</li> </ul>
<p>Macau (17/12/1993)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Estamos em Macau" - 00:00:47;</li> </ul>

- "[...] E aquilo que ouviram foi o estoirar de um panchão [...]" - 00:00:54;
- "Eu devo-lhes dizer que o navio esculpido neste rochedo está aqui há séculos. Eu não sei. Não sei se quando os portugueses chegaram, já isto aqui estava, se não" - 00:01:36;
- "Mas é certo uma coisa [...]" - 00:01:56;
- "Claro que ninguém pode ter nunca certezas absolutas. Mas é certo. Isto é certo [...]" - 00:02:54;
- "Esse poema, essa Canção VII, acho que podíamos chamar-lhe 'O Cântico do Desespero'" - 00:05:07;
- "[...] Vocês tem visto aqueles bonecos, que representam o Camões, saído do navio. Lá com 'Os Lusíadas' [com uma folha de papel a apontar no ar] a nadar, a nadar (...) 'Os Lusíadas' é que era o molhado canto que ele conseguiu salvar (...) Isso não é verdade" - 00:09:40;
- "Ao lado da biografia romântica, há a biografia verdadeira (...) e essa diz-nos isto" - 00:10:50;
- "Estamos perante o mais antigo monumento da Misericórdia de Macau" - 00:11:48;
- "As pessoas que me estão aqui a ouvir e que tem seguido estes programas com algum interesse, lembram-se que eu lhes falei da Rainha D. Leonor. A rainha que inventou a Misericórdia", e enquanto explica a origem da palavra Misericórdia, põe as mãos ao peito - 00:11:52;
- "(...)Aquela pedra quer dizer que aqui esteve a primeira Misericórdia de Macau" - 00:12:55;
- [Olhando para a pedra] "O bispo que vêm é, provavelmente, o bispo instituidor (...) e esta foi fundada pelo bispo D. Melchior Carneiro" - 00:13:09;
- "Estamos exatamente no salão nobre do Leal Senado" - 00:14:02;
- "E é muito interessante reparar no Brasão [aponta para o brasão na parede] da cidade que está junto de nós. Isto é uma espécie de epítome da História Portuguesa" - 00:14:05;
- "Isto parece-me uma lição de um ecumenismo e de uma tolerância inexcedível" - 00:15:41;

- "[...] A administração deste pequeno território que até hoje tem vivido sob a bandeira e sobre a administração de Portugal vai passar para a China em 1999. Quando acabar o século, termina aqui a nossa secular e amistosa presença (...) Mas a nova lei [levanta as mãos] prevê que este Senado vai continuar a ser indispensável" - 00:16:18;
- "Eu gostava de lhes ler o artigo da lei básica, recentemente aprovado aqui que diz isto (...)", puxa dos seus óculos - 16:52;
- "Reparem que é a lei do futuro a reconhecer como indispensável uma instituição que vem de um tão remoto passado" - 00:17:26;
- "Tenho na mão uma velha balança chinesa. É uma haste de marfim e embora o peso seja muito pequeno, esta haste permite pesar pesos relativamente grandes", enquanto demonstra a balança - 00:18:03;
- "(...) Porque há leis eternas, que não interessa nada o ponto onde se descobrem. O que é preciso é que sejam conhecidas" - 00:18:50;
- "Atrás de mim, está a igreja do colégio" - 00:19:32;
- "Era claro que esses homens eram missionários que aprendiam AQUI [Aponta para o chão] as línguas orientais. Estamos justamente no solo [Aponta para o chão novamente] da primeira escola asiática fundada pelos Europeus" - 00:20:10;
- "E hoje, Macau, é um sacrário de mártires" - 00:21:05;
- "Relíquias de homens, que pelos caminhos da Ásia, pagaram com a própria vida, a coragem de levar uma palavra nova de redenção e de esperança" - 00:21:24;
- "Não se pode, Repito, falar de Macau, sem falar da Companhia de Jesus" - 00:21:39;
- "Para a cena ficar completa fazem falta duas figuras: eu devia ter à minha direita o Vice-Rei de Cantão e à minha esquerda o ministro norte-americano. Porque foi aqui [Gestos com os braços], exatamente nesta mesa [aponta para a mesa], escrevendo com uma caneta assim, que foi assinado, em 1844, o primeiro tratado de comércio entre a China e os Estados Unidos da América" - 00:22:31;
- "Eu bem sei, que estão a pensar, que esse é um capítulo que está a chegar ao fim" - 00:24:12;

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Portanto, é a hora do poente! Portanto, faltam poucos anos para o Sol se esconder no horizonte", [com imagens do pôr do sol nas montanhas e com o mar no primeiro plano - 00:24:57;</li> <li>• "Essa foi sempre a nossa maneira de ser (...) Vamos partir e esperamos que o nosso espírito permaneça", com um sorriso na cara - 00:26:32;</li> </ul>
<p>Almoço com a História (05/10/1996)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Senhores telespectadores, bem-vindos ao programa 'Horizontes da Memória'" - 00:00:30;</li> <li>• "(...) Até onde a nossa memória alcança. Mas peço-lhes que reparem bem em que eu disse a NOSSA memória. A nossa. Vou falar de coisas a que TODOS dizem respeito" - 00:00:50;</li> <li>• "Gostava que fosse um programa coletivo. Um programa feito com a ajuda de todos. Cada um dos meus telespectadores diga, proponha, sugira assuntos, critique, emende", retoma a ideia que teve com 'O Tempo e a Alma' e 'Gente de Paz', há quase 20 anos antes - 00:01:30;</li> <li>• "Sobre emendas, queria dizer uma coisa. Quando fiz aquele programa em Tormes disse: 'Mas que diabo! Tormes. Onde vem isto de Tormes. Tormes, deve ser um francesismo'. Bom, imaginem vocês que eu já estive em Tormes (...) eu já li o Lazario de Tormes (...) eu li a Cidade e as Serras (...) Como é que foi possível eu chegar ali e dizer que não sabia o que era Tormes? Bom são estes lapsos que resultam do programa ser assim mesmo. Ser feito quando uma palavra me vem à boca sem cábulas, sem guiões (...) Isto é assim mesmo (...) Curioso que 40 e tantos telespectadores me escreveram a emendar essa asneira de Tormes (...) E eu fiquei muito contente" - 00:01:46;</li> <li>• "Neste caso, eu vim começar o programa num lugar que toda a gente em Lisboa conhece (...) Toda a gente já viu pelo menos de longe. Mas há muita gente que ainda não visitou (...) " - 00:03:15;</li> <li>• "Estou aqui (...) no tabuleiro superior do Elevador de Santa Justa (...) com a ideia de almoçar" - 00:03:33;</li> <li>• "É claro que o meu telespectador me diz (...) " - 00:03:47;</li> <li>• "A gente começa a morrer quando perde a memória" - 00:04:13;</li> </ul>

- "Lisboa já foi a cidade dos elevadores (...) e sabem porquê?" - 00:05:00;
- "Todos sabem que é uma iguaria típica do Porto. Tão típica que nós chamamos até 'tripeiros' aos portuenses. É uma expressão, que longe de ser negativa, constitui um enorme elogio às qualidades de trabalho da gente do Porto" - 00:06:27;
- "Dizem que foi quando eles abasteceram a armada de Ceuta de carne, enfim não puderam meter as tripas nas barricas da carne. Qual história, homem!" - 00:06:59;
- "Eu penso que isto pode estar ligado é com as cruzadas (...)" - 00:07:26;
- "Eu acho que a musculatura do Porto é assim que se explica" - 00:08:30;
- "(...) Com navios carregados de homens, que vem do Norte e vão para o Mediterrâneo (...) Têm que entrar nos portos para se abastecer e milhares de navios, milhares (não estou a exagerar) entraram na barra do Douro, meteram água nas pipas e se abasteceram de carne. Agora estou a falar especialmente para o Porto" - 00:09:00;
- "as vísceras são uma comida magnífica (...)", e pega nas tripas e mexe com elas com o garfo - 00:11:00;
- "Ora bem! [braços no ar] Queria-lhes dizer uma coisa (...)" - 00:11:35;
- "[Os Cruzados], em vez de irem para a Terra Santa, vieram aqui, entraram aqui em junho. Creio que junho do ano de 1147 (...)" - 00:12:44;
- "Eu creio que isto tem uma certa graça. 1147. Reparem (...) Já passaram quase 800 anos. E ainda hoje, lá no Porto, dizem que nós, os de Lisboa, somos mouros porque eles vieram conquistar os mouros. E nós aqui em Lisboa dizemos que eles, lá no Porto, são tripeiros. Eles ficaram a comer as tripas" (música dramática) - 00:13:08;
- "A palavra apareceu tarde. Não sei. Vocês já viram isto? Bacalhau. Bacalhau. Bacalhau [mão no ouvido] não é palavra portuguesa. É uma palavra esquisita! (...) Que os mareantes portugueses aprenderam com os nórdicos" - 00:13:59;

- "De qualquer maneira, quem descobriu os bancos que fizeram do bacalhau um peixe do povo, o fiel amigo: foram os portugueses (...) E durante todo o século XVI, os grandes pescadores de bacalhau fomos nós" - 00:15:21;
- "Olhem, só de Aveiro (...)" - 00:16:00;
- "[Apontando para a travessa de barro com o bacalhau] Mas, é um prato de todos (...)" - 00:17:20;
- "Eu encontrei, na Torre do Tombo, um documento que prova que (...)" - 00:17:30;
- "(...) E os Descobrimentos são o Nosso tempo de alegria e de glória" - 00:18:06;
- "Mas depois da glória vêm um caminho de sombra. Um tempo de denúncias (...) de medo, de fogueiras, de autos do santo ofício (...) E sobretudo da instalação de um imenso atraso em relação à Europa" - 00:18:12;
- "[Apontando para a câmara] É desse tempo que lhes fala a iguaria que agora estou a comer (...) a Morcela de Leiria. Com mais rigor [aponta novamente para a câmara] a Morcela dos Marrazes" - 00:18:39;
- "Toda a gente sabe onde é Leiria, mas poucos sabem onde são os Marrazes" - 00:19:00;
- "[Camara focada na morcela] (...) são a terra desta Morcela (...)" - 00:19:16;
- "Era assim que a gente [dedo indicador na testa] dos Marrazes escapava [aponta para a camara] aos olhares [leva o dedo ao olho e puxa a pálpebra] desconfiados e vigilantes [volta a apontar o dedo à camara] dos senhores do Santo Ofício [esquiva-se suavemente para a esquerda e para a direita] - 00:19:40;
- "Leiria, todos sabem, foi uma terra de judeus" - 00:20:05;
- "Bom, queria acabar por vos falar de uma coisa. Faz agora 500 anos que, sob os céus de Leiria, foi publicado um livro que teve consequências decisivas na História da Civilização" - 00:20:10;
- "Tenho junto de mim o pequeno catálogo das festas que, em Leiria, se fizeram a esse livro - 00:20:41;

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Reparem. '96. Faz agora, exatamente, 500 anos" - 00:22:00;</li> <li>• "Bom, mas não levem a mal que lhes diga [olhando diretamente para a câmara] o grande centenário que passa não é um centenário de tipógrafos (...) É um centenário profundamente dramático! [com pausas dramáticas]" - 00:22:34;</li> <li>• "[Referindo-se ao facto de Zacuto ter abandonado Portugal por causa da inquisição] (...) Esta data é, portanto, de certo modo para nós, o 'Centenário da Estupidez' (...) Porque não nos serviu de lição" - 00:23:13;</li> <li>• "No século XVI continuamos a expulsar os cérebros que não se quiseram batizar (...) - 00:23:31;</li> <li>• "E ainda agora, ainda agora, vale mais a ideologia do que a cabeça" - 00:23:35;</li> </ul>
<p>Cultura Saloia (28/03/1999)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Senhores telespectadores, o nosso programa de hoje é, de certo modo, diferente de todos os anteriores (...) - 00:00:41;</li> <li>• "Vou lhes mostrar uma pequena joia que está aqui, mesmo junto de Lisboa" - 00:00:53;</li> <li>• "Tão junto que uma pessoa sai de Lisboa, anda 3 km, não chega a quatro, corta na estrada que vai para Loures à sua esquerda e encontra-se num lugar muito estranho (...)" - 00:01:03;</li> <li>• "Queria dizer-vos, antes de mais, que a razão que me trouxe aqui não foi tanto mostrar um museu. Como agradecer [ênfase] à Câmara de Loures ter pegado em todo este terreno, porque isto ainda são cerca três hectares (...) num sítio onde o terreno está a custar perto de 50 contos o metro quadrado (...) Mas a Câmara entendeu que a cultura vale mais e não permitiu que as velhas ruínas fossem arrasadas e que aqui se fizessem grandes prédios modernos, como estes que estão aqui, a cobrir toda a zona e que vão fazer de Loures uma enorme cidade dormitório" - 00:01:33;</li> <li>• "O que cá estava e que é um pobrinho convento de frades arrábidos (...) contruído no tempo de El-Rei D. Sebastião (...)" - 00:02:38;</li> <li>• "Foi amorosamente restaurado" - 00:02:53;</li> </ul>

- "Hoje é o museu. O museu da cultura saloia" - 00:02:58;
- "(...) Do 'Conventinho' que vieram fazer aqui resta este claustro (...)" - 00:04:04;
- "Estas colunas [Ouve-se JHS a bater com a mão na parede] são ainda as que eles [os frades] levantaram" - 00:04:11;
- "[Referindo-se aos Azulejos que desapareceram do Convento] (...) Bom os azulejos como eram bastante bons, alguém os surripiou misteriosamente. Como sabem, é da competência dos santos fazerem milagres. E a gente, se daqui a uns meses vier cá, se calhar já os vamos ver lá [dedo apontado à camara]" - 00:04:30;
- "Porque vejam [mostra imagens dos azulejos] os azulejos são interessantes" - 00:06:00;
- "Eu vou lhes recordar uma [história] que ainda está na memória de alguns portugueses mais antigos" - 00:06:33;
- "Até há aqui, em Loures, uma lenda. Uma lenda. Já é uma lenda. Diz que era aqui [Quinta do Conventinho], aqui no pátio e nestas salas que ele [Alves Reis] punha as notas no chão, que eram para serem pisadas e amachucadas e ficaram com o aspeto de já serem velhas (...) E é uma lenda. Sem nada de verdade (...)" - 00:10:30;
- "Tenho aqui outro livro que lhe gostava de mostrar (...) um livro esquecido" - 00:13:00;
- "(...) um museu que não posso deixar de considerar um exemplo" - 00:15:36;
- "(...) E este é o centro de documentação (...) Onde os frequentadores do museu podem colher informações sobre tudo quanto está exposto (...) Eu ainda à pouco falei do Costa Cabral. Pode-nos [falando para a mulher no computador] mostrar o Costa Cabral (...) Tem também um retrato do Alves Reis? [novamente para a mulher no computador] (...)" - 00:15:48;
- "Nestes arquivos guardam-se peças [mexe os braços] de vestuário saloio desde meados do século passado [séc. XIX] até à atualidade (...) É mais de um século da história do traje [vira-se para a mulher atrás de si] Vamos ver [estica a mão para a gaveta do arquivo] um pouco ao acaso (...) [mostra blusa] (...) mas a Eugénia vai-nos ajudar a vê-la

melhor (...) [mulher levanta a blusa e mostra-a para a câmara" - 00:16:23;

- "(...) Até a época muçulmana, que como sabem antecede diretamente a presença saloia." - 00:17:15;
- "Saloio. Bom, mas afinal o que é ser saloio? Pois este museu pretende dar uma resposta rigorosa a essa questão. O que significa ser saloio? Tenho nas mãos um livro, produzido aqui para o museu e pela diretora do museu que se chama 'Somos Saloios. Procura de um conceito' (...) E é exemplar este trabalho (...) " - 00:17:30;
- "(...) Eu vou-lhes dizer porque (...) " - 00:18:51;
- "Eu bem sei que o museu está aberto há poucos meses. Mas mesmo assim acho que devia vir aqui mais [ênfase] gente do que tem vindo (...) Quem vier aqui, aprende muito. Fica a exortação, meu telespectador, logo que possa! Venha a Loures e aprenda qualquer coisa no Museu da Cultura Saloia. Mas a propósito de cultura saloia, ainda tenho alguma coisa a acrescentar" - 00:21:34;
- "Não se pode falar de cultura saloia no nosso país sem recordar um nome. O nome de José Franco. Ele está junto de mim, está ao meu lado [JHS põe a mão no ombro de José Franco e parece sorrir]. Somos há longos anos amigos (...) " - 00:22:16;
- "[Falando do museu de José Franco] (...) Apresenta um mundo que já desapareceu (...) Como é que isto foi feito? Foi feito desta maneira. Sem um real de subsídio, de ajuda, de intervenção do Estado. Aqui: nem Ministério da Cultura, nem Museu, nem Câmara. Ninguém ajudou o museu (...) Foi possível fazer este investimento (...) porque mestre José Franco, toda a gente sabe, tem umas mãos prodigiosas (...) " - 00:24:36;
- "(...) Este museu único no país, e talvez único no Mundo, que representa a vida inteira de um grande artista. Não sei que futuro isto vai ter [olha para as notas] Agora, como lhes digo, não tem nenhum apoio oficial (...) Todavia, isto recebe milhares e milhares de visitantes por ano (...) Seria uma grande injustiça se ele não atingisse esses resultados (...) Ele quer estar ao abrigo da lei do mecenato (...) Isto não merece ser considerado mecenato? [Olha para a câmara] O meu

	<p>telespectador conhece muitos mecenas tão generosos como o José Franco? [para de olhar para a câmara e volta a por a mão nos ombros de José Franco]" - 00:26:12;</p>
<p>Uma Fundação, Dois Fundadores (03/05/2003)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Senhores telespectadores, como terão reparado, estes nossos programas ultimamente, em vez de focarem localidades (terras portuguesas), tem em atenção personalidades. Quer dizer, grandes figuras que tiveram influência na História Nacional" - 00:00:40;</li> <li>• "Bom e hoje, o meu programa não é sobre uma personalidade. É sobre duas GRANDES personalidades" - 00:01:03;</li> <li>• "O senhor telespectador já está a pensar (...) Estou no centro de Lisboa. Estou mesmo no coração de Lisboa (...) Aqui a 100 metros é a Praça de Espanha (...)" - 00:01:12;</li> <li>• "(...) Chegou a funcionar, nestes terrenos, a Feira Popular (...) Foi aqui que começou a nossa televisão. Lembro-me de vir cá nas emissões experimentais da televisão portuguesa. Foram aqui neste parque" - 00:01:36;</li> <li>• "(...) Depois o parque foi comprado e foi aqui que se instalou a sede da Fundação Calouste Gulbenkian (...) Eu hoje vou falar das duas grandes figuras que estão na base dessa obra que tem uma influência decisiva na cultura portuguesa (...)" - 00:01:49;</li> <li>• "(...) Bom, é preciso ter presente isto. (...)" - 00:03:06;</li> <li>• "[Falando da História da Arménia] Portanto a vida na Arménia tem sido e continua a ser uma tragédia. No meu tempo falava-se a cada momento nas matanças da Arménia (...)" - 00:03:53;</li> <li>• "(...) Este pequeno está aqui na nossa frente (...)" - 00:06:40;</li> <li>• "(...) Há um facto para o qual eu queria chamar particularmente a atenção (...)" - 00:07:11;</li> <li>• "[Descrevendo a Arménia como o "umbigo do mundo"] (...) Olhem, aquilo é tão importante. Tão importante que quando, como sabem, o nosso patriarca Noé (...) Quando as águas desceram, a Arca pousou em Arará. O monte Arará é na Arménia (...) E diz a lenda que o primeiro rei da Arménia era filho do patriarca Noé (...) Imaginem como aquilo é antigo!" - 00:08:16;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) E é impressionante pensar que, como pelas asneiras humanas, um paraíso real se pode transformar num dos verdadeiros infernos do Mundo (...)" - 00:09:16; "Eu tenho a coleção da 'Dous Monde'" - 00:10:11;</li> <li>• "(...) É claro 5%, o senhor telespectador faça contas (...)" - 00:11:34; "(...) Estou no Museu Gulbenkian e queria-lhes mostrar duas ou três peças (...)" - 00:12:22;</li> <li>• "(...) Vou referir-me, em especial, a dois quadros que são dos mais famosos do mundo. Junto de mim está um Rembrandt. É o 'Velho do Rembrandt' (...) O outro é um retrato de juventude, que está na minha frente. É de Rubens" - 00:12:47;</li> <li>• "(...) A guerra, como sabem, foi uma brutalidade (...)" - 00:16:34;</li> <li>• "(...) E, olhem, gostou tanto de Portugal (...) Desta boa gente. E ficou por cá." - 00:19:34;</li> <li>• "(...) Tenho comigo uma publicação da Fundação (...) que contém o retrato do Dr. Azeredo Perdigão" - 00:20:19;</li> <li>• "(...) Tudo o que se faz aos arménios é feito pela Fundação. E a cultura em Portugal e as edições dos livros para as universidades. A música. Os festivais de música (...)" - 00:23:12;</li> <li>• "Creio que a melhor notícia que houve para a cultura portuguesa foi a da Fundação Calouste Gulbenkian. Isto é, realmente, um motor potente a puxar pela cultura de um país. Uma cultura que é um vagão pesado. Até parece um vagão sem rodas. Mas que a Fundação faz tudo quanto é possível, disso eu não tenho dúvida nenhuma." - 00:23:40</li> </ul>
<p>A Mensagem de Pessoa (15/05/2010)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Senhores telespectadores, estamos em Lisboa, na rua Coelho da Rocha, 16. Como veem, atrás de mim, está um retrato que todos o conhecem. É o poeta Fernando Pessoa (...)" - 00:00:41;</li> <li>• "(...) Hoje, é a casa museu Fernando Pessoa. Contém a obra do poeta e uma homenagem ao grande poeta (...)" - 00:01:20;</li> <li>• "(...) É importante estas datas porque, compreende-se, é um período muito agitado da vida portuguesa. Nasceu em '88 e veio a morrer em '35. Reparem, o intervalo não é grande (...)" - 00:01:43;</li> </ul>

- "(...) vida agitada digo eu. Porque ele acha que não (...)" - 00:02:09;
- "(...) Bom, eu tenho de acrescentar uma terceira. Escreveu e escreveu. E é por ter escrito que o seu nome hoje é um dos grandes nomes da literatura portuguesa. Conhecido em todo o mundo (...)" - 00:02:50;
- "(...) A morte do pai veio escavacar todo aquele conjunto familiar (...)" - 00:03:37;
- "(...) [Lê a primeira quadra de Fernando Pessoa] Isto à mãe (...)" - 00:05:13;
- "(...) Diz-se que estes são os primeiros versos daquele jovem (...)" - 00:05:39;
- "(...) Eram eles que viviam nesta boa casa, em que eu agora estou. E vieram para aqui em 1920 (...)" - 00:07:32;
- "(...) Este era o quarto onde o poeta dormiu esses últimos anos da sua vida. É claro os móveis é o que se conseguiu salvar. Esta cómoda era realmente dele. Era aqui que ele guardava a sua roupa. Aquela estante também era onde ele tinha os seus livros. Os livros foram agora arrecadados porque a humidade estava a deteriorá-los. Está ali uma arca que é, enfim, uma cópia da arca onde ele guardava os originais que escrevia e punha ali (...)" - 00:08:13;
- "(...) Aquela arca relaciona-me, pessoalmente, com o processo Fernando Pessoa. Em finais do ano de '69, novembro ou dezembro [ou seja, antes de ter saído do cargo de Ministro da Educação], fui procurado no Ministério da Educação, que ainda era no Campo de Santana, pelo meu irmão António [António José Saraiva] que se fazia acompanhar da professora, e escritora, Teresa Rita Lopes (...) porque estavam preocupados porque sabia-se que a arca de Pessoa (...) queriam vendê-la para os Estados Unidos. Ora, isso seria um prejuízo enorme para as letras portuguesas. Bom eu realmente mandei imediatamente fazer o arrolamento da arca, que não saiu de Portugal (...) Ficou cá, infelizmente o Estado não a comprou. Eu também saí, nessa altura do Governo. Mas foi, enfim, a intervenção que eu tive no processo Pessoa (...)" - 00:09:06;
- Saraiva canta o poema 'Quando ela passa' - 00:10:57;

- "(...) Eu tenho aqui o cartão de visita do Alberto Caeiro. Do Ricardo Reis: médico de clínica geral. Também tenho aqui o cartão. Eram pessoas (...) - 00:12:38;
- "(...) Eu também já pensei nisso [na questão dos Heterónimos]. E devo dizer que a única explicação que encontro é que é inexplicável (...) As pessoas nascem com uma certa estrutura física que dita o seu comportamento intelectual, emocional. Isto é um dom de raiz. Pessoa tinha aquele dom. Essa obra é quase toda escrita em inglês (...)" - 00:13:38;
- "(...) [A Mensagem] era um cântico sobre Portugal. Tinha poemas que lia-se e não se esquecia. Poemas muito belos. Falava de um nacionalismo já fora de moda. Ele dizia que era indescritivelmente patriota. E é isso que se nota na Mensagem (...) A Mensagem é o único livro que Pessoa publicou em vida. E isso dá a ideia. Ele escreveu muito. Eu tenho aqui uma edição (...)" - 00:14:30;
- "(...) Reparem que não lhe falta uma emoção quase religiosa (...)" - 00:16:50;
- "(...) D. Dinis plantou o pinhal com o qual se fizeram as caravelas dos Descobrimentos. Devo dizer que esta ideia não é verdadeira. Não foi D. Dinis que plantou o pinhal. Mas enfim, Pessoa não é um historiador. Isto é uma liberdade poética" - 00:18:15;
- "Reparem na profunda originalidade de todas estas ideias (...) Naus a haver. Reparem, é uma frase de um contabilista. Esta ideia do rumor dos pinhais (...) Tudo isto é original. É diferente (...)" - 00:19:29;
- "(...) Só mais um último poema, que contém a mensagem essencial. Todo o livro é realmente uma prece ansiosa para que Portugal reencontre um caminho de grandeza. E é isto que diz esta prece (...)" - 00:20:19;
- "(...) Os biógrafos discutem de que é que ele morreu. Uma cirrose no fígado. Foi o álcool (...) Não se enganem. A doença que o matou chamava-se solidão. É uma doença que poupa o corpo, mas destrói a alma." - 00:22:24;

Quadro 2- Análise da interação com a audiência nos programas de José Hermano Saraiva

Programa/episódio	Frases ou expressões nacionalistas
<p>A Espada de Ferro (9/11/1971)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Esta espada faz-nos compreender porque que os lusitanos foram inimigos terríveis das legiões romanas" – 00:02:50;</li> <li>• "Compreende-se perfeitamente que, na luta corpo-a-corpo, entre este instrumento e a espada nas mãos do homem das montanhas, a sorte das armas muitas vezes protegesse os lusitanos contra os invasores" - 3:30;</li> <li>• "monumento ao guerreiro lusitano" - 4:10;</li> <li>• "o heroísmo extraordinário" - 4:48;</li> <li>• "defenderam a sua terra com uma valentia que ainda hoje é recordada" - 4:59;</li> <li>• "no nosso país" - 7:53;</li> <li>• "gente indomável" - 16:05;</li> <li>• "de uma energia, de uma bravura" - 17:10;</li> <li>• "Houve outros grandes caudilhos (...) mas nenhum deles deixou de si uma memória tão grande como Viriato" - 17:32;</li> <li>• "campanhas (...) triunfantes" - 19:48;</li> <li>• "Ele [Viriato] não foi um Rómulo ou Aníbal, mas soube ser um símbolo" - 20:24;</li> </ul>
<p>Celtas e Iberos (30/11/1971)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Ele não concorda com uma afirmação que eu fiz no primeiro programa" – 00:01:22;</li> <li>• "Vou tentar hoje, precisamente, fazer uma experiência" – 00:01:46;</li> <li>• "Celebrar um milenário que foi esquecido" – 00:02:12;</li> <li>• "Não tenham medo que até não é um texto muito complicado, até é uma leitura que eu considero apaixonante" – 00:03:06;</li> <li>• Explica o significado de uma palavra latim para "cartagineses" – 00:05:10;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "É uma síntese semelhante aquela que eu me recordo de ter lido no meu pequeno compêndio de instrução primária" – 00:06:12;</li> <li>• menciona o facto do livro de Estrabão ter 2000 anos – 00:08:40</li> <li>• "Lembro que ninguém se deve ter deixado de lembrar (...)" – 00:09:18;</li> <li>• "Temos aqui mesmo neste museu uma peça, que está aqui exposta há muitíssimos anos, e, de certo modo, se pode comparar com a Dama de Elche" – 00:11:36;</li> <li>• "um dos nossos amáveis telespectadores" - 13:30;</li> <li>• "tenho junto de mim (...) uma pedra" – 00:15:00;</li> <li>• Levanta-se e, com uma caneta, aponta no mapa a expansão dos Celtas – 00:16:00;</li> <li>• "E reparem que nenhum de nós (...)" – 00:18:11;</li> <li>• Apresenta a cópia de uma espada céltica feita por um dos colaboradores – 00:19:47;</li> <li>• Apresenta números da produção de Ferro e Cobre na Europa, em 1968 - 21:26;</li> <li>• "Agora comparem as duas imagens" - 23:20;</li> <li>• "Outro nosso espectador- o sr. António Vitorino de Matos, de Ourique" - 24:25;</li> </ul>
<p>Diálogo (19/10/1978)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "povo em ação" – 00:02:33;</li> <li>• "nação fecunda e construtiva" – 00:02:35;</li> <li>• "morrer pela pátria" – 00:02:48;</li> <li>• "O que é preciso é saber viver pela pátria, não é saber morrer por ela" – 00:03:48;</li> <li>• "Pátria somos nós" – 00:03:58;</li> <li>• "Se nós morrermos, a pátria também não fica viva" – 00:04:00;</li> <li>• "É essa nação que se realiza no trabalho, num labor fecundo, criador, quotidiano." – 00:04:05;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Todo o nosso passado, pertence a todos nós por igual. Todo o nosso presente estamos a vivê-lo, a comungá-lo por igual. E todo o nosso futuro, somos responsáveis perante ele por igual" – 00:21:30;</li> </ul>
<p>Quem Vai e Quem Vem (24/06/1979)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Porque de facto a história da Madeira, a história dos Açores, a história da vida dos Portugueses pelo mundo, como dizia o Camões, uma vida em pedaços repartida tem sido completamente esquecida por nós" – 00:02:40;</li> <li>• "Uma ilha que vive de quem vem, o dinheiro que o turista deixa, e que vive sobretudo de quem vai, o pobre imigrante que geralmente vai e não regressa" – 00:04:30; "O Império Britânico das ilhas orientais, onde foi substituída a posição dos portugueses" – 00:05:14;</li> <li>• "Em Portugal há um forte respeito pelo suor e pelo trabalho alheio. Diga o que se disser, nós nunca nos divertimos desta maneira" – 00:07:28;</li> <li>• "A ilha vive principalmente do que mandam os imigrantes que partem" – 00:13:00;</li> <li>• "Para a Madeira, é este crucifixo [imigrantes da ilha] que define a existência atual da ilha – 00:13:11;</li> <li>• "Uma terra que vive que não tem para os que nela nasceram" – 00:13:20;</li> <li>• "Pouca gente pensa no heroísmo espantoso que está por detrás deste milagre que na Europa, no mediterrâneo só tenha paralelo em Capri. Não é a água, não é o clima que fez surgir o milagre madeirense. Foi o suor dos homens. Foi a epopeia que começou e continua" 00:15:16 - com imagens das levadas, das flores e de turistas contrapostas com a imagem de madeirenses a carregarem sacos nas suas cabeças. JHS também dramatiza com o seu discurso;</li> <li>• "A Madeira continuará a ser a grande hospedeira dos quatro continentes" - 22:09;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "A batalha de educação é DECISIVA. Não é só aqui, é em todo o nosso país" - 24:30;</li> <li>• "O que a escola conseguir fazer do Homem Português, na capacidade de construir, de inventar, de planejar de novo. Isso será o país que nós conseguiremos ser amanhã. O TRISTE PAÍS DOS COLONOS ANALFABETOS OU DOS BACHAREIS DESEMPREGADOS. Ou a nação autora de si mesma, responsável pelo seu destino. A nação que se constrói e que encontra sempre a rota nova. A solução diferente que lhe permite nas novas condições do mundo sobreviver." - 25:10;</li> </ul>
<p>Leiria (26/10/1986)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Mas quando o rei decide instalar AQUI [ênfase] um castelo, neste rochedo de Leiria, praticou um ato audacioso" - 00:03:26;</li> <li>• "Um palácio que se discute muito. Que quem o construiu foi o Rei D. Dinis e a Rainha Santa, ou foi mais tarde D. João I. Esse é um ponto discutido" - 00:03:55;</li> <li>• "No ano de 1323, pai e filho, D. Dinis e D. Afonso, lutavam numa guerra que ensanguentava o país e a mãe, a rainha Santa Isabel, forçou-os a assinar a paz. Foi exatamente aqui, no sítio onde eu agora estou. Que o rei D. Dinis, perante um altar de S. Julião, jurou fazer as pazes com o filho. Esta lápide, se não me engano, que coloca o brasão da mãe, entre as armas do pai e do filho é o mais comovente monumento que em Portugal se conserva a Santa Isabel, rainha da Paz" - 00:06:00-00:07:32;</li> <li>• "E que razões teria D. João I para vir construir um palácio aqui, em Leiria? Bom, eu penso que essa razão se diz numa palavra: a Batalha" - 00:07:48;</li> <li>• "É o nome de uma povoação, porque essa povoação nasceu à volta de um GRANDE [exclamação] monumento, o monumento de Santa Maria da Vitória, destinado a consagrar a Grande Batalha que se travou no dia 14 de</li> </ul>

	<p>agosto de 1385, aqui muito perto, nos campos de Aljubarrota. Essa natureza, comemorativa e triunfal do monumento é evidente. Este lugar, onde nos encontramos. Eu até diria: triunfalista" - 00:08:10 a 00:08:50;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "Isto é um magnificado, entoado à vitória. Com certeza" - 00:08:50 (com gestos e dramatismo);</li> <li>• "Nós encontramos aqui, sobre a cúpula da capela. E reparam estes arcobotantes, que são oito. Oito para apoiar os oito lados do octógono. Estes arcobotantes, no seu conjunto, formam uma coroa real. A maior coroa que jamais existiu no nosso país" - 00:15:10;</li> <li>• "E foi, por detrás desta porta, que pela primeira vez em Portugal estiveram reunidos os representantes do clero, da nobreza e do povo" - 00:19:00;</li> <li>• "Foi aqui que a tradição [fabrico do plástico há 200 anos na Marinha Grande] nasceu. E eu quis vir aqui porque fiz questão de que estas minhas palavras fossem de homenagem para os trabalhadores que estão aqui a trabalhar ao pé de mim" - 00:26:21</li> </ul>
Lamego (15/02/1988)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Porque Lamego era a capital do Ribadouro. E nenhuma outra região, tanto como o Ribadouro, estava ligada ao processo das origens de Portugal", com tom dramático e gestos a acompanhar - 00:06:21;</li> <li>• "Lamego é uma cidade à procura do futuro", enquanto rodeado por vários jovens - 00:29:11;</li> <li>• "O futuro (...) a grande batalha do futuro, joga-se na escola" - 00:29:38;</li> </ul>
A Educação (29/02/1988)	(Não foi encontrada nenhuma observação)
O Terrorismo (21/03/1988)	(Não foi encontrada nenhuma observação)
Tomar (08/10/1993)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• [Mão no peito] "Isto é emocionante. Até é emocionante para mim. Porque se isto é verdadeiro, pode-se dizer que as armas de Portugal nasceram entre os braços dos Templários" - 00:06:31;</li> </ul>

<p>Macau (17/12/1993)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "E é muito interessante reparar no Brasão [aponta para o brasão na parede] da cidade que está junto de nós. Isto é uma espécie de epítome da História Portuguesa" - 00:14:05;</li> <li>• "Portanto, é a hora do poente! Portanto, faltam poucos anos para o Sol se esconder no horizonte. Não é isso que os portugueses pensam. Toda esta península de Macau estremece numa nova arrancada para o futuro", [com imagens do pôr do sol nas montanhas e com o mar no primeiro plano; a construção da Ponte que ligou ao Continente Chinês] - 00:24:57;</li> <li>• "[Chineses] Estão a erguer um grande monumento a que chamam as 'portas do entendimento'. Homenagem portuguesa ao entendimento secular que nos uniu a nós e aos Chineses - 00:25:48;</li> </ul>
<p>Almoço com a História (05/10/1996)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "E tinha pedido para o almoço uma iguaria realmente histórica (...) São as tripas à moda do Porto" - 00:06:17;</li> <li>• "Agora estou a falar especialmente para o Porto. Eu acho que a glória do Porto nasceu aí. As glórias do Porto têm estas quatro bases(...)" - 00:09:45;</li> <li>• "a rija têmpera dos músculos dos portuenses (...) que desbastaram os bosques, transformaram as árvores, os carvalhos, em aduelas de barris e salgaram a carne e fizeram a comida que os cruzados comeram a caminho da Terra Santa" - 00:10:32;</li> <li>• "Enquanto uns batalhavam e conquistavam a Terra Santa, os Portuenses ficavam a comer as vísceras da carne que forneciam" - 00:11:20;</li> <li>• "Outro prato que é histórico e também é nortenho: o bacalhau" - 00:11:45;</li> <li>• "O nosso bacalhau, aprendemos com os estrangeiros. Mas, quem ensinou à Europa onde se pescava o melhor bacalhau, foram os portugueses" - 00:14:33;</li> <li>• "Foi já nos finais do século passado, por volta de 1900, começamos outra vez a fazer frotas de bacalhau (...) Em</li> </ul>

	<p>1940, eramos outra vez, grandes pescadores de bacalhau. Os bancos da Terra Nova estiveram quase por nossa conta (...)" 00:16:38;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "O bacalhau é o prato português mais ligado à época dos Descobrimentos", [com gestos das mãos - peras] - 00:17:58;</li> <li>• "(...) E os Descobrimentos são o Nosso tempo de alegria e de glória" - 00:18:06;</li> </ul>
Cultura Saloia (28/03/1999)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "O grande objetivo deste museu é fixar os traços essenciais do que era uma cultura realmente importante para perceber Portugal (...) E de uma cultura da qual eu acho que devemos ter muito orgulho (...) - 00:18:32;</li> <li>• "Eu acho isto realmente notável. Reparem, os portugueses conquistam Lisboa. Apoderam-se de todo o território, mas permitem que as antigas comunidades islâmicas continuem com os direitos de propriedade sobre os seus solos, a viver segundo a sua lei (...) Isto é realmente um exemplo de tolerância e de compreensão que é notável" - 00:20:25</li> </ul>
Uma Fundação, Dois Fundadores (03/05/2003)	(Não foi encontrada nenhuma observação)
A Mensagem de Pessoa (15/05/2010)	(Não foi encontrada nenhuma observação)

Quadro 3- Análise das expressões nacionalistas nos programas de José Hermano Saraiva

## Anexo 6.2.

<b>Programa/episódio</b>	<b>Frases que dão protagonismo a figuras históricas</b>
A Espada de Ferro (9/11/1971)	(Não foi encontrada nenhuma observação)
Celtas e Iberos (30/11/1971)	(Não foi encontrada nenhuma observação)
Diálogo (19/10/1978)	(Não foi encontrada nenhuma observação)

<p>Quem Vai e Quem Vem (24/06/1979)</p>	<p>(Não foi encontrada nenhuma observação)</p>
<p>Leiria (26/10/1986)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "[Leiria] nasceu efetivamente num grande rochedo, um morro gigantesco, sobre campos desertos que, no ano de 1135, o rei D. Afonso Henriques decidiu instalar uma espécie de baluarte [Um baluarte ou bastião, em arquitetura militar, é uma obra defensiva, situada nas esquinas e avançada em relação à estrutura principal de uma fortificação abaluartada] que o ajudasse na luta contra os sarracenos" - 00:02:56 (de forma dramática);</li> <li>• "Em todo o caso, quem veja bem, repara que isto é fundamentalmente a glorificação da família real" - 00:09:01;</li> <li>• "O primeiro é D. Pedro, o infante das sete partidas que mataram em Alfarrobeira. Depois, D. Henrique, o famoso infante das navegações. A seguir, o misterioso D. João. Aqui, junto de mim, D. Fernando, aquele que depois de morto ataram por um sarrado numa ameia das portas de Fez" - 00:10:12;</li> <li>• "O homem, cujas cinzas repousam neste túmulo, é rei. El-rei D. Pedro. Cuja realeza e legitimidade ninguém discute. É filho de D. Afonso IV, neto de D. Dinis, bisneto do Bolonhês. Vai enraizar em D. Afonso Henriques. É ele o pai do Mestre de Avis, daquele que veio a ser D. João I" - 00:13:12;</li> <li>• "Mas, em frente noutro túmulo, jaze uma mulher. Mulher e rainha. Aquela coroa de pedra não deixa dúvida nenhuma. Rainha e, todavia, não era ela a mãe de D. João I. Nem mãe, nem sequer a madrasta" - 00:13:55;</li> <li>• "E era isso que o D. João queria dizer (apoiado na pedra e apontado, quase como interpretando o papel de D. João). Podiam-lhe chamar bastardo. Por essas coroas, fora da Europa, podiam contar histórias sobre a forma como ele</li> </ul>

	ganhou o trono (...) [aponta para o teto] uma coroa assim, ninguém a tinha - 00:15:50;
Lamego - 15/02/1988	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Foi aqui por perto que decorreu a infância de D. Afonso Henriques" - 00:06:37;</li> <li>• "A outra razão é a própria figura do conde. A estátua jacente, cheia de rudeza, de força, de uma austera dignidade mostra-nos como seria, já no fim da vida, o filho de D. Dinis" - 00:13:28;</li> <li>• "[Referindo-se ao conde ser fruto de um casamento anterior] A Rainha Santa Isabel tomou-o como enteado. Ela própria o educou e o ajudou a criar. E liga-se isso com as qualidades realmente extraordinárias que este homem deu durante a vida inteira" - 00:13:50;</li> <li>• "[Conde D. Pedro] é o nosso mais antigo historiador" - 00:14:50;</li> </ul>
A Educação (29/02/1988)	(Não foi encontrada nenhuma observação)
O Terrorismo (21/03/1988)	(Não foi encontrada nenhuma observação)
Tomar (08/10/1993)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Essa rainha [de França] apoiou [D. Afonso III] fortemente. Fez dele o chefe da cavalaria francesa, contra os senhores feudais. E portanto o Nosso Infante [...]" - 7:40;</li> <li>• [Referindo-se ao fim da Ordem dos Templários na Europa] "Mas aqui em Portugal, o rei D. Dinis disse: 'Não, os cavaleiros aqui, enfim, não tem assim tantas culpas.' E arranjou-se uma solução que, reparem, é bem portuguesa. Mudaram os nomes e ficou tudo na mesma. Os mesmos lugares, as mesmas pessoas. Que se chamavam 'Ordem do Templo', passam agora a chamar-se 'Ordem de Cristo'" - 00:11:53;</li> <li>• "Os Descobrimentos trazem-nos ao Infante D. Henrique, o Navegador" - 00:12:44;</li> <li>• "O Infante D. Henrique foi nomeado, em 1420, administrador da Ordem de Cristo. E é realmente ele que transforma a ação cruzadesca dos Cavaleiros na ação científica das Descobertas" - 00:13:00;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "O Infante D. Henrique, o GRANDE PAPEL HISTÓRICO DELE [Com o dedo indicador levantado] foi transformar a guerra do corso na exploração científica que levou ao descobrimento do Mundo" - 00:13:32;</li> <li>• "Por isso a cidade de Tomar tem muito orgulho na memória do Infante. Ergueu-lhe uma estátua. E há toda a razão para isso. Ele está ligado [gesticula] por muitos motivos à cidade. Foi ele quem fez construir este lindíssimo claustro em que nos encontramos. E mais! Devem-se-lhe o primeiro arranque industrial (...) Foi ele quem regularizou o curso do rio (...) Foi ele quem, pela primeira vez, imaginou a povoação racional. A Tomar de seu tempo não era a de labirintos medievais. Vista do alto, parece desenhada a prancheta (...) Com ruas retas. É um plano moderno!" - 00:13:55;</li> <li>• [Referindo-se à figura na Janela Manuelina] "Quem quer que é, tinha sobre si duas enormes responsabilidades (...) todo o conjunto do edifício que acaba sobre o pojado da Coroa Real (...) a unidade da nação (...) Quem, no século XVI, podia protagonizar esse duplo papel, de ser a força do nó e ser a base sólida do edifício da Pátria, era el-Rei. O rei D. Manuel. E justamente o rei, que tinha sido peregrino a Compostela. Podia usar a concha no chapéu" - 00:16:00;</li> <li>• "Assim como D. João, o bisavô, tinha a roupa com o camelo que simbolizava o peso do seu cargo, El-Rei D. Manuel manda-se representar aqui, nas janelas do Convento de Cristo, de que ele era mestre, suportando sobre os ombros toda a carga do edifício português - 00:18:15;</li> </ul>
<p>Macau (17/12/1993)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Há em Macau uma tradição segundo a qual Luís de Camões [aponta para o busto atrás de si] habitou nesta gruta. É a conhecida gruta de Camões [...]" - 00:02:41;</li> <li>• "Foi Camões, suponho eu, a primeira autoridade portuguesa a vir para aqui [Macau]" - 00:03:22;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Teria sido [Camões] o primeiro a instalar-se, com habitação permanente" - 00:03:34;</li> <li>• "[...] Se Camões viveu aqui, ele aqui compôs alguns dos seus poemas [...]" - 00:04:10;</li> <li>• "A passagem de Camões por Macau ficou ligada com a comovente lenda de Dinamene" - 00:07:00;</li> <li>• "Até nesse poema, o Camões nessa estrofe d'Os Lusíadas' que: 'Perdeu tudo e só salvou o seu molhado canto' - 00:09:26;</li> <li>• "Camões esteve aqui, entre '64 e '68" - 00:10:34;</li> <li>• "Não se pode fazer uma História de Macau sem falar neles [Jesuítas]" - 00:19:23;</li> </ul>
<p>Almoço com a História (05/10/1996)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Foi em 1120 (...) o rei de Portugal. Aliás, o ainda Conde D. Henrique deu o burgo do Porto em feudo ao bispo. E a história do Porto foi depois constantemente isso (...) uma luta (...) um verdadeiro braço de ferro entre os burgueses da ribeira e a força do bispo" - 00:07:59;</li> <li>• "[Referindo-se à paragem da II Cruzada na Cidade do Porto] (Repousa o dedo indicador na testa e inclina-se na mesa) e o Bispo do Porto, que era o D. Pedro Pitões, parece que recebeu um recado do D. Afonso Henriques, foi lá e disse-lhes: 'Epá vocês vão lá para tão longe, tão longe. Para quê? Para que que vão para tão longe? (...) Se vocês querem é para o céu, é morrer pela fé? Epá morram aqui mais perto: vão conquistar Lisboa" - 00:11:28;</li> <li>• "Ajudem o nosso rei a conquistar Lisboa (...) e os cruzados convenceram-se" - 00:12:32;</li> <li>• "Um judeu ilustre, Abraão Zacuto. Um grande astrónomo. Um grande matemático. Um grande pensador" - 00:21:03;</li> <li>• "São essas tabelas que permitem navegar sem ser à vista da terra. É com as tabelas de Zacuto, vendo-as dia-a-dia, que Vasco da Gama chegou à Índia (...) Que Pedro Alvares Cabral chegou ao Brasil (...)" - 00:21:35;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Infelizmente, a lição de Zacuto, parece que não ensinou nada a ninguém" - 00:23:51</li> </ul>
<p>Cultura Saloia (28/03/1999)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "O que cá estava e que é um pobrinho convento de frades arrábidos (...) construído no tempo de El-Rei D. Sebastião (...)" - 00:02:38;</li> <li>• "Quem fundou o convento foram frades arrábidos" - 00:03:06; "Os próprios vestidos que [os frades] tinham eram de cardos, rasgavam-lhes a carne (...)" - 00:03:36;</li> <li>• "(...)Essa ideia aparece no tempo de D. João III (...)" - 00:03:44;</li> <li>• "Apareceu um talentoso político, que era o grande Costa Cabral, que lançou o lance de 200 mil reis (...) comprou isto tudo e fez aqui a sua casa de campo [para comprar o Convento]" - 00:05:30;</li> <li>• "Há quem diga que foi ele a por este painel de azulejos (...) A mim custa acreditar" - 00:05:58;</li> <li>• "(...) Depois de pertencer à família Costa Cabral (...) em 1925 foi comprada pelo Banco Angola e Metrópole (...) este nome, 'Angola e Metrópole' está ligado a uma das mais extraordinárias burlas praticadas em Portugal" - 00:06:51;</li> <li>• "(...) Artur Virgílio Alves Reis (Alves dos Reis) (...) era um homem muito inteligente. Fez os seus estudos na Politécnica, com brilho. Mas queria ser engenheiro (...) Fabricou um diploma (...) E, com esse diploma falso, concorreu a um lugar em Angola" [dedica bastante tempo a falar de Alves Reis] - 00:07:37;</li> <li>• "Até há aqui, em Loures, uma lenda. Uma lenda. Já é uma lenda. Diz que era aqui [Quinta do Conventinho], aqui no pátio e nestas salas que ele [Alves Reis] punha as notas no chão, que eram para serem pisadas e amachucadas e ficaram com o aspeto de já serem velhas (...) Ele tinha um processo muito melhor. Ele fez um banco. O banco 'Angola e Metrópole'. As pessoas iam lá e depositavam dinheiro do</li> </ul>

	<p>bom. Quando iam levantar, ele entregava-lhes dinheiro do dele (...)" - 00:10:30;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "Ele [Alves Reis] foi preso, mas ainda na cadeia defendeu-se com extrema inteligência" - 00:11:25;</li> <li>• "Ele tinha compreendido o valor da palavra sobrenatural e a importância de não estar a caluniar pessoas inocentes. E faz este livro, sem dúvida um gesto nobre, para inocentar as pessoas que estavam (...) ligadas ao crime (...)" - 00:12:36;</li> <li>• "Já no século XV, no tempo do rei D. Duarte (...)" - 00:19:49;</li> <li>• "E é o mestre José Franco a primeira pessoa que, em Portugal, ousou conjugar essas palavras. 'Cultura Saloia' (...)" - 00:22:45;</li> <li>• "Este homem [José Franco] continua agarrado ao torno de oleiro. E tudo quanto ganha é para investir neste museu" - 00:25:28;</li> </ul>
<p>Uma Fundação, Dois Fundadores (03/05/2003)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Um é um cidadão arménio. Calouste Sarkis Gulbenkian. E outro é um bom português, lá de cima de Viseu. José Henriques de Azeredo Perdigão" - 00:02:13;</li> <li>• "Calouste Gulbenkian nasceu em Istambul (...) Istambul era a capital do Império Otomano (...) em 1869 (...)" - 00:02:53;</li> <li>• "(...) A família de Gulbenkian é natural da Arménia (...)" - 00:03:30;</li> <li>• "(...) Pois o pai de Calouste Gulbenkian tinha ido para Istambul. Era um homem bem-sucedido nos negócios (...)" - 00:04:19;</li> <li>• "(...) o rapaz [Gulbenkian] era inteligente. Quando o moço fez 14 anos, fez lá um exame e veio com uma nota muito boa para casa. E o pai banqueiro ficou tão entusiasmado e deu-lhe 10 piastras (...) E disse-lhe: 'Olha, rapaz! Tens aqui o teu primeiro capital! Vamos lá ver como tu o administras. Isto é para o teu mealheiro'. (...) [Calouste]</li> </ul>

Foi-se meter nos grandes bazares de Istambul (...) À noite, o pequeno volta a casa. Contentíssimo e o pai diz-lhe: 'Então o que é que tu fizeste?' E ele mostra-lhe [Exemplifica com moedas que tira do seu bolso] (...) eram moedas antigas. Moedas gregas. Moedas romanas e ele tinha transformado o dinheiro que o pai lhe deu em antiguidades numismáticas" - 00:04:38;

- "(...) Isto é um retrato dos 40 ou 50 anos, quando o Calouste Gulbenkian já era um dos homens mais ricos do mundo (...) Como é que ele conseguiu tão rapidamente enriquecer? (...) " - 00:06:45;

- "(...) Vai estudar para Inglaterra. É um aluno distinto. Aos 18 anos já tem uma formatura em engenharia (...) " - 00:07:21;

- "(...) O professor [de Calouste] leu o livro com atenção. Ficou impressionado pela inteligência com que ele se referia a certos aspetos, sobretudo no tocante a petróleo (...) " - 00:09:45;

- "[Referenciando o facto do artigo de Calouste, publicado na revista 'Dous Monde', foi lido na corte do Sultão Otomano] (...) Algum ministro [otomano] disse: 'Este rapaz [Calouste], este rapaz vale quanto pesa' e chamaram-no (...) " - 00:10:28;

- "(...) Ele começa a intervir nos negócios do petróleo (...) e ele percebe imediatamente (...) que aquela baba negra (...) era uma das fontes da energia do futuro" - 00:10:42; "(...) É ele o verdadeiro arquiteto desse gigante que é a Iraq Petroleum Company (...) Ele tinha 5% de muitos milhões (...) Tinha recursos ilimitados. E, a partir dessa altura, ele, que é sempre um hábil diplomata, um grande financeiro. Mas agora tem uma preocupação. É andar por esses grandes bazares do mundo e fazer uma coleção das coisas mais belas. Para ele, o mais belo é o que mais o encanta (...) " - 00:11:21;

- "[Referindo-se aos quadros vendidos pelos Soviéticos] E Calouste Gulbenkian compra estas duas peças, mas diz lealmente aos representantes do Governo Russo: 'O que vocês estão a fazer é um erro. Estas coisas não se vendem. E não se vendem por que, se se sabe no Mundo que estão a vender, vocês perdem completamente o crédito. Vocês precisam não é de dinheiro. É de crédito. E destroem o crédito se vendem estas maravilhas.' É claro que acrescentou: 'Se insistirem em vender, eu continuo comprador. Mas essencialmente, não continuem a vender'" - 00:13:56;
- "É preciso ser um homem muito sério para tomar esta atitude" - 00:14:38;
- "(...) Entre '18 e '39, durante esses 20 anos, Calouste Gulbenkian, que tem já a sua imensa fortuna, ele dedica-se a comprar todos os tesouros, mas os verdadeiros tesouros que se encontram à venda (...) Reúne a maior coleção particular no mundo (...)" - 00:15:08;
- "(...) Entretanto (...) vem a Segunda Guerra Mundial (...) Ele, nessa altura, quando vem a Guerra, estava a pensar em, com essa sua coleção prodigiosa, fazer um grande museu em Londres, para que todo o mundo pudesse admirá-la. Mas vem a guerra (...)" - 00:16:12;
- "Ele está em França e em França vem o Hitler. Toma Paris (...) Ora bem, o nosso Calouste Gulbenkian, que evidentemente não é um guerrilheiro, é um homem de paz (...) vai para Vichy, mas o Governo de Londres entende que quem estiver em Vichy é colaboracionista. Portanto é inimigo. E eis que Calouste Gulbenkian, que foi um homem sempre pela paz [Olha para o teto de braços para o ar] (...) que pensava dar todos os seus tesouros à Inglaterra (...) Se vê declarado inimigo da Inglaterra. Bom! Ele protestou muito e o Governo Inglês acabou por lhe pedir desculpa.

Mas ele ficou muito magoado e vivia em Vichy (...)" - 00:16:42;

- "(...) o sr. Gulbenkian procura um espaço onde possa finalmente viver em paz (...) Dirige-se ao representante diplomático de Portugal (...) penso que primeiro o Comandante Rochoa, depois o Doutor Caeiro da Mata (...) Eu tinha ouvido contado pelo sr. Doutor Perdigão (...) meu particular amigo, sempre falava do Caeiro da Mata (...) De qualquer maneira, ele [Gulbenkian] vem para aqui e é trazido no próprio carro da embaixada, com toda a imunidade diplomática (...) instala-se no Hotel Avis. E, olhem, gostou tanto de Portugal (...) Viveu aqui os seus últimos anos da sua vida" - 00:18:38;

- "(...) Entretanto precisava de um advogado. E [Gulbenkian] perguntou: quem era o melhor advogado de todos. E indicaram-lhe o nome de alguém que, nessa altura, era considerado o maior advogado português. O Dr. José de Azeredo Perdigão (...)" - 00:19:41;

- "(...) É curiosa a legenda. A legenda diz isto: 'Dr. Azeredo Perdigão, autor da elaboração dos estatutos da Fundação Gulbenkian (...) Devo dizer que isto é verdade. O dr. Perdigão é o autor dos estatutos. Bom, mas isto é só 5% da verdade. Eu acho que, realmente, numa casa ao Gulbenkian, chamavam-lhe o sr. 5%. Acho que fica bem. Aqui só puseram 5% da verdade (...) Ele foi o autor dos estatutos. Ele foi o autor da ideia. Ele foi o autor do museu. Foi o autor do projeto. Foi o autor de quarenta anos de direção. Eu ousaria dizer: se o Calouste Gulbenkian foi mãe da Fundação, não há mãe sem pai. E o pai chamava-se José Henriques de Azeredo Perdigão. Era, realmente, uma grandíssima personalidade. Eu conheci-o bem. Era um homem frio, exigente. Muito estudioso, rigoroso em tudo o que fazia (...) absolutamente impecável. Uma inteligência mais geométrica que poética. Um homem capaz de ver ao

	<p>longe e de não se perturbar com os pequenos episódios do caminho. Em política, ele era republicano e democrata. Mas, sabia pôr-se sempre, não era fora da política, acima da política (...) [nos tribunais] tinha uma alcunha (...) 'o divino mestre'. O que isto representa, não só de caricatura, mas também de prestígio. Eu nunca vi peças jurídicas tão bem feitas como as que eram assinadas pelo Dr. Azeredo Perdigão. É este homem, ao seu talento, à sua competência, ao seu desinteresse que se deve que tenha sido fundada, em Portugal. a Fundação que veio a receber todos os tesouros recolhidos em vida por Calouste Gulbenkian" - 00:20:31;</p>
<p>A Mensagem de Pessoa (15/05/2010)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) Como veem, atrás de mim, está um retrato que todos o conhecem. É o poeta Fernando Pessoa (...)" - 00:00:51;</li> <li>• "(...) Realmente, Fernando Pessoa habitou nesta casa (...)" - 00:01:00;</li> <li>• "(...) Hoje, é a casa museu Fernando Pessoa. Contém a obra do poeta e uma homenagem ao grande poeta (...) Pessoa nasceu em Lisboa, não nesta casa. Mas numa casa também muito boa (...)" - 00:01:20;</li> <li>• "(...) Ele [Fernando Pessoa] dizia até: 'Quem quiser um dia escrever a minha biografia, vai ter muito pouco trabalho. Bastam duas palavras. Nasceu e Morreu' (...) É quase verdade!" - 00:02:11;</li> <li>• "(...) Ele teve uma vida sem ocupações grandes (...) Viveu um pouco à margem da vida. Morreu fechado dentro de si próprio (...)" - 00:02:33;</li> <li>• "(...) O Fernando acompanha a mãe para a África do Sul. Acompanha a mãe quando tem 7 anos (...)" - 00:04:40;</li> <li>• "(...) Este fenómeno de um escritor ter três...aliás, ele tinha outros menores. Mas, os mais importantes são estes três grandes escritores, que vivem atrás da caneta</li> </ul>

	<p>de Fernando Pessoa, é um fenómeno extraordinário." - 00:13:16;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "(...) Isto é um dom de raiz. Pessoa tinha aquele dom (...) " - 00:13:57;</li> <li>• "(...) Reparem que não lhe falta uma emoção quase religiosa (...) " - 00:16:50;</li> <li>• "(...) Era a glória depois da morte. Pelas próprias palavras do poeta: os deuses vendem quando o dão. Compra-se a glória com desgraça. Aí dos felizes porque são só o que passa." - 00:23:18;</li> </ul>
--	---

Quadro 4- Análise das frases/expressões que glorificam/dão protagonismo a figuras históricas nos programas de José Hermano Saraiva

### Anexo 6.3.

<b>Episódio/Programa</b>	<b>Personagens Históricas Referenciadas</b>
A Espada de Ferro (9/11/1971)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viriato;</li> <li>• Sérvio Sulpício Galba;</li> <li>• Rómulo;</li> <li>• General Aníbal (Cartago);</li> </ul>
Celtas e Iberos (30/11/1971)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estrabão;</li> <li>• Éforo;</li> </ul>
Diálogo (19/10/1978)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Guerra Junqueiro;</li> <li>• Platão;</li> </ul>
Quem Vai e Quem Vem (24/06/1979)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• João Gonçalves Zarco;</li> <li>• Simão, o Magnífico;</li> <li>• Imperador Carlos de Habsburgo, o último imperador Austro-Húngaro;</li> <li>• Jorge VI de Inglaterra, enquanto ainda Príncipe de Gales;</li> <li>• Bernard Shaw;</li> <li>• Sarah Bernhard;</li> <li>• Lloyd George;</li> <li>• Winston Churchill;</li> </ul>

Leiria (26/10/1986)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D. Afonso Henriques;</li> <li>• D. Dinis;</li> <li>• Rainha Santa Isabel;</li> <li>• D. João I;</li> <li>• D. Pedro;</li> <li>• Inês de Castro;</li> <li>• Infante D. Henrique;</li> <li>• D. Afonso V;</li> <li>• D. João II;</li> <li>• D. Manuel I;</li> <li>• Eça de Queiroz</li> </ul>
Lamego (15/02/1988)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D. Afonso Henriques;</li> <li>• Egas Moniz;</li> <li>• Conde D. Pedro;</li> </ul>
A Educação (29/02/1988)	(Nenhuma)
O Terrorismo (21/03/1988)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nasreddin</li> </ul>
Tomar (08/10/1993)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Infante D. Henrique;</li> <li>• D. Afonso Henriques;</li> <li>• D. Afonso III;</li> <li>• Jesus Cristo;</li> <li>• D. Manuel I;</li> </ul>
Macau (17/12/1993)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Luís de Camões;</li> <li>• S. João;</li> <li>• Dinamene;</li> <li>• D. Melchior Carneiro;</li> <li>• Rainha D. Leonor;</li> </ul>
Almoço com a História (05/10/1996)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conde D. Henrique;</li> <li>• Bispo do Porto (D. Pedro Pitões);</li> <li>• D. Afonso Henriques;</li> <li>• Cortes-Reais (Bacalhoeiros da Terra Nova);</li> <li>• Abraão Zacuto;</li> <li>• Vasco da Gama;</li> <li>• Pedro Alvares Cabral;</li> </ul>

<p>Cultura Saloia (28/03/1999)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D. Sebastião;</li> <li>• Frades Arrábidos;</li> <li>• D. João III;</li> <li>• Costa Cabral;</li> <li>• Alves Reis;</li> <li>• Rei D. Duarte;</li> </ul>
<p>Uma Fundação, Dois Fundadores (03/05/2003)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Calouste Gulbenkian;</li> <li>• José Azeredo Perdigão;</li> <li>• Adolf Hitler;</li> <li>• Marechal Pettan;</li> <li>• General Charles de Gaulle;</li> <li>• Madalena Biscaia Perdigão;</li> </ul>
<p>A Mensagem de Pessoa (15/05/2010)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fernando Pessoa;</li> <li>• Comandante Rosa;</li> <li>• António Ferro;</li> <li>• D. Fernando;</li> </ul>

Quadro 4- Análise sobre as personagens históricas referidas nos programas de José Hermano Saraiva

## Anexo 7. - Fichas de Leitura

### Ficha 1

Abreu, L.F.S; Araújo, A.C.S & Silva, A.R. (2016). Do Perfil Jornalístico à Escrita Biográfica: Vida em Detalhes. Research Gate.

**Resumo:** Este artigo discute o perfil jornalístico em sua relação com a escrita biográfica, propondo uma leitura cruzada dos gêneros para ampliar a compreensão do perfil. Apresentamos uma revisão da literatura a respeito do perfil, articulando-a com questões levantadas pela história e pelos aspetos formais da biografia. Nesse intercâmbio, percebemos a importância do uso do detalhe descritivo em ambos os gêneros, afirmado tanto pelo jornalismo quanto pela literatura como método para o texto acercar-se da realidade cotidiana. Desse modo, propomos aqui a enunciação do detalhe como ferramenta de enfrentamento ao problema que atravessa tanto perfis como biografias: “Como irei escrever uma vida?”.

**Citações:**

“A despeito de ser apontado por nomes como Tom Wolfe (1984) e Edvaldo Pereira Lima (2002) como um dos gêneros mais importantes e potentes do jornalismo moderno, o perfil encontra-se à margem.” (p.3);

“autores como Vilas Boas (2003) e Weinberg (1992) apontam as décadas de 1920 e 1930 como ponto de partida para a popularização do gênero.” (p.3);

“Interessa-nos aqui um problema de outra ordem, porém: a condição do perfil enquanto escrita biográfica.” (p.3);

“É o gênero do jornalismo que mais defronta-se com o problema de traduzir uma existência em texto.” (p.3);

“Um dos primeiros esforços de conceituação do gênero parte de Sodré e Ferrari (1986, p.126) em seus estudos sobre o texto da reportagem impressa.” (p.3);

““perfil significa enfoque na pessoa - seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida” (p. 126).” (p.3);

“Para Sodré e Ferrari (1986), o perfil destaca-se dos demais gêneros da reportagem por eles citados por considerarem-no o tipo de texto que mais aposta no sujeito enquanto objeto da reportagem.” (p.4);

“O enfoque humanístico e a abordagem muitas vezes confessional conferem às matérias não apenas um diferencial estilístico: se “a humanização do relato, pois, é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 15), a carga informacional aumenta na mesma medida. Seria, então, o perfil o gênero com mais potência de contato com leitor.” (p.4);

“Ainda que se tenha desenvolvido junto aos demais gêneros jornalísticos e possa ser observado em publicações de até dois séculos atrás, o perfil ganhou proeminência e regularidade de publicação apenas a partir da década de 1930.” (p.5);

“o perfil ganhou proeminência e regularidade de publicação apenas a partir da década de 1930. Weinberg (1992) atribui essa popularização a dois repórteres, cujos trabalhos servem de matriz estilística e conceitual para o desenvolvimento posterior do gênero: Joseph Mitchell e Lincoln Barnett.” (p.5);

“Este desenvolvimento inicial lançou as bases não apenas da estética e da ética do perfil, mas também delimitou seu espaço de publicação: o gênero é visto quase que exclusivamente em revistas, em especial naquelas de periodicidade mensal, à maneira das já citadas Life e The New Yorker.” (p.5);

“O importante era a pessoa (...) Esperava-se que a matéria lançasse luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história das pessoas, para que suas ações pudessem ser compreendidas num contexto maior que o de uma simples notícia descartável. (VILAS BOAS, 2003, p. 22)” (p.6);

“No que toca à forma, as definições do perfil também são esparsas. De acordo com Sodré e Ferrari (1986), ele pode dividir-se em três formas distintas: a transcri o literal da entrevista com a fonte, formato conhecido como ping-pong no jargão jornalístico; um texto em discurso indireto, enunciado pelo repórter e contendo somente a voz deste, com impressões do encontro com a personagem em questão; e uma espécie de híbrido destas duas formas, com a narra o mesclando as percep es do jornalista (ainda que ela não se apresente em primeira pessoa) com as falas do enfocado.” (p.7);

Sobre o modelo híbrido de perfil: “Sobre este último modelo, Sodré e Ferrari (1986) escrevem: “Trazendo a experiência para o presente, o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado” (p. 131).” (p.7);

“Wolfe (2005) cita o registro de gestos, hábitos, gostos e estilos, além de demais miudezas, como um dos pilares da escrita não-ficcional do Novo Jornalismo\*.” (p.8):

\*Nota nas referências: O autor nomeia quatro recursos chave para o estilo. Para além do uso dos detalhes descritivos, exalta o uso de uma constru o cena a cena; a reprodu o de diálogos na íntegra; e a transi o entre pontos de vistas, com o objetivo de introduzir a voz de diversos personagens.

“Tais elementos seriam, segundo Werneck (2010), a principal característica do perfil, responsável pela imersão do leitor no universo das figuras abordadas.” (p.9);

“A reflexão de Vilas Boas (2003) segue no mesmo sentido, aprofundando a reflexão. Para ele, o perfil vale-se, mais do que qualquer outro texto jornalístico, do poder de observação do repórter e sua capacidade de transformar estes elementos não-verbais em texto.” (p.9);

“Esta tangibilidade faz-se necessária na medida em que o texto aspira à representação realista: é preciso que a abstração própria do texto seja ancorada na realidade pela atenção no detalhe.” – citando Wood (2012, p.65) (p.9);

“Mais, o perfilado não é exatamente um modelo em pose. Sua imagem não pode ser pretendida, portanto, e talvez nem se consiga que ela seja plenamente natural ou espontânea” (VILAS BOAS, p. 19) – (p.10);

Sobre as origens da escrita biográfica: “O volume é sintomático para compreensão sobre qual modalidade textual foi apontada como biografia nos séculos iniciais desta atividade de escrita, no período que Dosse (2009) chama de Idade Heroica da produção biográfica.” (p.11);

A pedra é a questão: “Como legitimar um gênero que se debruça sobre uma existência que é forçosamente atirada ao acaso, sobre uma vida que é por si só proliferante, caótica e incerta?” (COSTA, 2010b, p. 106) (p.12);

A partir dos anos 1900 a biografia é vista como “o local de refúgio da historieta, do relato puramente anedótico, sem outra ambição que encantar e distrair” (DOSSE, 2009, p. 181). (p.12);

Diz-se que “o romancista está livre; o biógrafo está amarrado” (WOOLF, 2014, p. 390) (p.12)

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, Uma vida, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. (BOURDIEU, 1996, p. 183) (p.13);

### Notas Importantes

- Autores identificam a origem do perfil jornalístico como as décadas de 20 e 30 do século XX (Vilas Boas, 2003; Weinberg, 1992);
- O texto do perfil atua como uma espécie de narrativa, que se constrói sobre o relato de atos e ideias da personagem em questão. Tornando este género muito próximo de géneros textuais como:
  - História da vida, nos campos da Sociologia e Antropologia;
  - Biografia, nos domínios da Literatura e da História;
- A Escrita Biográfica:
  - As origens da escrita biográfica remontam aos trabalhos do ensaísta e filósofo grego Plutarco (46-120 d.C.), destinando-se a relatar os feitos e as trajetórias de grandes figuras Greco-Romanas como Temístocles, Cícero e Marco António:
    - Muitas vezes, os focos destes trabalhos eram sobre as posições que ocupavam e os feitos que realizaram, não tanto o sujeito em si;
    - Raramente os livros tratavam de apenas uma pessoa, preferindo apresentar um painel de diversos sujeitos.
  - Em meados do século XVIII, a situação começa-se a alterar e os estudos sobre o género são unânimes ao apontar o trabalho de James Boswell como ponto de virada da conceção biográfica;
  - Em 1791, o advogado escocês publicou Vida de Samuel Johnson (Boswell, 2007), um relato da sua amizade de mais de vinte anos com o poeta e crítico literário:
    - A escolha em focar a narrativa em somente uma pessoa e a tentativa de esgotar a figura lançando mão de uma profusão de provas documentais (anotações, cartas, diários, etc.); e a própria extensão da obra (mais de 1000 páginas na edição original) causaram confusão para fazer uma biografia naquela época.
  - Virginia Woolf, na sua reflexão crítica “A arte da biografia” (2014) publicada originalmente em 1939, relembra algumas das ideias de Boswell e, a partir dos trabalhos inspirados por ele, passa a questionar a constituição do género biográfico e a sua relação ambígua com a história e o romance: **seria a biografia capaz de capturar a verdade sem incorrer em ficcionalizações?**

- **Dosse (2009)**, especialmente com a viragem do milénio, descreve os questionamentos que surgiram relativamente à biografia como *eclipse biográfico*:
  - Dá-se por uma alteração no regime de historicidade e pela ascensão dos estudos sociais ligados à Escola dos Annales, cuja lógica é refratária à escrita da vida do modo como ela ocorria à época;
  - Se antes o acordo era referencial – esperava-se do texto uma versão fiel, cópia carbono, da vida -, a partir do século XX tal traço estiliza-se.
- Woolf (2014) reforça que esta crise se instalou devido à necessidade do material de arquivo para contar a história do sujeito. Desta forma, impondo limites e amarrando o biógrafo ao material disponível:
  - Cita o trabalho biográfico de Lytton Strachey, que publicou na década de 1920 duas biografias sobre figuras da monarquia britânica: Rainha Vitória e Isabel I;
  - No primeiro caso, uma personalidade cercada por diversos registos históricos, foi um sucesso de vendas;
  - No segundo caso, devido ao facto de Isabel I ter vivido na viragem do século XVI para o século XVII e também foi alguém que reinou em completo isolamento e pouco se sabe da sua vida pessoal, fracassou completamente;
- A argumentação de Virgínia Woolf e o seu enfoque na questão do realismo e da necessidade de comprovação factual para este tipo de escrita é uma crítica ancestral;
- Nos anos que se seguiram, outros artigos atacaram a base epistemológica do gênero;
- Em 1986, Pierre Bourdieu discutiu sobre a *ilusão biográfica*:
  - Ao iniciar a discussão no campo da Sociologia, questiona a validade das histórias de vida enquanto método científico, o filósofo põe em xeque a proposta primeira da biografia: **O próprio conceito de *história de vida* seria errôneo.**
  - Bourdieu critica a necessidade de contar cada elemento da vida do sujeito numa esquematização que tenha um princípio e fim, ou seja, **a ilusão de captar uma vida através do relato da trajetória de seu personagem:**

- Desta forma criando uma ligação entre os acontecimentos, o que dá uma forma lógica à existência – a “muleta” que constituía a feitura das biografias desde seus primórdios.

## Ficha 2

Matos, S.C. (2008). Consciência histórica e nacionalismo (Portugal - Séculos XIX e XX). *Livros Horizonte*.

[https://www.academia.edu/42847942/Consci%C3%Aancia\\_hist%C3%B3rica\\_e\\_nacionalismo\\_s%C3%A9culos\\_XIX\\_e\\_XX\\_Portugal\\_s%C3%A9cs\\_XIX\\_e\\_XX](https://www.academia.edu/42847942/Consci%C3%Aancia_hist%C3%B3rica_e_nacionalismo_s%C3%A9culos_XIX_e_XX_Portugal_s%C3%A9cs_XIX_e_XX)

**Resumo:** Um conjunto de textos publicados entre 1992 e 2008 que envolvem a consciência histórica das elites intelectuais no Portugal Contemporâneo. E, noutros termos, a memória que os intelectuais portugueses foram construindo sobre a nação em que viveram e o seu passado, bem como a reflexão que foram empreendendo sobre o seu próprio ofício.

### Citações:

"Quem eram, em termos sociológicos, estes intelectuais que se dedicaram a fixar a memória da nação? Como mostrámos em trabalho anterior, no século XIX, os homens empenhados na divulgação da história nacional eram sobretudo das classes médias, maioritariamente funcionários públicos e jornalistas com formação académica muito diversa (poucos eram os que estavam ligados à Universidade), grande parte deles originários de Lisboa, mas muitos também provenientes da província. Cultivavam múltiplos géneros de textos, literários e não literários. Numa sociedade que dava passos decisivos no sentido da secularização, raros eram já os eclesiásticos e os originários da antiga nobreza ou até da nova nobreza liberal a escreverem História." (p.8);

"Que eficácia tiveram os seus trabalhos na construção da consciência nacional? O problema tem implícita a relação entre elites e massas e desde os finais do século XIX ocupou um lugar destacado no pensamento social europeu." (p.8);

"Na verdade, numa época em que não se dispunha dos actuais meios de difusão digital da informação, as funções do livro, do jornal e da revista eram muito diversas, porventura mais relevantes." (p.8);

"Decerto, o potencial público leitor era bem mais reduzido, embora a taxa de analfabetismo tenha descido lentamente ao longo do século XX. Mas, por outro lado, é de admitir que, em termos relativos, a audiência dos livros de autores como Oliveira Martins ou Teófilo Braga fosse maior do que a alcançada pelos historiadores consagrados da actualidade." (p.8);

"Exemplo significativo é a História de Portugal de Oliveira Martins (1879), que teve cinco edições em vida do autor (falecido em 1894), e foi alvo de numerosas notas de leitura ou críticas na imprensa da época." (p.8);

"No seio da reduzida elite portuguesa havia debate público, por vezes intenso. Ao invés do que por vezes se pensa, essa elite estava ao corrente do pensamento social, político e filosófico que então se difundia nas capitais europeias mais dinâmicas." (p.8);

"Outro problema é o do lugar do Estado na estruturação da consciência nacional." (p.9);

"Outro problema é o do lugar do Estado na estruturação da consciência nacional. Alguns autores (caso de António Sérgio ou, mais recentemente, de José Mattoso) insistiram na ideia de que, no caso português, esse papel terá sido determinante. No contexto de uma sociedade civil pouco mobilizada para a vida cívica, maioritariamente iletrada e não escolarizada, o Estado teria tido uma função decisiva na formação e difusão da consciência nacional, sobretudo a partir do final do século XIX. (...) Todavia, não a subscrevo. Sem deixar de reconhecer que a função do Estado foi relevante no processo da nacionalização da sociedade, sobretudo através de um conjunto de dispositivos jurídicos e administrativos e de práticas uniformizadoras da construção de um sistema de ensino público, da acção formativa das forças armadas, da sua participação (nem sempre decisiva) no comemorativismo histórico, insisto na acção cultural que desempenharam as elites intelectuais naquele processo." (p.9);

"Na verdade, também neste último caso, a consciência nacional se estruturou, não raro, à margem do Estado." (p.9);

"Não surpreende assim que nacionalismo cultural e laicismo trouxessem para primeiro plano tópicos como nação, raça, carácter nacional, génio nacional, glória, progresso e decadência." (p.9);

"Por seu lado, Teófilo Braga, um dos grandes divulgadores em Portugal do positivismo heterodoxo na linha de Littré, a partir de uma teoria de nação natural entendida no quadro de um determinismo étnico e geográfico, difundiu uma perspectiva sobre história nacional em que o povo tem um protagonismo decisivo nos grandes momentos de viragem." (p.11);

"Nos seus diversos matizes, o positivismo histórico dominará o ambiente historiográfico universitário até aos anos 60 do século passado, embora a resistência crítica a esta prática espontânea (não assumida como teoria), remontasse ainda aos finais de Oitocentos." (p.11);

"As invasões francesas, logo seguidas da ocupação britânica que se prolonga até 1820, os exílios dos liberais em Londres e o processo da independência do Brasil (só formalmente consumado em 1822) constituem o contexto em que começou a delinear-se uma narrativa liberal e laica do passado, centrada no conceito de nação, pela voz de homens como João Bernardo da Rocha Loureiro ou José Liberato Freire de Carvalho." (p.10);

"De algum modo, todos estes tópicos se prendem com uma interpretação voluntarista e heroica da história, em que se sobrevaloriza a função de um só indivíduo, D. Henrique, em todo o percurso histórico nacional. Tomem-se dois exemplos. O então deputado José Hermano Saraiva, num discurso proferido na Assembleia Nacional, vê-o como fonte e símbolo maior das epopeias nacionais." (p.152);

### **Notas Importantes**

Referencia o centenário da morte do Infante D. Henrique (1960) e a dimensão da sua figura: expõe os elementos mais comuns da imagem idealizada do Infante:

1. Que o Infante era um homem de formação científica, estudioso de astronomia, cartografia e matemática (era mais uma "curiosidade científica", não sendo um "especialista" naquelas matérias (p.150));

2. "O plano de alcançar, por via marítima, a Índia asiática como meio de envolver os Turcos e desferir-lhes um rude golpe, acedendo directamente às fontes do comércio oriental: claramente oposta à tese de que os Portugueses haviam empreendido as navegações de descobrimento numa longa série de tentes, experiências e acasos, o plano da Índia, já referido por Damião de Góis no século XVI e difundido no século XIX (Frei Francisco de São Luís, visconde de Santarém, etc.), adequava-se não apenas à interpretação voluntarista da acção do

Infante31, visto como o grande obreiro dos descobrimentos e da expansão ultramarina, mas, em 1960, sobretudo, à tese da missão apostólica e civilizadora de Portugal no mundo e do Príncipe como um cruzado de ardente fervor religioso." (p.151);

3. "A conquista de Ceuta, em que D. Henrique desempenhou papel relevante, teria sido motivada pela ideia de cruzada, dominante na época e manifesta em diversas bulas pontifícias. A cruzada henriquina, expressão do «serviço de Deus» e da acção apostólica, teria representado o principal objectivo do príncipe Navegador, paralelo ou senão mesmo integrado na cruzada da Igreja, contra o inimigo turco-árabe (António Brásio)." (p.151);

E a interpretação religiosa do pensamento e ação do Infante D. Henrique:

4. A imagem romântica do solitário de Sagres, «anacoreta da ciência», isolado nas penedias do extremo sudoeste português, aí congeminando os seus planos, imagem que encontrara representação plástica no óleo de José Malhoa O Sonho do Infante (1905; no Museu Militar de Lisboa)" (p.151);

A ideia de que o Infante foi o iniciador do lusotropicalismo. Segundo o antropólogo brasileiro Gilberto Freire, o Infante teria exercido uma influência muito significativa no desenvolvimento das peculiaridades do lusotropicalismo, nomeadamente nas relações entre os Portugueses e os negros da Guiné. Desde os primeiros contactos, depois do baptismo, estes teriam sido integrados no sistema patriarcal de família que vigorava entre nós, e, mais tarde, viria a ser introduzido no Brasil. Os Portugueses teriam criado um sistema muito especial de relação com os escravos: a par da tendência para a sujeição de não europeus, ter-se-ia verificado um pendor para a assimilação desses povos. Criaram-se assim sociedades «cristocêntricas» em diversos pontos do globo, integrando povos e culturas muito diversas, dominadores e dominados." (p.152);

### Ficha 3

Seixas, A. & Baptista, A. (2020). O documentário biográfico e a sequencialização dos testemunhos. Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto. <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/16200>;

**Resumo:** A realização de um documentário biográfico sobre figuras do panorama cultural já desaparecidas labora com a ciência histórica. Esta, tal como diz Le Goff (1990) define-se em relação a uma realidade que “não é nem construída nem observada (...), mas sobre a qual se “indaga”, se “testemunha””. No documentário biográfico, por vezes, os testemunhos são vozes

que articulam relatos e eventos. O enquadramento cénico dessas vozes, apoiado em elementos simbólicos, cria uma moldura mental de veracidade que aproxima o espectador do biografado através da promoção de imagens mentais sobre a sua vida, que nos ajudam a construí-la. O documentário biográfico usa a edição como forma de organização da informação, algo que “serves to establish and maintain rhetorical continuity more than spatial or temporal continuity” (Nichols 1991, 35). Ou seja, o tipo de testemunhos, a sua organização temática, o espaço cenográfico onde ocorrem, a sua preponderância na gestão imagética e o uso de elementos simbólicos correlacionados com o biografado ajudam a retorizar o discurso visual, credibilizando o que é dito. Neste trabalho, partindo dos filmes *Le tombeau d’Alexandre* (1993) de Chris Marker e *Finding Vivian Maier* (2013) de John Maloof e Charlie Siskel, propõe-se a construção de uma tabela para a identificação das estratégias usadas na sequencialização dos testemunhos no documentário biográfico, enquanto atitude para compreender de que modo a organização retórica dos testemunhos ajuda a apresentar uma personagem para um sujeito já desaparecido e que integrará a memória coletiva como uma realidade cultural que o cinema ajudou a construir.

### **Citações**

“A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado... (...) A história é na verdade o reino do inexato. (...) A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tomar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica. (Ricoeur, 1961)” (p.5);

“Quando se parte para a construção de uma biografia – escrita ou fílmica – o autor terá, necessariamente, de assumir para si que “um personagem, e, no caso, um personagem real, possui múltiplas identidades. Além disso, deve considerar que jamais conseguirá revelar toda a plenitude de uma pessoa, em toda a sua complexidade.” (Cruz, 2011: 35)” (Seixas & Baptista, 2020: 10);

### Notas Importantes

- Frequentemente, quando o biografado está vivo e partilha o enquadramento histórico connosco, pode anular a necessidade do testemunho sobre si. O texto extradiegético (Que não é personagem na história que narra), apesar de aparecer frequentemente como voz neutra e informativa, transforma-se numa moldura significativa que dá um corpo muito particular ao biografado;
- De facto, em algumas biografias tudo se passa como se as imagens e as palavras revelassem a verdadeira ontologia dos episódios de vida do biografado quando aquilo que vemos/lemos não são as imagens ou os relatos, mas a forma como estes ganham sentido numa articulação narrativa da responsabilidade não dos documentos, mas o biógrafo que opta por mostrá-los ou elidi-los, criando a estrutura dos episódios e nela a relevância do que é mostrado;

Tipo de montagem	Articulação de Planos	Relação entre Planos	Princípio de Junção	Princípio de Transmissão	Representação do Mundo	Procedimento estético dominante
Mensagem narrativa	Contínuo	Articulação	Racordos necessários	Transparência mimética	Um mundo evidente	Planificação
Mensagem discursiva	Descontínuo	Confirmação	Escolhas inteligentes	Demonstração	Um mundo a construir	Enxerto
Montagem de correspondências	Descontínuo	Ecos	Conexões aleatórias	Sugestão	Um mundo a perceber	Colagem

Quadro 6 – Tipos de Montagem proposto por Vicent Amiel (2011:22)

Identidade e motivações do biógrafo		
Biógrafo: fisicamente presente (a sua importância na sequenciação da biografia)	Com corpo e voz	Como biógrafo
		Na vida direta (direta ou indiretamente) do biografado
		Biógrafo como personagem (a história biógrafo na construção da biografia)
Biógrafo: voz presente	Voz-off	
Biógrafo: ausente	Sem voz	

Quadro 7 – Proposta de esquematização para a análise da identidade e motivações do realizador no documentário biográfico (Seixas & Baptista, 2020:12)

#### Ficha 4

<p>RTP (2004, março 27). Da Revolução à Normalização [Vídeo]. RTP Arquivos. <a href="https://arquivos.rtp.pt/conteudos/da-revolucao-a-normalizacao/">https://arquivos.rtp.pt/conteudos/da-revolucao-a-normalizacao/</a></p>
<p><b>Resumo:</b></p> <p>Quinto episódio duma série de sete sobre a história da televisão em Portugal, desde o nascimento da RTP até ao aparecimento das estações privadas. Inclui depoimentos de diversas personalidades, intercalados com imagens de arquivo.</p>
<p><b>Notas e citações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Manuela Furtado - "o barómetro";             <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fluxo de imagens pertinentes ao pós-25 de Abril;</li> </ul> </li> <li>• Manuel Roque (Presidente do conselho de administração da RTP - 1995/1998):             <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "A televisão era, como se costumava dizer, o barómetro da vida política;</li> <li>▪ "Quando havia uma crise na televisão era porque se ia dar uma crise no regime político";</li> </ul> </li> <li>• Ramalho Eanes (Presidente da RTP - 1974/1975)             <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Eu notei, uns dias antes, que havia qualquer coisa no ar. Porque a televisão, de repente, ficou, nas áreas onde era mais eriçada, mais calma</li> </ul> </li> <li>• Álvaro Guerra (diretor de informação da RTP - 1974/1975)             <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O 11 de março [de 1975], para mim, é transparente;</li> </ul> </li> </ul>

- Adelino Gomes (jornalista RTP - 1975/1976);
  - Imagens de arquivo da reportagem de Adelino Gomes fez perto do aeroporto;
- Adelino Gomes e Ramalho Eanes explicam que tiveram de contactar o MFA para perceber o que aconteceu;
- Ramalho Eanes - "Entendi que a reportagem devia ser passada (...) mas quando o país não se sentisse sobressaltado";
  - Reportagem dos Ralis – 12 de março de 1975
- Quando Ramalho Eanes Apresentou o pedido de demissão;
- O papel pedagógico da RTP nas eleições
- Joaquim Letria: "Nas primeiras eleições, ninguém ganhou ou perdeu na televisão. Eu julgo que a televisão confirmava, no fundo, aquilo que as pessoas já queriam acreditar";
- Aparece depois Francisco Pinto Balsemão;
- Vasco Hogan Teves:
  - "(...) Foi muito difícil a estabilização da RTP a partir do 'verão quente' de '75. Todas essas manifestações que houve, em todos os atos públicos feitos pelos governos da altura ou a favor dos governos da altura (...)" - 00:16:48
- Imagens das manifestações de apoio a Otelo Saraiva de Carvalho, do discurso de José Pinheiro de Azevedo (1º ministro do VI Governo Provisório) e o debate entre Mário Soares e Álvaro Cunhal;
- Joaquim Letria:
  - "(...) Aquele debate, no fundo, foi um pouco uma tentativa da RTP a que aqueles dois senhores se intendessem. E, talvez, se desdramatizasse um clima extremamente polarizado e radicalizado que se tinha criado (...)" - 00:18:36;
  - "(...) Recordo-me perfeitamente, embora, repare, [este debate entre o Cunhal e o Soares] não veio trazer nenhuma diferença, ao contrário do que hoje muita gente julgou e até chegou a escrever, em relação ao que se vivia em Portugal na altura (...)" - 00:19:47;
- Coronel Manuel Pedroso Marques (Presidente da RTP - 1975/1976):
  - "Eu fui o nono presidente da televisão um ano depois do 25 de Abril. Tinham por lá passado oito presidentes - 00:20:10;
  - "A partir do 25 de novembro as coisas começam a melhorar, na televisão e no país em geral. Porque começam a ficar mais serenas e, enfim, tudo a ficar mais equilibrado e mais sereno (...)" - 00:27:38;

- NOTAS: DOCUMENTÁRIO FAZ BOM USO DAS ENTREVISTAS, ENTRECALADAS COM AS IMAGENS DE ARQUIVO;
- Francisco Balsinha (Jornalista):
  - "(...)Durante o PREC (...) todo o processo passou pela televisão. A televisão foi instrumental para o desenvolvimento de toda essa época que, cujo ponto final, foram as eleições [Presidenciais] de 1976 (...) " - 00:30:46;
- Luís Filipe Costa (realizador):
  - "(...) Outro poder chegou (...) E digamos que terminou a fase revolucionária (...) Aquela possibilidade de qualquer pessoa chegar e olhar para a câmara e olhar nos olhos o telespectadores do outro lado, os seus contemporâneos, e dizer aquilo que lhe ia na alma acabou. A televisão voltou a ser uma coisa pautada, com um mapa rígido de programação. Às tantas horas, voltava a transmitir o filme. Às tantas horas, o programa de variedades. Às tantas horas, o debate. O imprevisto que era, até aí, a emissão da televisão terminou. Portanto, uma nova ordem surgiu." - 00:31:10;
- Jorge Leitão Ramos (crítico de TV):
  - "(...) A programação da televisão torna-se imediatamente uma programação (...) muda do dia para a noite. Uma produção muito mais fechada. Há uma quantidade de gente que é afastada e nota-se, completamente, o 'fechamento ideológico', de um dia para outro, da televisão. Portanto, todas essas questões ligadas à reforma agrária (...) desaparece, por completo, dos ecrãs. Aquilo torna-se, outra vez, uma coisa séria (...) ao serviço do poder (...) " - 00:32:04;
- Emídio Rangel (jornalista):
  - "Eu diria que começa aí um certo percurso para transformar a RTP de um órgão de propaganda, num órgão de comunicação social, que respeite um conjunto de normas. De regras, de princípios, etc." - 00:32:30;
- Francisco Pinto Balsemão:
  - "(...) O entretenimento passa a ter um papel importante. Já não com filmes russos e búlgaros, como tinha acontecido em '75, mas com programas aceitáveis de entretenimento e bons. Como a Gabriela, uma belíssima novela ainda hoje em dia [Imagens da abertura de 'Gabriela, Cravo e Canela', a "Cornélia", um programa divertidíssimo [Imagens da 'Visita da Cornélia']. E acho que aí a televisão, a RTP, tem um papel de pacificação e de entretenimento. Eu penso aliás que, qualquer estação de televisão generalista, gratuita e aberta, tem uma componente de

informação mas também tem, evidentemente, uma componente forte de entretenimento (...)" - 00:33:17;

- (...);
- Vasco Graça Moura (diretor de programas da RTP 1 - 1978):
  - "A novela brasileira vinha fornecer ao público uma história com um princípio, meio e fim. Com peripécias, com emoção, com intriga. Tudo isto era muito importante (...)" - 00:34:37;
- Miguel Sousa Tavares, Júlio Isidro e Adriano Cerqueira falam como "Gabriela" e a telenovela brasileira atuou como pacificador, como denominador comum "a todas as classes", de um país dividido ideologicamente;
  - Miguel Sousa Tavares - "(...) Nem sei se a TV Globo realizará o inestimável serviço de pacificação que prestou a este país com a 'Gabriela'" - 00:35:50;
- Imagens de diferentes atores que apareceram em Gabriela em diferentes programas da RTP (Telejornal e a 'Visita da Cornélia');
- Falam do programa "Visita da Cornélia", com imagens de arquivo;
- (...)
- João Soares Louro (presidente da RTP 1978/1980):
  - "A expectativa que se tinha acerca da televisão com a revolução no foi inteiramente compreendida. Só em '78 é que foram, de facto, mais as pessoas, as caras e os protagonistas (...)" - 00:40:36;
- Falam de como o período de 1978 a 1980 foi irrepitível para a programação da RTP. Devido a certos fatores, como a instabilidade governativa (2 governos que caíram mais o governo de iniciativa presidencial de Maria de Lourdes Pintasilgo) e a terem o apoio do presidente Ramalho Eanes, a RTP pode ser o protagonista e a desafiar um pouco o papel que era esperado dela.
- Vasco Hogan Teves (Jornalista RTP 1957/1974)
  - "(...) Quando o João Soares Louro vai para presidente da RTP, ele era, evidentemente, uma pessoa que tinha trabalhado praticamente desde o início da RTP. Conhecia muito bem aquela casa. E quando pega na administração da RTP, ele sente a necessidade de fazer coisas de valorização não apenas do seu pessoal, mas, principalmente, o que ele quis fazer foi dar um pouco a noção de que alguma coisa estava a mudar naquela casa. (...)";
- João Soares Louro fala de como a RTP não tinha sofrido grandes mudanças em termos técnicos e administrativos desde 1957:

- "Equipamento obsoleto, quer câmaras, quer material de estúdio, quer material de difusão";
- "(...) a empresa nunca mais tinha sido reestruturada. Tinha ainda o modelo de 1956/1957/1958. Por aí (...)";
- "E eu pensei que era necessário fazer uma empresa mais ajustada aos novos tempos. E arranjar-lhe financiamentos. Criar um modelo económico para o seu desenvolvimento. Foi como refundar a RTP 20 anos depois (...)" - 00:44:00;
- Os três R's: "(...) Reestruturar, reequipar e reinstalar a RTP (...)" - 00:44:27;
- **Fernando Balsinha (jornalista):**
  - "E esse projeto apoiava-se em três (...) R's" - 00:44:20;
- **João Soares Louro (presidente da RTP 1978/1980):**
  - "(...) Fiz, sobretudo, uma aposta em gente nova. [Imagens de arquivo de algumas das novas figuras da RTP] Gente nova, novos métodos de trabalho, definindo melhor as áreas da televisão e das suas vocações. E apostei muito na formação. Parte do que são hoje as grandes vedetas do jornalismo em Portugal, na rádio, na televisão (...) da imprensa, foram feitas nessa altura por formadores que eu mandei vir do estrangeiro (...)" - 00:44:58;
- **José Eduardo Moniz - 00:46:02;**
- **Vasco Hogan Teves (jornalista RTP - 1957/1974):**
  - "Ele [João Soares Louro] pega em duas pessoas. Uma que ele conhecia extremamente bem, que era o Fernando Lopes [cineasta], e noutra que conhecia menos bem, mas em quem depositou confiança, que era o caso do Vasco Graça Moura [diretor de programas da RTP 1 - 1978] e entrega-lhes os canais. (...) E entrega-lhes os canais com a missão de que eles construíssem canais que fossem, de certo modo, canais competitivos. (...)" - 00:47:42;
- **João Soares Louro (presidente da RTP 1978/1980):**
  - "Eu queria levar, até às últimas consequências, a competição entre o primeiro e o segundo canal (...)" - 00:48:03;
- **Jorge Leitão Ramos (crítico de TV):**
  - "(...) Isso é, de facto, uma época extraordinária porque, de repente, aparece um canal com uma exigência cultural muito diferente do que eram os outros, do que era a televisão até aí. Portanto, digamos, sem a preocupação do grande público. Era uma coisa que nunca tinha havido. Com a ideia de ser a alternativa. De ser, realmente, a alternativa. Ou seja, a pessoa podia escolher entre um e o dois. E havia

programas de interesse, quer num, quer noutra. Com uma informação completamente diferente. Com uma redação própria (...)" - 00:48:09;

- (...) Termina com José Cid no Festival da Canção em 1980;

## Ficha 5

RTP (2010, janeiro 16). Maria de Lourdes Pintasilgo [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/maria-de-lourdes-pintasilgo-2/>;

### Resumo:

Documentário biográfico dedicado a Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pintasilgo, engenheira química de formação, dirigente eclesial e política, a única mulher em Portugal a ocupar o cargo de Primeiro-Ministro quando liderou o V Governo Constitucional em 1979, um percurso de vida ilustrado com base em imagens de arquivo e depoimentos de personalidades que com ela privaram.

### Notas e citações:

00:20 - Imagens de Arquivo;

00:32 - Título e subtítulo;

00:40 - Lista de entrevistados;

00:59 - Banda Sonora (é uma opção e reflete as escolhas do documentarista):

- Neste caso escolheu Maria João Pires a tocar Chopin;

01:05 - "Que Governo Somos? Como nos podemos definir?" (Usa este trecho de MLP para descrever, em poucas palavras, como ela era;

- Também serve para apresentar o testemunho de Ramalho Eanes mais tarde na peça;

02:13 - Após as imagens, reforça a importância de, num governo de 100 dias, Pintasilgo fez muito;

03:06 - Uso do testemunho e opinião de **Adelino Gomes** (jornalista da altura):

- Após ter sido estabelecido os primeiros pontos, nas palavras do narrador ausente e pela voz de Pintasilgo nas imagens de arquivo, inicia-se a opinião dos outros;

04:28 - Arquivo de **Ramalho Eanes**;

04:38 - Testemunho de **Ramalho Eanes**:

- Explica o motivo da sua escolha;
- "(...)Estas medidas revelam como ela se preocupava com o setor menos dotado, materialmente, da sociedade portuguesa (...)" - 00:06:08;

06:51 - Imagens de MLP a receber a condecoração por **Ramalho Eanes** (Grã-Cruz Ordem Militar de Cristo);

07:24 - **Ramalho Eanes** relembra o episódio da Candidatura à UNESCO;

07:29 - Troca de entrevistado (**Luís Sousa Lobo**);

- "O brilho cultural e a sensibilidade política" - 08:34;
- Começa a transitar para as presidenciais de 1986 - 09:43;

09:43 - **Eduardo Lourenço**;

- "(...) vedeta (...)";
- "(...) Ela pertence a uma nova geração que, em princípio, estava destinada a geração que ia substituir pacificamente a velha guarda salazarista (...) "- 10:16;
- Imagem de MLP antes do 25 de Abril - 10:26;
- Explica a questão das mudanças rápidas que aconteciam no Portugal pós-democrático - 10:49;
- Mas também indica que as diferentes ideologias políticas, especialmente as ligadas ao antigo regime (do qual Pintassilgo pertencia), não se identificava com as suas ideias progressistas

11:35 - Imagem e áudio da campanha presidencial de Pintasilgo;

- "Pintassilgo vai para Belém";

11:43 - **Maria José Nogueira Pinto**:

- "(...) A candidatura de Pintassilgo demonstrou uma coisa (...) Portugal ainda é uma sociedade muito fechada a essa igualdade de estatutos(...)"
- "Há uma série de diferenças entre as mulheres e os homens que eu acho importante preservar(...) " - 12:26;
- Refere que as mulheres portuguesas não se sentiram, à altura representadas por MLP (mostra imagens);
- Uma Pessoa não alinhada;

14:10 - **Eduardo Lourenço**:

- "período de grande desilusão";

15:00 - Genérico e títulos das Presidenciais '86 (RTP1);

15:50 - **Luís Moita** (Professor Universitário):

- Fala sobre as comissões políticas;
- Reflexão;

17:49 - Imagens de arquivo do discurso de derrota;

18:45 - **Francisco Louçã:**

- Campanha contra;
- O argumento do medo;
- Uma campanha feita por voluntários;

**NOTA:** TODOS ESTES TESTEMUNHOS ATÉ ESTE MOMENTO, ELOGIAM E MOSTRAM PONTOS INTERESSANTES SOBRE PINTASSILGO, SOBRE QUEM ELA ERA NA INTIMIDADE. CONTUDO, TAMBÉM MOSTRAM QUE MUITAS DAS SUAS FRAQUEZAS ERAM PROVENIENTES DE ESTAR MUITO À FRENTE NO SEU TEMPO.

Mas, sempre reuniu consensos em todos os sítios onde foi;

A primeira mulher em muita coisas;

21:28 - Excerto do Programa "Nome da Mulher" (RTP, anos 70);

22:43 - **Maria João Seixas:**

- O lado da luta pelos direitos das mulheres;
- E também dos direitos dos mais desfavorecidos;
- "O grande '-ismo' do meu pensamento político, social e o Pintasilgismo" - 22:50;
- "Ela já dizia estas coisas antes [que hoje dizem comentadores] (...) E a pátria foi madrasta com ela. No sentido de que a ignorou excessivamente" - 25:00

23:10 - Imagem de Maria João Pires:

- Conta a história do angariação de fundos para a campanha, através do primeiro concerto que Maria João Pires deu no Coliseu;

25:00 - Documentos do tempo de Maria de Lourdes Pintasilgo nas Nações Unidas:

- Aparecem em rápida sucessão (escritas em inglês, com palavras assinaladas como "Woman" (mulher), "affect the life", "woman have time to live?", "woman fully responsible", "MISS MARIA DE LOURDES PINTASILGO");
- São acompanhadas de sons de datilografia de Máquina de Escrever e sons de motores de avião (simbolizam a natureza imparável de Pintasilgo. Sempre a trabalhar, sempre no movimento);
- Várias datas de diferentes países e capitais;
- "The planet's frontiers", "people's lives". \*\*\* em triângulo. O que significam?

26:11 - **Adelino Gomes:**

- "Teve sucesso na universidade das Nações Unidas. Teve sucesso no plano global. E não conseguiu entrar nas mil aldeias";

- Mulher para o mundo:

- Urbi et Orbi;

26:50 - Arquivo de MLP na televisão:

- "É que nós não podemos resolver os problemas portugueses se não nos situarmos em sintonia com a problemática do mundo contemporâneo (...)" - 26:49;

Adelino Gomes liga a questão do catolicismo:

28:29 - Liga com arquivo de uma entrevista, conduzida por Joaquim Letria, a MLP:

- Mostra a visão diferente de Pintasilgo em relação a Jesus Cristo: para uns, visto como uma força motora na história; para a Geração de Pintasilgo, como uma força motivadora no indivíduo;
- E de como ela era ostracizada em homilias ou em frente a outros padres.

Luis Moita falando sobre o "lixo acumulado" na história do Cristianismo;

Eduardo Lourenço:

- "Era uma chefe. Era uma mulher de efetivamente poder, em todos os sentidos do termo. E quando se é uma mulher no poder, entra-se dentro de uma estratégia de conflito com os outros e tem de se pagar de uma maneira ou doutra. Não é só uma opção que se fez. E ela pagou, mas eu penso que isso fazia parte da sua opção e do seu destino" - 33:30;

Volta a Maria João Pires - 34:24;

OUTRA NOTA: Existe uma circular de testemunhos, ao contrário de, por exemplo, o documentário de JHS. Que, muitas vezes, é JHS que fala na primeira pessoa e cada um dos entrevistados fala uma vez;

Adelino Gomes volta e pega num poema que MLP recitou na Antena 1:

- De seguida, ouve-se a voz de arquivo de MLP, intercalada com imagens e sons das ondas;

36:55 - O GRAAL

- "Uma loucura de mulheres";

37:30 - Isabel Allegro de Magalhães (Membro do Graal) - 37:30;

- Imagens das reuniões do Graal;

38:19 - Imagens de MLP no Graal

- "Há mulheres que fizeram escolhas, como MLP (...) Que fez uma escolha espiritual. Até abandonou a carreira";
- A importância de Teresa Santa Clara (que até certo modo ajudou MLP durante o tempo de ministra) - 38:42;

A fundação "Cuidar o Futuro" (Fátima Grácio - Presidente Fundação "Cuidar o Futuro") - 39:51;

Agora entra a parte da família e do crescimento de Maria de Lourdes Pintasilgo - 40:36;

- "It is a time of unpredictability" - É um tempo de imprevisibilidade;
- Várias imagens de Pintasilgo em diferentes etapas da vida;
- Sara Luísa Gouveia (Jurista) - 43:00;
- A contemporaneidade de MLP;

OUTRA NOTA: O documentário parte da imagem política, para a bravura, seguida da ideologia e pensamentos que tinha, para a família e depois para o íntimo;

46:40 - Marijke de Koning

- Mostra como ela era fluente em outras línguas e como era sensível aos problemas dos outros - 47:10;
- Após pousar a carta, a camera fixa por um longo tempo nas mãos de Marijke - 48:38;

O momento final;

49:00 - Acaba com voz de arquivo de MLP;

## Ficha 6

RTP (2011, Junho 10). Retratos - Uma Série Documental: José Hermano Saraiva [Vídeo]. RTP Arquivos. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jose-hermano-saraiva/>

### Notas e citações:

**VO:** "Poucos terão saber gerir o seu tempo como José Hermano Saraiva. Durante toda a sua vida, nunca parou de pensar, escrever, fazer e dizer. A vocação para falar em público surge-lhe cedo. Faz o seu primeiro discurso formal aos 15 anos no Conservatório Nacional. Nunca mais deixa de encantar audiências."

**JHS:** "Desde de garoto, eu adorava subir para uma cadeira e fazer um discurso. E recordo-me que quando estava no Liceu de Leiria (3ºano), os colegas elegeram-me para fazer o discurso de saudação aos antigos alunos. Depois na tropa, em Penafiel, o batalhão elegeu-me para fazer o discurso do fim do curso."

**VO:** "A tropa veio a revelar uma faceta voluntarista e aventureira."

**JHS:** "Nós tínhamos de carregar uma metralhadora de aço às costas durante 25km, portanto cinco etapas de cinco km, e cada soldado tinha de levar a metralhadora uma etapa. Mas os valentes não

levavam uma. Levavam duas, três, quatro. E eu, que era talvez o mais franzino de todos, levei cinco vezes a metralhadora. Claro que quando cheguei ao fim da etapa, da última etapa, pareceu-me mergulhar num clarão vermelho, perdi os sentidos e fiquei sem acordo durante muito tempo. Fui levado para o hospital. Tive uma coisa cardíaca grave, de que ainda hoje não estou refeito."

Quando um professor colocou-lhe um exame terrível, Saraiva protestou e fez um processo na secretaria. Chamando que o professor o ia "estender". Este episódio revela o lado temperamental de Saraiva. Foi graças aos seus colegas de curso, que o episódio não descambou mais, ao terem agarrado Saraiva e impedi-lo de ir-se contra os professores. Este episódio fê-lo tomar a decisão de não continuar na Faculdade de Letras e seguir para o curso de direito na Faculdade de Direito (tendo-se matriculado logo no ano seguinte), de onde se matriculou com 17 valores.

Foi também durante a faculdade, que Saraiva conheceu o grande amor da sua vida: Maria de Lourdes Sá Nogueira

**Maria de Lourdes Saraiva (Mulher de Saraiva):** "Era ele que fazia tudo naquela faculdade. Tudo o que competia a alunos, era ele que tratava de tudo. Fazia as festas, fazia competições, reuniões, tudo isso era ele que fazia. E foi assim que eu o conheci."

Após a conclusão dos estudos, José e Maria casam-se. Foi um casamento modesto, devido as privações de Portugal durante a IIGM. A lua de mel era suposto ser na casa de um familiar, mas devido à lentidão da locomotiva que os pretendia levar até lá, optam por sair em Alpedrinha e fazer um passeio pela Serra da Gardunha. Começando uma longa aventura, por entre a neve e o frio - reflete a natureza aventureira e sentimento de descoberta de Saraiva;

Sobre as aulas no Passos Manuel:

**Jorge Sampaio:** "A nossa turma aqui no Passos Manuel era bastante rebelde, mas com ele não era preciso exercer nenhuma disciplina porque aquilo era tão interessante, tão bem dito, tão bem falado. Era um pouco aquilo que ele hoje, nestes últimos anos tem feito na televisão. (...) Eu lembro-me, de uma forma completamente inesquecível, o que era o prof. Saraiva dar-nos o feudalismo, por exemplo."

**Joaquim Letria:** "Ele transfigurava-se quando falava de Camões, ele transfigurava-se quando falava dos Lusíadas e, mais do que falar dos Lusíadas, ele citava de cor e falava-nos dos cantos. Embora sempre, naturalmente, a contar-nos os versos e dividir orações, que era uma prática que naquela altura se tinha e não fazia mal a ninguém."

**Jorge Sampaio:** "(...) Foi um professor que nos cativou imenso para aquela disciplina e como pessoa, com o seu estilo pessoal que ainda hoje tem. Nunca foi um professor que, com a irreverência à altura, se pudesse gozar. Não, era uma pessoa respeitada. Era uma pessoa querida dos alunos e penso que todos recordamos com gosto. (...)"

**VO:** "Era um professor austero, mas utilizava os métodos de ensino mais inovadores. Eram, por exemplo, os próprios alunos que faziam o seu compêndio e ele depois mandava encadernar."

**VO:** "O primeiro filho nasce em final de 1945 (...) os outros quatro seguem-se ao primeiro. É um pai atarefado, mas presente."

**VO:** "Os valores católicos e de família também os expressa no presépio que tem construído em casa"

**Pedro Saraiva**, um dos filhos que seguiu as pisadas do pai na advocacia, afirma que o mote de "seguir causas em que acredita" e "tratar cada causa como se fosse uma causa sua" é a razão porque acha que era "o melhor modo de exercer a justiça". A luta pela verdade.

Exemplo disto, a defesa de casos, à altura, politicamente incorretos. O que sucedeu no julgamento de Henrique Galvão, José Vilhena ou ainda, quando no temível Tribunal Plenário, defende, com Mário Soares, um sobrinho acusado de atividades revolucionárias.

**Mário Soares:** "Participei num julgamento, que ainda me lembro muito bem, que foi um julgamento em que era um dos réus um sobrinho dele. E lembro-me desse julgamento [no Plenário], com as dificuldades que havia e com a PIDE, sempre a observar, tudo aquilo que nós dizíamos. E dizíamos coisas contra o regime, como é evidente, os juízes e toda a gente. E passamos, muitas vezes, rapidamente de advogados a réus, o que aconteceu a mim várias vezes."

**VO:** [Sobre os atos políticos, cujo primeiro ato foi a celebração do VII centenário das Cortes de Leiria] "O homem público, quer reconciliar os portugueses com a sua história e recuperar décadas de atraso."

Torna-se deputado em 1957, pelo círculo de Castelo Branco. Irritando o regime quer pelas suas propostas de revisão constitucional, como pelo elogio ao Estado Novo.

**JHS:** "O Antigo Regime era realmente uma grande nação, eramos o terceiro império do mundo, um país a progredir, um país sem dívidas, um país sem desemprego. Bem, como é evidente, eu tenho muito orgulho em ter servido esse regime que fez em Portugal durante quarenta anos, uma nação progressiva, prestigiosa. Uma grande nação europeia.

**VO:** "José Hermano mantém valores que extravasam para além da política. Toda a vida foi ligado muito ao irmão, o historiador António José Saraiva, que era então comunista e exilado político. Abandona a Assembleia em protesto porque, nem quando lhes morre a mãe, terem deixado o irmão vir a Portugal."

**José António Saraiva**, sobrinho de José Hermano, afirma que o tio chegou a discutir com Salazar esta razão e Salazar teve de infelizmente dizer que esta era uma situação que era remetida à PIDE. O sobrinho do apresentador também diz que José Hermano punha acima do pensamento político a família e, mais importante, o irmão e "que isso é uma coisa que seria injusto não reconhecer."

Mesmo assim, como afirma o documentário, Saraiva continuou, até ao fim da vida, a ter uma opinião favorável do ditador. Em resumo diz: "Salazar foi, realmente, um ditador. Mas foi um ditador santo. Era uma hipótese que nunca se tinha posto, um ditador é sempre um bandido. Aquele não era bandido, era santo."

**VO:** "O Arquivo da RTP guarda horas das visitas de José Hermano Saraiva. Nunca se tinha visto um ministro da Educação tão ativo."

Estabeleceu bases para o ensino primário, contratando mais professores, estabelecendo um plano nacional de leitura e contratou mais professores primários. Saraiva fez tudo para combater o analfabetismo, e, segundo Justino Mendes de Almeida (Sec. Estado Administração Escolar de 1968-1969), "conseguiu resultados."

Saraiva afirma que esses dois anos foram os mais longos da sua vida. Colmatou atrasos de décadas e lançou bases para mudar a pedagogia. Os estágios, os liceus, criar saídas profissionais através dos institutos politécnicos."

Saraiva só assiste a um conselho de ministros com Salazar. O ditador é internado logo a seguir a uma queda e Saraiva é considerado na lista de sucessores. Acaba por ficar como ministro, no governo de "evolução na continuidade" de Marcello Caetano e fica responsável pela reorganização do Ensino Superior. Situação que lhe valeria a saída do governo.

Sobre o "Tempo e a Alma":

- **Luís Andrade, realizador de televisão:** "Ainda falava um bocadinho como se fosse para catedráticos. Portanto, tanto eu, como o Emídio Uva, que era o produtor, aconselhamo-lo a falar como se fosse "para a quarta classe". Os catedráticos veem que esta a falar assim para que todos percebam e atinge o público que é aquele fundamental, que é o menos culto. Desde o primeiro programa que o sucesso público foi enorme. (...) De crítica, o próprio Mário Castrim faz uma crítica extraordinária ao programa e ele ganha, no final do ano, o prémio de imprensa do melhor programa anual."

**VO:** "Afirma-se logo o grande comunicador da televisão, em programas simples, despojados, quase sem adereços. Sempre e só pelo valor do seu discurso."

Presava a imagem visual e o uso do colete, como refere Manuel Azevedo (alfaiate de José Hermano Saraiva)

Saraiva foi saneado em 1975 do Liceu Gil Vicente, depois de ter tido ameaças de morte por parte dos extremismos, e exila-se na Nazaré. Durante esse tempo, aproveita para escrever a Historia Concisa de Portugal (fá-lo em 2 meses) a pedido de Tito Lyon de Castro, editor;

Regressa à televisão em 1978, com 59 anos

**Vasco Graça Moura:** "O professor José Hermano Saraiva impunha-se pela qualidade da sua comunicação, do seu saber, da sua versatilidade enquanto figura da televisão, a falar do nosso património, da nossa cultura, da nossa identidade e interpelava muita gente exatamente por esse

aspecto importantíssimo, que tem a ver com o mais íntimo de nós. Penso que, ao fim de pouco tempo, já estava completamente aceite por toda a gente e penso que não me enganei ao propor a contratação dele (que, de resto, foi logo aceite pela administração), porque foi feita dentro de uma intenção de reforçar a componente cultural dos programas da RTP. Creio que foi o único ponto, que ao longo de trinta e tal anos, se manteve até hoje com um interesse cada vez maior por parte do público e creio que isso foi uma aposta ganha."

**JHS:** "Eu fazia parte do antigo regime, não me queixo nem de perseguições, nem de violências. Mas em todo o caso é evidente que deixei de fazer parte da camada ativa do Estado. Isso é que me deu o tempo de exposição e alegria para fazer os programas da televisão. Eu, a partir do 25 de abril, sou um homem da televisão. Já lá vão quase quarenta anos e continuo a sê-lo."

**VO:** "Quase mil programas depois, José Hermano Saraiva continua incansavelmente a assegurar uma emissão semanal. Não há memória na televisão portuguesa de nenhum programa tão duradouro. Tanto esforço impressiona ainda mais quem sabe o que um único minuto de televisão exige."

**José António Crespo:** "O prof. José Hermano Saraiva está permanentemente em trabalho, está sempre a trabalhar. Quer esteja na cama ou onde for, a cabeça daquele cientista, investigador, escritor, ensaísta, palestrante, tudo aquilo que quiser. A cabeça dele em permanente atividade."

**VO:** "A acompanhar esta atividade está sempre José António Crespo. Foi a equipa deste pequeno produtor privado de televisão que tornou possíveis esses programas. E a história, tal como descrita por José Hermano Saraiva, continua a agradar. Não obstante uma visão por vezes muito pessoal, que uma vez o historiador justificou ao seu antigo aluno Luís de Sttau Monteiro."

**VO:** "Por detrás, ficaram quase milhares de quilómetros pelas terras quase todas de Portugal. E também algumas das gravações mais trabalhosas, que mesmo para os mais geniais, a televisão se faz por tentativa e erro. Só desde que adoeceu gravemente há alguns anos é que o professor Hermano Saraiva recorre a notas escritas. Até aí, fazia os programas todos de memória, baseando-se em muito trabalho de pesquisa prévia. Preferia até improvisar, para ser mais autêntico. E até era perfeitamente capaz de fazer mais uma gravação à hora de jantar (por exemplo, o episódio sobre Mirandela de Horizontes de Memória - 06/07/1997)."

No documentário também dá para ver, como no caso de cenas cortadas do episódio "Surpresas em Montalegre" (21-03-1999), como José Hermano Saraiva manteve também sempre a coragem de soldado para concretizar filmagens mais arriscadas. Neste caso, enfrentado o gado barrosão e até virando as costas ao bovino de chifres afiados, face ao imperativos da câmara e com mais de oitenta anos de idade.

**Herman José:** "Pelo professor, tenho paixão. A relação que eu tenho com ele é visceral, é profunda. É antiga. Ele faz-me companhia, embala-me e sobretudo cultiva-me porque a cada frase dele encerra uma portazinha para abrir, para descobrir mais alguma coisa, ir à pesquisa de outra realidade qualquer e isso é que é estimulante nele. Isto, aliado ao facto de eu o imitar ao longo da vida (e cada vez melhor), porque ultimamente não há espetáculo nenhum em que eu não fale nele. Em qualquer terra em que eu estou, arranjo sempre maneira de dizer: o que é que o Professor diria se lá estivesse? É sempre um momento encantador"

**VO:** "Em cada terra em que estive, José Hermano Saraiva demonstrou uma sagacidade de um jornalista veterano. É sempre in loco que consegue recolher aqueles detalhes que não vêm nos livros e que só os naturais da terra conhecem, para colorir o seu discurso." - O grau de espontaneidade

**VO:** "Conservou sempre a curiosidade intelectual do professor, a vontade de descobrir e contar uma parte da história que nunca tenha sido contada antes. Essa determinação para escalar montanhas, se preciso for, para alargar os horizontes do conhecimento marca todas as emissões."

**VO:** "Ao longo dos anos, os seus programas mudaram de nome. Mudou também um pouco de formato. Atualizou técnicas de filmagem, mas baseou-se na sua capacidade de transmitir cultura de forma simples. Sempre sem deixar esmorecer a atenção dos espectadores e sempre sem como se os anos não lhe pesassem."

**JHS:** [Contando a história das velhinhas] "(...) Ele é como o vinho do Porto!"

**VO:** "O sucesso económico acompanhou a popularidade televisiva. A fama trouxe fortuna. Nos anos 90, foi das primeiras figuras públicas da RTP a fazer publicidade (ex. a publicidade "Fonsecas & Burnay" de uma coleção de moedas, com os rostos dos reis de Portugal). Geria

apenas a imagem que tinha construído, uma atitude hoje habitual, mas na altura muito criticada a um historiador."

**VO:** "O reconhecimento académico tardou um pouco mais. Em 2010, a Academia Portuguesa de História havia finalmente de o homenagear publicamente, em sessão extraordinária, pelo trabalho de uma vida na divulgação da história de Portugal."

**JHS** (no final do documentário, em retrospectiva de uma vida inteira): Tive uma família como gostava, fiz uma casa como gostava, publiquei livros como gostava. Só tenho amigos, não tenho inimigos. Aliás, a morte, realmente é a meta da chegada. É uma meta de chegada. Para o corredor, avistar a meta é uma alegria. Estar perto da meta. Se realmente durante a corrida, a gente não cometeu nenhum erro. Se vamos chegar à meta na hora certa, eu, com 91 anos que tenho, penso que já é a hora certa. Portanto, é com um alívio, com uma certa alegria que penso com saudade de todos os que aqui deixo."